



A Influência da Arte Clássica na Arte Renascentista: um caso prático

Mariana Sofia Rosa Cerejo

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada orientada pelo Professor Doutor
Miguel Corrêa Monteiro

Mestrado em Ensino de História no 3.º ciclo do Ensino Básico e no Ensino
Secundário

2022



A Influência da Arte Clássica na Arte Renascentista: um caso prático

Mariana Sofia Rosa Cerejo

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada orientada pelo Professor Doutor
Miguel Corrêa Monteiro

Mestrado em Ensino de História no 3.º ciclo do Ensino Básico e no Ensino
Secundário

2022

DEDICATÓRIA

*Aos meus pais
Eternamente grata,
Mariana Cerejo*

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Professor Doutor Miguel Corrêa Monteiro por todo o apoio neste percurso. Obrigada pela presença, conselhos e força, não só nesta orientação, mas nestes anos.

Obrigada à Professora Luísa Soares pelo apoio e conselhos que nos deu, por nos ter acolhido na Escola e ensinado. Será uma inspiração para a vida.

Obrigada à Professora Elisabete Isidoro pela simpatia e por nos ter permitido aumentar a nossa experiência na Escola. Foi muito valioso para o nosso percurso.

Aos alunos do 10.ºL pela simpatia que sempre nos deu coragem para continuar.

À mãe por todo o apoio e paciência incondicionais, nos melhores e piores momentos. Por nos apoiares no nosso percurso escolar desde o início. Obrigada pela companhia nos momentos em que a ansiedade nos impedia de continuar. Ao pai por nos ter ensinado a gostar de História, mesmo sem a intenção. Obrigada pelo entusiasmo e companhia nas horas de estudo. Ao irmão pela compreensão, conselhos e por nos ouvir nos bons e maus momentos.

Ao namorado pela coragem e apoio que nos deu e pela paciência com que nos ouviu.

Por último, a todos os colegas de Mestrado que tornaram o percurso mais fácil, através do apoio e partilha.

Índice

DEDICATÓRIA	i
AGRADECIMENTOS	ii
Índice de Imagens	vi
Índice de Tabelas	ix
Índice de Anexos	x
SIGLAS E ABREVIATURAS	xii
RESUMO	xiii
ABSTRACT	xiv
Introdução	1
PARTE 1 – Contexto Escolar	3
Escola Secundária do Pinhal Novo	4
Experiência no Estágio	7
Caracterização da Turma - 10.º L	11
Parte 2 – Enquadramento Didático	13
Teorias da Aprendizagem	14
A Aprendizagem Significativa de David Ausubel	15
A Aprendizagem por Descoberta de Jerome Bruner	21
Parte 3 – Prática de Ensino Supervisionada	25
Primeira Aula – Terça-feira, 3 de novembro de 2020	26
Segunda Aula – Quinta-feira, 5 de novembro 2020	34
Terceira Aula – Segunda-feira, 9 de novembro 2020	40
Quarta Aula – Terça-feira, 10 de novembro 2020	46
Quinta Aula - Quinta-feira, 12 de novembro 2020	52
Atividades Realizadas	59
Primeira Atividade	61
Segunda Atividade	63

Terceira Atividade.....	65
Quarta Atividade	67
Parte 4 – Influência da Arte Clássica na Arte Renascentista: um caso prático.....	69
Primeira Aula sobre a Arquitetura Renascentista	70
Segunda Aula sobre a Arquitetura Renascentista	77
Terceira Aula sobre a Arquitetura Renascentista.....	84
Considerações Finais	92
Bibliografia.....	94
Documentos Legais:	95
Manuais Escolares:	95
Vídeos:	95
Webgrafia:	96
Anexos	97
Planificações	97
Planificação da Primeira Aula Lecionada	97
Planificação da Segunda Aula Lecionada	98
Planificação da Terceira Aula	99
Planificação da Quarta Aula.....	100
Planificação da Quinta Aula.....	101
Apresentações PowerPoint	102
Apresentação PowerPoint da Primeira Aula Lecionada	102
Apresentação PowerPoint da Segunda Aula Lecionada	114
Apresentação PowerPoint da Terceira Aula Lecionada.....	127
Apresentação PowerPoint da Quarta Aula Lecionada	141
Apresentação PowerPoint da Quinta Aula Lecionada	156
Páginas do Manual.....	180
Esquemas conceptuais	185

Mito da Fundação de Roma	185
Senado e Magistraturas	185
Sociedade Romana	186
Cidadão Romano	186
Arquitetura Renascentista	187
Planificações.....	187
Ficha de Trabalho.....	190
Jogo: Alberti ou Vitruvius	191

Índice de Imagens

Figura 1 – Escola Secundária do Pinhal Novo	4
Figura 2 – Sumário da aula do dia 3 de novembro.....	26
Figura 3 – Povos da Península Itálica: Etruscos.....	27
Figura 4 – Povos da Península Itálica: Itálicos e Gregos	28
Figura 5 – Mito da Fundação de Roma	29
Figura 6 – Mito da Fundação de Roma na <i>Eneída</i>	29
Figura 7 – Excerto da página 86 do manual	31
Figura 8 – Mapa do Império Romano no Segundo Triunvirato	35
Figura 9 – Títulos de Augusto	36
Figura 10 – Títulos de Augusto	36
Figura 11 – Império Romano no Século de Augusto	37
Figura 12 – Teatro de Palmira	42
Figura 13 – Fórum Romano	43
Figura 14 – Templos Romanos.....	44
Figura 15 – A cidade romana	44
Figura 16 – Abóboda de Berço e Abóboda de Arestas.....	47
Figura 17 – Técnicas e Instrumentos de Engenharia.....	47
Figura 18 – Ruínas da Cidade Etrusca de Marzabotto	48
Figura 19 – <i>Tholos</i> de Delfos e Templo de Hércules Victor	49
Figura 20 – <i>Parténon</i> e <i>Maison Carrée</i>	50
Figura 21 – <i>Pont du Gard</i>	52
Figura 22 – Comparação entre Teatros Gregos e Romanos	53
Figura 23 – Mapa da Cidade de Roma	54

Figura 24 – Basílica de Maxêncio e Constantino	55
Figura 25 – Termas de Diocleciano.....	56
Figura 26 – Reconstrução de uma <i>Domus</i>	57
Figura 27 – Cúpula de <i>Santa Maria del Fiore</i>	72
Figura 28 – Interior da Igreja do Espírito Santo.....	73
Figura 29 – Fachada da Capela dos Pazzi	73
Figura 30 – Interior da Capela dos Pazzi.....	73
Figura 31 – Fachada de <i>Santa Maria della Novella</i>	75
Figura 32 – Fachada de <i>Santa Maria della Novella</i>	75
Figura 33 – Fachada da Igreja de Santo André	76
Figura 34 – Interior da Igreja de Santo André.....	76
Figura 35 – <i>Tempietto de San Pietro in Montorio</i>	79
Figura 36 – Proporções para uma Igreja de Francesco di Giorgio	81
Figura 37 – Homem Vitruviano de Leonardo da Vinci.....	81
Figura 38 – Projetos Arquitetónicos de Leonardo da Vinci	81
Figura 39 – Projetos Arquitetónicos de Leonardo da Vinci	81
Figura 40 – Basílica de São Pedro do Vaticano	82
Figura 41 – Fachada do Palácio Medici-Riccardi	85
Figura 42 – Interior do Palácio Medici-Riccardi.....	85
Figura 43 – Planta do Palácio Medici-Riccardi.....	85
Figura 44 – Fachada do Palácio Rucellai	86

Figura 45 – Fachada do Palácio Farnese	87
Figura 46 – Exterior da <i>Villa Capra</i>	88
Figura 47 – Planta da <i>Villa Capra</i>	88
Figura 48 – Praça Ducal de Vigevano	89
Figura 49 – Praça do Capitólio.....	90
Figura 50 – Cidade Ideal de Piero della Francesca	91
Figura 51 – Cidade Ideal Sforzinda de Filarete.....	93

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Resultados dos exercícios da aula do dia 3 de novembro.....	61
Tabela 2 – Resultados dos exercícios da aula de 5 de novembro.....	63
Tabela 3 – Resultados dos exercícios do dia 9 de novembro	65
Tabela 4 - Resultados dos exercícios do dia 10 de novembro.....	67

Índice de Anexos

Anexo 1 – Planificações das Aulas Lecionada.....	97
Anexo 1.1 – Planificação da Primeira Aula Lecionada.....	97
Anexo 1.2 – Planificação da Segunda Aula Lecionada.....	98
Anexo 1.3 – Planificação da Terceira Aula Lecionada	99
Anexo 1.4 – Planificação da Quarta Aula Lecionada.....	100
Anexo 1.5- Planificação da Quinta Aula Lecionada	101
Anexo 2 – Apresentações PowerPoint	102
Anexo 2.1 – Apresentação PowerPoint da Primeira Aula Lecionada	102
Anexo 2.2 – Apresentação PowerPoint da Segunda Aula Lecionada	115
Anexo 2.3 – Apresentação PowerPoint da Terceira Aula Lecionada.....	137
Anexo 2.4 – Apresentação PowerPoint da Quarta Aula Lecionada	141
Anexo 2.5 – Apresentação PowerPoint da Quinta Aula Lecionada	148
Anexo 3 – Páginas do Manual.....	180
Anexo 4 – Esquemas Conceptuais	185
Anexo 4.1 – Mito da Fundação de Roma	185
Anexo 4.2 – Senado e Magistraturas	185
Anexo 4.3 – Sociedade Romana.....	186
Anexo 4.4 – Cidadão Romano.....	186
Anexo 5 – Planificações de Aulas sobre a Arquitetura Renascentista	187
Anexo 5.1 – Planificação da Primeira Aula sobre Arquitetura Renascentista	187
Anexo 5.2 – Planificação da Segunda Aula sobre Arquitetura Renascentista	188
Anexo 5.3 – Planificação da Terceira Aula sobre Arquitetura Renascentista.....	189

Anexo 6 – Ficha de Trabalho	190
Anexo 7 – Jogo: Alberti ou Vitrúvio	193

SIGLAS E ABREVIATURAS

Lista de Abreviaturas:

<i>Apud</i>	segundo/conforme
<i>Ibidem</i>	mesmo lugar
<i>Idem</i>	o mesmo
Cit.	Citação
Fig.	Figura
n.º	número
p	página
pp	páginas
ppt	PowerPoint Presentation
(...)	corde na citação de texto

Lista de Siglas:

HCA	História da Cultura e das Artes
MAD	Método de Aprendizagem por Descoberta
MADO	Método de Aprendizagem por Descoberta Orientada
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

Norma, conformidade e grafia:

Este relatório de prática supervisionada foi realizado de acordo com as *Orientações para o desenvolvimento e elaboração do relatório de prática de ensino supervisionada*, da Comissão Científica dos Mestrados em Ensino, de 5 de dezembro de 2012 e retificado e 22 de junho de 2017. Foi redigido em conformidade com as normas do Acordo Ortográfico de 1990. As referências bibliográficas e citações seguem a Norma Portuguesa 405.

RESUMO

Este relatório de Prática Profissional Supervisionada tem como objetivo realizar uma proposta didática sobre a influência Clássica na Arte do Renascimento. Com isto podemos analisar a utilização de conhecimentos que os alunos adquiriram no início do ano para trabalhar em outros temas no futuro. Em uma primeira fase, serão analisadas as aulas lecionadas na Escola Secundária do Pinhal Novo, no Concelho de Palmela, sobre a arquitetura romana e o contexto histórico, de seguida será demonstrado como, a partir destas aulas, poderiam ser abordados temas do Renascimento. Os alunos seriam conduzidos a identificar semelhanças e também a compreender o motivo das mesmas, tendo em conta aspetos da cultura romana. Com isto é pretendido fomentar a autonomia, a curiosidade e a capacidade dos alunos de criar relações entre temas, a partir de uma exposição inicial. Para tratar estes assuntos, o foco estará em temas da disciplina bianual de História da Cultura e das Artes, sendo estes o Módulo 2 – Cultura do Senado e o Módulo 5 – Cultura do Palácio do 10.º ano de escolaridade.

Palavras-chave: Arte, Antiguidade Clássica, Renascimento, Didática da História

ABSTRACT

This report of Supervised Professional Practice aims to create a teaching proposal about the Classical influence in Renaissance Art. With this we can analyse the use of knowledge that students have gained at the beginning of the year to work on other topics in the future. In a first step, we will analyse the lessons taught at the Pinhal Novo Secondary School, in Palmela, about Roman architecture and its historical context, then we will demonstrate how, from these lessons, Renaissance themes could be approached. Students would be led to identify similarities and also understand the reason for them, taking into account aspects of Roman culture. The aim is to encourage autonomy, curiosity and the students' ability to create links between themes, starting from an initial exposure. To address these issues, the focus will be on topics from the biannual subject History of Culture and the Arts, these being Module 2 – Culture of the Senate and Module 5 – Culture of the Palace from year 10.

Key-words: Art, Classical Antiquity, Renaissance, History Didactics

Introdução

O presente Relatório de Prática Supervisionada foi realizado no âmbito da unidade curricular de Iniciação à Prática Profissional III e orientado pelo Professor Doutor Miguel Corrêa Monteiro no ano letivo de 2020/2021. O estágio curricular foi realizado na Escola Secundária do Pinhal Novo, sob a orientação da Professora Cooperante Luísa Soares.

O relatório incide em cinco aulas de 100 minutos, lecionadas ao 10.º L do curso científico-humanístico de Artes Visuais. Os temas lecionados pertencem ao Módulo 2 – Cultura do Senado, sendo estes *A lei e a ordem no Império* e *A arquitetura romana entre o belo e o útil*. Os conteúdos selecionados seguiram as indicações do Programa de História da Cultura e das Artes do 10.º ano¹ e das Aprendizagens Essenciais de História da Cultura e das Artes do 10.º ano². Sobre este último valorizámos, também, as Áreas de Competência³.

O tema selecionado para este relatório *A Influência da Arte Clássica na Arte Renascentista: um caso prático*, surgiu de uma sugestão do Professor Doutor Miguel Monteiro, unindo duas áreas de interesse da mestranda e permitindo uma reflexão sobre como as aulas lecionadas podem facilitar a abordagem de aulas futuras, princípio que está presente nas teorias de aprendizagem que foram utilizadas.

O relatório consiste em quatro partes distintas. Na primeira referimos o *Contexto Escolar*, apresentando a Escola Secundária do Pinhal Novo e a sua contextualização no concelho, a caracterização do 10.ºL e referindo a nossa experiência no estágio curricular. Na nossa experiência mencionámos as aulas assistidas, visitas de estudo e o contexto da pandemia. Na segunda parte abordámos *O Enquadramento Didático*, abordando as teorias de aprendizagem selecionadas, numa primeira parte de um modo geral e depois cada teoria de um modo detalhado. Na terceira parte referimos a *Prática de Ensino Supervisionada*, onde descrevemos e comentámos as aulas lecionadas e as atividades

¹ Direção Geral da Educação, *Programa da História da Cultura e das Artes 10º, 11º e 12º anos*, República Portuguesa, 2004

² Direção Geral da Educação, *Aprendizagens Essenciais - Secundário - História da Cultura e das Artes 10.º ano e 11.º ano de escolaridade*, República Portuguesa, 2018

³ *Ibidem*, p.5

realizadas pelos alunos, referindo como aplicámos as teorias de aprendizagem seleccionadas. Por último, na quarta parte, propomos um caso prático explorando como a Influência da Arte Clássica na Arte Renascentista pode ser utilizada como ferramenta para facilitar a aprendizagem dos alunos, baseando este modelo nas teorias de Jerome Bruner e David Ausubel. Para isto utilizámos a arquitetura renascentista como exemplo, uma vez que lecionámos a arquitetura romana.

PARTE 1 – Contexto Escolar

Escola Secundária do Pinhal Novo

A Escola Secundária do Pinhal Novo⁴ situa-se na freguesia do Pinhal Novo, concelho de Palmela, no distrito de Setúbal. Está localizada na Rua Professor Henrique Bastos. Esta instituição foi construída no ano de 1987, com três blocos de salas de aula e um de serviços. Em uma segunda fase no ano de 1993 foram adicionados mais três blocos de salas e balneários. Mais recentemente a escola foi alvo de obras que melhorou em muito as suas condições, passando a ter um bloco de serviços e dois de salas. A escola contém salas de Tecnologias de Informação e Comunicação, Biblioteca e Laboratórios, no entanto carece de um Pavilhão Gimnodesportivo completo. É na Escola Secundária do Pinhal Novo que está sediado o Centro de Formação da Comunidade Educativa de Palmela. Este centro originou da associação de todas as escolas do concelho e organiza Ações de Formação Contínua.



Fig. 1 – Escola Secundária do Pinhal Novo

Esta instituição está envolvida em diversos projetos, como o Eco-escolas e o desporto escolar. Assinou também protocolo com o Observatório Internacional dos Direitos Humanos para ser sede do Núcleo de Direitos Humanos ao Serviço da Humanidade. É uma escola associada à UNESCO. Participa também num projeto de

⁴ ESCOLA SECUNDÁRIA DO PINHAL NOVO. ES Pinhal Novo. Pinhal Novo: Escola Secundária do Pinhal Novo [Consult. 27 jan. 2021] Disponível em: <https://www.espinhalnovo.org/>

nome AVeMAR, em que se promove a observação de aves no Estuário do Sado, mais particularmente na Marateca.

Esta escola secundária oferece cursos profissionais e cursos científico-humanísticos para o Ensino Secundário. Tem ainda 3.º Ciclo do Ensino Básico em regime semestral, o que significa que cada disciplina ocupa apenas um semestre. É frequentada por milhares de alunos, devido às suas excelentes instalações e espaço abundante. O número de alunos cresce de ano para ano, uma vez que a população da freguesia do Pinhal Novo, segundo o censo de 2021⁵, é de cerca de 26 991 habitantes e está a aumentar. Isto acontece devido ao sistema de transportes que liga o Pinhal Novo, não só à capital portuguesa, mas também a outras capitais de distrito como, por exemplo, Setúbal, Évora, Beja, entre outras. Sendo uma vila pacata com o imobiliário a custos mais baixos que em Lisboa, muitos optam por afastar-se da cidade e fazer a viagem todos os dias.

A vila do Pinhal Novo sempre foi um local de passagem para os viajantes. Para além dos caminhos de ferro já mencionados, situa-se nesta freguesia a Estrada dos Espanhóis, a rota dos Círios da Atalaia, Estradas Nacionais e ainda caminhos e aceiros. Se vamos fazer uma referência à História do Pinhal Novo, temos de começar pelo ano de 1833, quando foi fundado o Círio da Carregueira. Em 1856 foram iniciadas as obras do caminho de ferro e no ano seguinte foi fundado o Círio dos Olhos de Água. Cinco anos depois os caminhos de ferro foram inaugurados com os circuitos do Pinhal Novo a Setúbal e do Barreiro a Vendas Novas. É desta época que data o nome Pinhal Novo, sendo que anteriormente era conhecido como Lagoa da Palha. No dia 7 de fevereiro de 1928, com o Decreto-Lei n.º 15 004 o Pinhal Novo foi, finalmente, elevado a freguesia⁶.

A população permaneceu pequena até aos anos 70. Com a chegada de gentes da Beira Litoral, Vale do Mondego, Beira e do Alentejo. A maior vaga de novos habitantes deu-se entre os anos de 1970 e 1975 com população vinda do Alentejo e Algarve. Depois do 25 de abril as condições de vida da população aumentaram, através de melhoramentos

⁵ INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. Censos 2021 Contámos com todos. INE – Plataforma de divulgação dos Censos 2021 – Resultados Provisórios: Instituto Nacional de Estatística. [Consult. 15 jun. 2022] Disponível em: https://www.ine.pt/scripts/db_censos_2021.html

⁶ JUNTA DE FREGUESIA DO PINHAL NOVO. História do Pinhal Novo. Junta de Freguesia Pinhal Novo: Junta de Freguesia do Pinhal Novo [Consul. 15 jun. 2022] Disponível em: <https://www.juntapinhalnovo.pt/territorio/historia>

na freguesia. Em 11 de março de 1988 o Pinhal Novo foi elevado a Vila, categoria que mantém até hoje⁷.

⁷ *Idem*

Experiência no Estágio

O estágio teve a duração de três semestres, sendo interrompido no segundo semestre devido ao fecho das escolas causado pela pandemia, recomeçando assim no terceiro. Por este motivo o percurso na escola foi mais curto que o previsto, mas todas as diferentes oportunidades de aprendizagem foram aproveitadas. Iremos fazer um resumo da nossa experiência, sublinhando as diferentes oportunidades que surgiram, a nossa relação com as Professoras Cooperantes e com os alunos.

A primeira entrada na escola deu-se no final de setembro de 2019 a uma quarta-feira à tarde, quando a maioria dos alunos não estava presente. Nesse dia dirigimo-nos à receção e pedimos para falar com a Professora Luísa Soares. Depois das apresentações fomos levados numa visita guiada pela escola. Ficamos a conhecer os blocos, a biblioteca, a sala de professores, a sala do núcleo de História e a localização das salas de aula utilizadas. O dia acabou com uma pequena reunião em que partilhámos os contactos, os horários e discutimos expectativas. Pouco tempo depois já frequentávamos as aulas, ficando na última fila a assistir. Durante todo o percurso sentimo-nos bem-vindos e fomos bem tratados por todos os que nos rodearam, desde os alunos, outros Professores, funcionários da escola e principalmente pela Professora Cooperante. A única complicação que ocorria era as funcionárias confundirem-nos com um membro do corpo docente e assim o acesso às salas era-nos limitado. Apesar de já termos previsto esta situação, aconteceu com mais frequência que o previsto nos dois anos de estágio. O número de alunos na escola e o fecho da mesma podem ter contribuído para isto.

Graças à Professora Cooperante tivemos diversas oportunidades. No primeiro ano conseguimos até participar em duas visitas de estudo. A primeira visita de estudo foi realizada com um 11.º ano, no Museu Calouste Gulbenkian. No entanto, só conseguimos estar em metade da visita, pois era dia de exercício de criação de testes. No dia seguinte foi a segunda visita de estudo, desta vez com o 10.º ano até à Sé de Lisboa e ao Museu Nacional de Arte Antiga. Como estudantes aproveitámos todas as oportunidades de aprendizagem e foi possível retirar algumas conclusões. Por exemplo, as visitas de estudo são uma ótima altura para falar com os alunos e ficar a conhecê-los melhor. É também uma oportunidade de perceber algumas das dificuldades e preferências de temas de

estudo. Infelizmente devido à situação vivida não tivemos oportunidade de participar em mais visitas de estudo.

Houve oportunidade de assistir a diversos tipos de reuniões. Começando por duas reuniões de Encarregados de Educação. Aqui aprendemos a usar um *PowerPoint* como apoio, uma vez que oferece uma linha condutora e permite colocar tudo o que for necessário, evitando esquecimentos. É, também, uma forma de os Encarregados de Educação terem a oportunidade de copiar o que acharem importante se assim o preferirem. No final é enviado por *e-mail* a todos, para que, mesmo que não estivessem presentes possam estar atualizados. Percebemos que é importante guiar a reunião com cuidado, evitando mudanças de assunto. Estivemos presentes em duas reuniões de conselho de turma (uma no primeiro ano e uma no segundo ano de estágio para o 11.º H e 10.ºL), uma reunião de departamento e uma reunião de núcleo de História. A partir destas foi possível não só compreender os procedimentos de cada, mas compreender questões sobre a avaliação dos alunos, por exemplo, a decisão dos critérios de avaliação e ainda aprender os novos procedimentos na escola (incluindo aulas e intervalos) para tentar limitar o contacto entre alunos e conter a pandemia. Para além disto foram realizadas reuniões de núcleo de estágio sempre que possível para discutir questões sobre a escola e as aulas, aproveitando o tempo para colocar questões e tirar dúvidas. No segundo ano estas foram substituídas por sessões individuais, sendo mais prático para discutir situações e ideias relacionadas com as aulas a serem lecionadas.

A nossa relação com a Professora Luísa Soares foi positiva. Recebemos muito apoio, seja este na forma de conselhos ou recursos, como, por exemplo, livros, vídeos e ppts. Sempre que necessário a Professora Luísa Soares estava disposta a nos ajudar, seja por e-mail, telefona ou até presencialmente. A relação entre a Professora e os alunos era, também, positiva, o que percebemos desde o início do estágio. Esta era mantida através de paciência e respeito pelas turmas e estas respondiam do mesmo modo. As interações positivas com os alunos permitiam a sua cooperação durante as aulas. Através da observação destas foi possível realizar várias aprendizagens. A primeira foi planear muito bem as aulas. Todas as aulas assistidas foram produtivas e demonstraram o empenho necessário para a sua preparação. No entanto, a segunda lição foi alterar os planos se necessário. Se ocorrer um imprevisto, se os alunos tiverem uma dúvida não relacionada com os conteúdos programados, se a aula começar mais tarde e se ficarmos sem os apoios necessários como o computador ou projetor é necessário alterar o plano da aula. Há

sempre uma alternativa, o principal é manter a calma e enfrentar o desafio. A capacidade de alterar o rumo do diálogo para que a turma se concentre nos conteúdos a serem lecionados foi também uma observação que nos foi relevante. Quando a turma se distraía, a Professora Luísa Soares conseguia conduzir o diálogo sem ter de pedir aos alunos silêncio. Outra aprendizagem foi a utilidade de anunciar no início da aula o que iríamos estudar, explicando o motivo pelo qual o estamos a estudar. Por último, realizámos duas aprendizagens ligadas à realização de exercícios em aula: avisar previamente a turma, para que esta se sinta mais preparada e ainda a importância do *feedback* para motivar os alunos a entregar e melhorar o seu trabalho.

Uma vez que a Professora Luísa Soares não tinha turmas do Ensino Básico fomos apresentados à Professora Cooperante Elisabete Isidoro, que muito amavelmente nos permitiu assistir às suas aulas e ainda lecionar nas suas turmas. Oportunidade que foi aproveitada no primeiro ano com uma turma do 8.º ano durante 150 minutos, antes das escolas fecharem. Este acesso ao Ensino Básico foi bem-vindo, pois aprendemos que há grandes diferenças entre os alunos e o currículo do Ensino Básico e Secundário. Assim foi possível ter diferentes experiências e ter um percurso de estágio mais completo, tendo em conta que, em comparação com anos anteriores, o nosso foi mais curto.

A pandemia moldou o estágio de uma forma inesperada. Para começar perdemos quase um semestre inteiro de trabalho na escola e com isto ficamos sem lecionar a maior parte das aulas planeadas. Como já referimos foram realizados apenas 150 minutos, cerca de um quinto do previsto. Isto deixou-nos com menos tempo de preparação para as aulas do terceiro semestre, mencionadas neste relatório. A falta de experiência foi sentida e não podemos deixar de pensar que mais experiência no segundo semestre, seria uma ajuda para o terceiro. Para além disto o próprio funcionamento da escola mudou. A circulação seguia por um sentido e os alunos podiam fazer os intervalos nas salas. As horas para as casas de banho serem frequentadas passaram a ser exclusivamente durante as aulas. Até a própria interação com a turma sofreu alterações. O uso das máscaras, por exemplo, limitava a compreensão das reações e questões dos pupilos e até tornou mais difícil aprender os nomes. Sem as máscaras não é fácil reconhecer os mesmos alunos com quem se passa horas na sala de aula. Segundo as regras da escola os alunos não podiam partilhar materiais, no entanto esta regra era difícil de controlar. Os lugares deviam estar distribuídos para permitir manter a distância de segurança, o que se tornou impossível uma vez que a sala era pequena e a turma em crescimento. Estas restrições eram

impossíveis de manter e nos intervalos levantavam-se e podiam retirar a máscara para comer. Rapidamente foram aumentando os casos, confirmados ou suspeitos, ambas as situações retirando alunos das salas de aula. A pandemia influenciou grande parte das interações na escola, incluindo a escolha da turma.

Houve vários motivos que levaram a que as aulas fossem lecionadas ao 10.ºL. O primeiro foi o programa. Sendo a escolha entre o 10.º e o 11.º ano, havia uma preferência pelos conteúdos do 10.º ano. Tendo em conta que as aulas seriam no primeiro semestre a escolha era entre o Módulo 1 - a Cultura da Ágora e o Módulo 2 - a Cultura do Senado. O Módulo 1 seria iniciado logo a seguir à aula de apresentação e o Módulo 2 em novembro. Por este motivo selecionámos o Módulo 2, pois havia mais tempo para conhecer melhor a turma. Com os casos a aumentar por todo o país, a Escola Secundária do Pinhal Novo não era exceção, por isso foi lecionado o início deste Módulo. Em retrospectiva foi já arriscado.

No decorrer do estágio foi mantida uma relação positiva com todas as turmas. No primeiro ano letivo assistimos a aulas de HCA de três turmas, um 10.º e um 11.º ano de Artes Visuais e ainda um 10.º ano do curso profissional de Turismo. Assistimos também às aulas de História de dois 8.º anos em semestres diferentes, pois a disciplina é semestral nesta escola. Devido ao nosso horário e ao horário das Professoras Cooperantes houve turmas com que tivemos mais contato do que com outras. Este ano assistimos a mais aulas do 11.º ano e por este motivo ficámos a conhecer melhor estes alunos. No segundo ano, novamente, a aulas de HCA do 10.º e 11.º anos de Artes Visuais e de um 11.º ano do curso profissional de Turismo. Da disciplina de História assistimos a uma aula do 9.º ano. No entanto, focámo-nos no 10.º ano ao qual já tínhamos decidido lecionar. No início do ano letivo os alunos não interagiam connosco. Quando começámos a lecionar, alguns alunos ainda questionavam a Professora Luísa Soares quando tinham dúvidas, sendo redirecionados. A partir da segunda aula a turma começou a interagir mais connosco. A quantidade de questões e diálogo aumentou com o decorrer das aulas. Na última aula chegámos a ouvir uma aluna a dizer que gostava das nossas aulas e que tinha pena que acabassem.

Caracterização da Turma - 10.º L

A turma do 10.º L pertence ao curso científico-humanístico de Artes Visuais. Por este motivo têm a disciplina de História da Cultura e das Artes durante os dois primeiros anos, realizando o Exame Nacional à disciplina no final do 11.º ano. A Diretora de Turma é a Professora Cooperante Luísa Soares. Esta turma era composta por vinte e dois alunos⁸, quinze do sexo feminino e sete do masculino com idades compreendidas entre os 15 e os 17 anos. Um dos quais com Necessidades Educativas Especiais, que só está presente na segunda metade da aula de quinta-feira⁹. A maioria dos alunos da turma já pertencia a esta escola, sendo que dezassete destes alunos vieram de diversas turmas do 9.º ano, um aluno repetente do mesmo curso e um outro que foi transferido de outra turma de 10.º ano. A estes juntaram-se uma aluna que estudou em Inglaterra, uma aluna de Palmela, um aluno do Poceirão e uma aluna do Montijo. Apenas um aluno reside fora do concelho de Palmela.

Para o plano curricular foi identificado um problema: a falta de hábitos e métodos de estudo. Para resolver esta situação procurou-se responsabilizar os Encarregados de Educação e pedir a sua participação no percurso educativo dos seus educandos. O objetivo seria melhorar os resultados das avaliações e as práticas de ensino-aprendizagem. Como potencialidade foi assinalada a simpatia da turma. Quanto à Definição de Medidas de Suporte à Aprendizagem e Inclusão, foram aplicadas medidas universais a dez alunos. A todos estes são foram feitas acomodações curriculares, a oito medidas diferenciação pedagógica, a seis medidas de intervenção com foco académico ou comportamental em pequenos grupos, a quatro medidas de promoção de comportamento pró-social e a três medidas de enriquecimento curricular. Ademais, foram também realizadas adaptações no processo de avaliação, como também medidas relacionadas com a diversificação dos instrumentos de recolha de informações a dois alunos, o acréscimo de tempo suplementar para a realização da prova a um aluno, a leitura de enunciados a um aluno e a utilização de código de identificação de cores nos enunciados a três alunos.

Destes dez alunos, três têm ainda medidas seletivas, como adaptações curriculares não-significativas a dois alunos, apoio psicológico a um aluno, antecipação

⁸ Durante as aulas lecionadas eram 21 alunos, quinze do sexo feminino e seis do sexo masculino.

⁹ Por motivos de saúde não esteve presente em nenhuma das aulas lecionadas.

e reforço das aprendizagens a um aluno e apoio tutorial a um aluno. Destes três, um tem ainda medidas adicionais, sendo estas adaptações curriculares significativas, como o plano individual de transição, o desenvolvimento de metodologias, as estratégias de ensino estruturado e desenvolvimento de competências de autonomia pessoal e social.

Esta turma a nível académico é mediana, apresentando algumas dificuldades a português, tanto no que toca à escrita como na utilização do vocabulário. A maioria dos alunos apresenta dificuldades em escrever respostas completas, o que é prejudicial em situações de avaliação. No entanto, depois de expostos a novas ideias, muito rapidamente conseguem fazer associações e chegar às conclusões desejadas. Apesar disto, e como já afirmámos, carecem de hábitos de estudo. Quando é necessário estudar, não o fazem ou estudam o mínimo, e isto revela-se nos testes. Nos exercícios que requerem pesquisa autónoma revelam dificuldades, seja no próprio ato de procurar a informação, seja na compreensão das perguntas. Os alunos não se interessam por História, mas gostam bastante de História de Arte, o que é evidente nas aulas e na motivação dos mesmos. Quando as aulas são sobre arte já chegam às aulas motivados e ativos, mas as aulas de contexto histórico requerem um esforço extra do docente para captar a sua atenção. Há alunos que afirmam nunca terem gostado de Histórias, mas gostam de História da Cultura e das Artes. Quanto ao seu percurso académico há alunos que afirmam ter tido notas altas no 9.º ano, mas devido ao contexto vivido no ano anterior o percurso dos alunos não foi o habitual.

A maioria dos alunos conheceu-se neste ano letivo, por isto os lugares que foram planeados, por motivos relacionados com a pandemia, acabaram por influenciar as amizades criadas. Por isso levou a que rapidamente se criassem núcleos de conversa dentro da sala de aula, algo que tem de ser tido em conta pelos docentes. Os lugares têm de ser iguais em todas as disciplinas, por isso não podem ser trocados de ânimo leve no momento, mas sim bem pensados e transmitidos a todos os docentes. Durante as aulas lecionadas os alunos estavam nos lugares originais e isto afetou o seu comportamento em momentos, mas não foi nada de grave, pois se pedirmos silêncio são respeitadores. Apesar de tudo têm um bom comportamento na sala de aula e são respeitadores das regras.

Parte 2 – Enquadramento Didático

Teorias da Aprendizagem

As teorias da aprendizagem escolhidas para a lecionação das aulas foram duas teorias construtivistas de psicólogos estado-unidenses: a Aprendizagem Significativa de David Ausubel¹⁰ e o Método da Aprendizagem por Descoberta de Jerome Bruner^{11 12}. Ambas foram adotadas para as aulas lecionadas e adaptadas para as condições a que estávamos expostos. Todavia, a teoria da Aprendizagem Significativa dominou a maior parte das aulas e o Método da Aprendizagem por Descoberta foi um apoio, principalmente utilizada para pensar na interação com os alunos.

Esta escolha foi motivada por diversas condicionantes. A primeira foi a pandemia, que em muito alterou a dinâmica nas escolas, tendo sido impostas restrições que afetaram o decorrer das atividades nas mesmas. Estas influenciaram as aulas, uma vez que os alunos tinham de manter o distanciamento social e não queríamos contribuir para piorar a situação na escola, pedindo aos alunos para realizarem trabalhos de grupo ou partilhassem materiais. Por outro, as condicionantes materiais disponibilizadas na Escola Secundária do Pinhal Novo. A existência de projetor foi uma mais-valia para a projeção de imagens, essencial à disciplina de História da Cultura e das Artes. No entanto a *internet* instável alterou os planos das aulas de modo a não haver possibilidade de alguma atividade ficar por realizar. O terceiro foi a própria turma, constituída por alunos com algumas dificuldades, mas calmos, interessados e rápidos a realizar associações e a retirar conclusões próprias. Por fim temos as aprendizagens efetuadas nas unidades curriculares, particularmente duas frases que foram sempre repetidas: “Não há duas aulas iguais.” e “Não há um professor que utiliza exclusivamente um só método”. De seguida iremos explicar as teorias utilizadas. Por último sentimos que estas teorias de aprendizagem são ideias para a disciplina de História de Cultura e das Artes, uma vez que a utilização constante da imagem permite que os alunos realizem análises para chegarem às próprias conclusões. Em HCA existem diversos conceitos bases sob os quais os alunos podem adicionar mais conhecimentos, adaptando-se a diversos temas.

¹⁰ AUSUBEL, David P.; NOVAK, Joseph D.; HANESIAN, Helen – **Psicologia Educacional**. 2ª Edição, Rio de Janeiro: Editora Interamericana Lda, 1980.

¹¹ BRUNER, Jerome – **O Processo da Educação**. Lisboa: Edições 70, Lda.

¹² BRUNER, Jerome – **Para uma Teoria da Educação**. Lisboa: Relógio d'Água, 1999

A Aprendizagem Significativa de David Ausubel

A teoria de Aprendizagem Significativa foi a que mais dominou as aulas lecionadas. Esta parte do princípio de que o mais importante para um professor é conhecer o que o aluno já compreende para promover a aprendizagem. Aqui são incluídos três tipos gerais de aprendizagem. A aprendizagem cognitiva, aprendizagem afetiva e aprendizagem psicomotora.

A aprendizagem cognitiva é o armazenamento organizado de informações na mente do pupilo. O nome do local onde o conhecimento está armazenado é estrutura cognitiva. Um conceito ou ideia é armazenada e organizada, ou seja, a aprendizagem cognitiva é armazenada na estrutura cognitiva.

A aprendizagem afetiva é uma aprendizagem realizada através de sinais internos da pessoa, como o descontentamento, alegria, ansiedade, prazer, dor, entre outros. Esta é uma acompanhante constante da aprendizagem cognitiva.

A aprendizagem psicomotora é a criação de respostas musculares através de prática. É também relacionado com a aprendizagem cognitiva. Exemplo disto é a prática de instrumentos musicais e desportos. O músico não só tem de aprender os movimentos, mas também conceitos, como notas musicais e os atletas precisam de compreender as regras do desporto que praticam.

Como já foi mencionado os conhecimentos são armazenados na estrutura cognitiva. Esta possui todo o conhecimento do indivíduo, que está organizado e hierarquizado. A aprendizagem nasce da ampliação da estrutura cognitiva e depende da interação entre as novas ideias e as já existentes. Esta pode ser mecânica ou significativa, sendo um resultado desta interação. A aprendizagem significativa¹³ ocorre quando as novas ideias estão relacionadas de uma forma não arbitrária, ou seja, quando possuem uma relação com conhecimento já existente, e substantivas, sendo que os indivíduos têm a capacidade de transmitir estes conhecimentos pelas próprias palavras. Esta aprendizagem só ocorre se houver uma mudança na informação recebida e na

¹³ MOREIRA, Marco António – **A teoria da aprendizagem significativa e sua implementação em sala de aula**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006. pp.14-15

estrutura a que está associada. Para isto acontecer a nova informação interage com um aspeto relevante na estrutura cognitiva do aluno, a que se dá o nome de subsunçor.

A aprendizagem mecânica¹⁴ (ou automática) significa que não houve o relacionamento da nova ideia com uma anterior na estrutura cognitiva do aprendiz, o que significa que não há um subsunçor. É incorporado de forma mecânica à estrutura cognitiva, sem a garantia de flexibilidade para ser alterado ou existir a longo prazo. Um exemplo disto é quando os alunos decoram a matéria, antes de um teste. Não significa que seja oposto à aprendizagem significativa, ambas podem fazer parte da educação dos alunos, trabalhando em conjunto.

A aprendizagem pode ser processada de duas formas, por descoberta ou por receção. A aprendizagem por descoberta¹⁵, que, tal como o nome indica, dá-se quando as novas ideias são descobertas pelo indivíduo. Por exemplo, através de filmes, livros, documentários, experiências ou outras atividades o aluno procura um novo conceito. É um método comum na aprendizagem fora da escola.

A aprendizagem por receção¹⁶ é quando as informações são apresentadas ao aprendiz na forma final. No entanto isto não significa que haja passividade, pois para ser significativa tem de haver uma ligação com conhecimentos presentes na estrutura cognitiva.

Como já foi mencionado a aquisição de conhecimento é auxiliada por subsunçores. Este é uma ideia, conceito ou proposição que já está presente na estrutura cognitiva do indivíduo e serve como ancoragem para uma nova informação. Assim é possível atribuir significado e organizá-lo na estrutura cognitiva. No entanto, se a aprendizagem para ser significativa pode necessitar de subsunçores, temos de considerar a origem dos mesmos¹⁷. As crianças quando chegam à escola primária já possuem conceitos na sua estrutura cognitiva, tendo sido adquiridos gradualmente ao longo da sua vida, adquiridos, maioritariamente, através de um processo de aprendizagem por descoberta. Quando entram em idade escolar já estão aptos a aprender por aprendizagem por receção. Com isto podemos perceber que os primeiros subsunçores são adquiridos na infância, através da aquisição de novos conceitos. No entanto há a possibilidade de os

¹⁴ *Ibidem* p.16

¹⁵ *Ibidem* p. 17

¹⁶ *Idem*

¹⁷ *Ibidem* pp.21-22

subsunçores necessários não estarem presentes, principalmente se for uma nova área de conhecimento. Neste caso é necessário utilizar a aprendizagem mecânica até que sejam estabelecidos novos conhecimentos que possam ser utilizados. Ao longo do tempo estes tornam-se significativos e são capazes de formar subsunçores.

Outro modo de ajudar os alunos a relacionar conteúdos, quando um subsunçor não existe, é a utilização de organizadores prévios¹⁸. São apresentados antes dos conteúdos que se pretende que os alunos aprendam e são mais inclusivos e abstratos, sem serem um resumo da matéria. Estes têm como objetivo servir como ancoradouro para novos conhecimentos e, com isso, criar subsunçores, facilitando a aprendizagem. Os organizadores prévios ajudam a unir aquilo que o aluno já conhece e o que vai aprender. Quando o aluno não tem conhecimentos da área na sua estrutura cognitiva são utilizados organizadores “expositivos” para procurar um subsunçor aproximado. Quando o aluno já conhece algo semelhante podem ser utilizados organizadores “comprobativos” para aproximar ou distinguir conceitos.

Para além dos subsunçores, há mais fatores que contribuem para a realização de uma aprendizagem significativa. Como a própria motivação que os alunos têm para aprender¹⁹. Esta é particularmente útil a longo prazo, quando se pretende que os alunos dominem um tema, criando vontade de continuar. A motivação ajuda a gerir sentimentos negativos como a ansiedade e frustração. No entanto, esta pode variar de aluno para aluno, com vários fatores que a influenciam. O impulso cognitivo, ou seja, o desejo de completar corretamente uma tarefa e efetuar uma aprendizagem pode ser utilizado como motivação. Também o engrandecimento do ego através de conquistas académicas, que tipicamente começa na idade escolar. Nos alunos mais novos o impulso afiliativo é comum, sendo este o desejo de receber aprovação de figuras importantes para o aluno como pais ou professores, o mais comum é este diminuir ao longo da vida do estudante. A punição pode também motivar os alunos, por exemplo o medo do fracasso. Em oposição, os sentimentos positivos que possam ser sentidos ao estudar um determinado tema, podem também ser um fator. Um aluno motivado pode ter um papel mais ativo na sua educação através da realização de questões. Quando um individuo não apresenta vontade de aprender é mais difícil efetuar uma aprendizagem significativa, pois o próprio não efetua os esforços

¹⁸ *Ibidem* p.23

¹⁹ AUSUBEL, David P.; NOVAK, Joseph D.; HANESIAN, Helen – cit. 10 pp. 331-335

necessários. Segundo esta teoria, conseguimos perceber se um aluno foi bem-sucedido na aprendizagem significativa se conseguir reproduzir, de forma clara, precisa, transferível e diferenciada os significados que possui na sua mente.

Há três tipos de aprendizagem significativa distinguidos por David Ausubel, sendo estes: representacional, de conceitos e proposicional. A aprendizagem representacional²⁰ implica que o indivíduo atribuiu significados a símbolos, na maioria dos casos palavras. O símbolo e o significado passam a significar a mesma coisa e um pode ser utilizado para se referir a outro. Por exemplo, quando as crianças aprendem o nome de um objeto. A aprendizagem de conceitos é semelhante à representacional, pois os conceitos também são representados por símbolos, no entanto estes são mais gerais. Consistem nos critérios comuns de uma categoria de objetos, eventos ou fenômenos ²¹. Os conceitos são adquiridos através de dois processos possíveis: a formação e a assimilação. A formação de conceitos²² é feita maioritariamente antes da idade escolar através da descoberta e a assimilação na escola através de receção, apoiada nos conceitos já conhecidos. A aprendizagem proposicional²³ consiste na compreensão dos significados das ideias em forma de proposição. É necessária uma aprendizagem representacional anterior para a compreensão de conceitos, mas o objetivo é perceber para além da soma das palavras. Ou seja, uma proposição potencialmente significativa possui os significados denotativos e conotativos dos conceitos relevantes e interage com as ideias já existentes para a criação de uma nova proposição na mente do indivíduo.

David Ausubel propôs a teoria da assimilação para explicar a aquisição e organização de ideias na estrutura cognitiva. Para o autor existe um processo de assimilação na aprendizagem significativa, entre o que vai ser aprendido e o que já existe na estrutura cognitiva. Esta assimilação acontece quando uma nova informação potencialmente significativa é relacionada e assimilada por um conceito subsunçor que já exista na estrutura cognitiva, dando origem a um produto interacional (subsunçor modificado)²⁴. Por exemplo, podemos considerar a maçã de Alcobaça como a nova informação potencialmente significativa. Esta é relacionada com o conceito subsunçor existente, maçã, e surge um produto interacional. O conceito de maçã torna-se mais

²⁰ MOREIRA, Marco António – cit. 13 p.25

²¹ AUSUBEL, David P.; NOVAK, Joseph D.; HANESIAN, Helen – cit. 10 p.72

²² MOREIRA, Marco António – cit. 13 p.25

²³ *Ibidem* pp. 26-27

²⁴ *Ibidem* pp.27-33

abrangente e a maçã de Alcobaça é um subsunçor modificado. Este pode ainda sofrer alterações com o tempo, uma vez que a assimilação não se completa, e incluir as maçãs *Golden* ou outras.

A teoria da assimilação implica que as novas informações sejam cada vez mais assimiladas pelos seus subsunçores e reduzidas ao seu estado mais geral e estável, nunca chegando a serem entidades reproduzidas individualmente. A isto chama-se assimilação obliteradora²⁵ e implica esquecimento, por de parte do aprendiz. Isto não implica que o subsunçor volte à forma original, apesar da ideia mais estável permanecer, a nova ideia já interagiu com outros subsunçores. O grau de assimilação é dependente da relevância do subsunçor. O esquecimento ocorre como parte de um processo gradual, em que o novo material é assimilado por um já existente, porque não é suficientemente distinto.

Até aqui foi descrita uma aprendizagem, em que uma nova ideia é subordinada a uma outra já existente na estrutura cognitiva. A este processo Ausubel apelida de subsunção. Como a estrutura cognitiva é organizada e hierarquizada, a aprendizagem subordinada²⁶ é mais comum, mas existem dois tipos distintos: a derivativa e a correlativa. A primeira ocorre quando a nova informação é um exemplo ou uma confirmação de um conceito já existente na estrutura cognitiva. É feita uma assimilação sem grande esforço, no entanto sofre mais facilmente na assimilação obliteradora. A aprendizagem subordinada correlativa dá-se quando a nova informação é uma extensão, modificação ou elaboração de um conceito ou proposição presente na estrutura cognitiva. A maior parte da aprendizagem é efetuada deste modo.

É possível que o novo material apresentado seja mais geral e inclusivo e assimile os já existentes na estrutura cognitiva. Nestes casos dá-se o nome de aprendizagem superordenada²⁷. Esta verifica-se quando existe síntese de ideias e raciocínio indutivo ou ideias organizadas de forma indutiva. É mais comum na aprendizagem de conceitos do que na de proposições.

No entanto, há aprendizagens de proposições ou conceitos que não dependem de subordinação ou superordenação, mas sim de conteúdo mais amplo, já presente na estrutura cognitiva. A nova proposição não consegue assimilar ou ser assimilada, por isso

²⁵ *Ibidem* p.30

²⁶ *Ibidem* pp.32-33

²⁷ *Ibidem* pp.34-35

dá-se a aprendizagem combinatória²⁸. Pode acontecer quando há muitas proposições e conceitos. A nova informação é potencialmente significativa por ser possível relacioná-la com algo na estrutura cognitiva de um modo geral. Por este motivo a ancoragem é mais complicada e a aprendizagem mais difícil, mas pode ser consolidada.

Durante a aprendizagem subordinada, os conceitos subsunçores vão evoluindo com o tempo através de assimilações subordinadas, a esta ocorrência deu-se o nome de diferenciação progressiva²⁹. Já durante as aprendizagens superordenada e combinatória dá-se a reconciliação integrativa³⁰, em que conhecimentos já presentes na estrutura cognitiva podem vir a ser relacionados devido à aquisição de novas ideias.

²⁸ *Ibidem* pp.35-36

²⁹ *Ibidem* pp.36-37

³⁰ *Ibidem* p. 37

A Aprendizagem por Descoberta de Jerome Bruner

Jerome Bruner foi um importante teórico da psicologia da aprendizagem. Este afirma que uma teoria da educação “... - é com efeito uma teoria do modo como o crescimento e o desenvolvimento são auxiliados por diversos meios.” (BRUNER, 1999). À semelhança de Jean Piaget, procurou entender o papel do desenvolvimento humano na aprendizagem. No entanto, ao contrário de Piaget, defendia o conceito de prontidão, o qual significa que qualquer tema pode ser ensinado, independentemente da idade da criança. Faz parte da responsabilidade do docente adaptar os conteúdos à idade dos seus pupilos. Para isto, existem três tipos de representações que podem ser aplicadas, sendo estas a motora, a icónica e a simbólica³¹. O docente deve recorrer à mais indicada ao estágio de desenvolvimento dos seus pupilos.

A primeira é a motora, que se dá até aos três anos. Nesta fase a criança aprende, maioritariamente, através da interação com os objetos que a rodeiam. Ao início os objetos são definidos pelas ações que são realizadas à frente da criança, no decorrer da interação. Com o passar do tempo, esta já aprendeu o que o objeto é capaz de realizar, tornando-se este último independente da ação. A segunda fase de representação é a icónica, que se dá dos três aos nove anos. Esta é composta pela perceção e organização de imagens, que sintetizam a ação. Aqui a criança necessita da memória visual, que, aproximadamente, aos três anos já é concreta e específica. Por fim, temos a representação simbólica, que começa aos dez anos de idade. Esta consiste na conceção por linguagem, que é um instrumento do pensamento. Com esta a resolução de problemas mentais torna-se mais acessível. As palavras são arbitrárias e em todas as línguas existe a possibilidade de, ao alterar a formação de uma frase, alterar o seu sentido. A representação simbólica torna, também, possível a compactação³².

Como os seres humanos percorrem todos estes estágios na sua infância, a aprendizagem deve seguir uma sequência que começa na motora para a icónica, terminando com a simbólica. A estrutura geral deve ser tida em conta e apresentada, sendo possível através desta, a descoberta das suas sequências. Os temas ensinados devem começar de uma forma simples e geral, partindo para o particular. Quanto mais básica for

³¹ BRUNER, Jerome –cit. 12 p. 70

³² *Ibidem* pp. 28-32

a ideia geral, mais fácil será aplicá-la a outras questões, tornando a disciplina mais compreensível. Ou seja, economia na representação³³. Para além disto a aprendizagem dos princípios fundamentais, garante que se houver uma perda de memória, esta não é total. A cada ano deve fazer-se uma retoma de conteúdos e realizar-se um aprofundamento. A isto chama-se aprendizagem por espiral. Segundo o autor “Aprender não deve apenas conduzir-nos a um determinado sítio; deve permitir-nos continuar mais tarde esse caminho com maior facilidade.”³⁴. O que foi aprendido deve ser transferível e as noções básicas utilizadas para questões subsequentes. O conhecimento adquirido sem estrutura a que se ligar é mais facilmente perdido³⁵. Para isto é particularmente útil a realização de esquemas conceptuais com os alunos³⁶.

Jerome Bruner admite que existem outros fatores que influenciam a aprendizagem, como fatores culturais, pessoais e motivacionais. O processo educativo é considerado social, por este motivo a relação educador e aluno é bastante importante. O aluno necessita de aptidões sociais para navegar na escola. A cultura pode alterar o modo como o indivíduo vê a educação, tal como outros fatores como a classe social, idade, sexo e etnia³⁷.

Manter os alunos motivados é uma preocupação comum aos professores. Para Jerome Bruner, esta deve ser intrínseca, ou seja, não necessita de uma recompensa externa. Por este motivo, a recompensa da aprendizagem deve ser a própria aprendizagem. O aprofundamento do conhecimento já adquirido pode ser, também, uma motivação. O maior estímulo deve ser o interesse pela matéria e não a obtenção de boas notas ou a competição com os colegas. São definidas três características naturais do ser humano que motivam os alunos: a curiosidade, o interesse na aquisição de competências e a reciprocidade. A curiosidade é uma característica inerente ao ser humano. Esta é suscitada por algo que interessa ao indivíduo e que só é satisfeita, quando a resposta é determinada³⁸. A vontade de adquirir competências é um fator para que os alunos se tornem proficientes no que desperta o seu interesse³⁹. A confiança que nasce do sucesso, pode resultar no desejo de continuar. Por fim, a reciprocidade é um incentivo, pois os

³³ *Ibidem* p. 67

³⁴ BRUNER, Jerome – cit. 11 p.39

³⁵ *Ibidem* 49

³⁶ *Ibidem* 39-49

³⁷ BRUNER, Jerome – cit. 12 pp. 63-64

³⁸ *Ibidem* pp. 142-144

³⁹ *Ibidem* pp. 147-150

seres humanos são criaturas sociais e existe uma necessidade de interagir com outros e alcançar um objetivo em comum⁴⁰. Isto implica que quando a reciprocidade é necessária para o grupo, os indivíduos colaboram entre si e atingem resultados. A estimulação de um interesse a longo prazo deve ser realizada pelo desejo de aprender, mas o interesse a curto prazo pode ser despertado através de audiovisuais como vídeos, filmes, documentários ou por jogos, livros e outros meios⁴¹. Estes devem apoiar o docente a proporcionar uma experiência mais alargada aos alunos.

Para além da motivação, o reforço também é necessário à aprendizagem. Podemos identificar dois tipos distintos de reforço. O primeiro é concedido pelo professor, por meio de *feedback*. Este permite ao aluno uma evolução, uma vez que reconhece os seus pontos fortes e em que áreas pode melhorar⁴². O segundo é o autorreforço, que o aluno sente depois de uma descoberta efetuada por si mesmo.

Outra preocupação do professor abordada na teoria de Jerome Bruner é a avaliação. Segundo este, os testes e exames funcionam como motivação extrínseca. Para ser realmente valioso teria de ajudar o docente a tomar decisões para o rumo a tomar com os seus alunos. Assim o ensino seria adaptado às necessidades destes. Por este motivo, este exame às capacidades dos alunos deve ser feito o mais cedo possível, para serem úteis e devem ser utilizadas como contribuição para as aulas futuras, incluindo a escolha de materiais. A avaliação, para o autor, deve também avaliar o processo que levou os alunos a chegarem às suas conclusões. Para isto sugere a realização de “entrevistas educativas”, porém esta ideia é semelhante a provas orais⁴³.

Jerome Bruner defende o método indutivo. Para este, o pensamento indutivo é uma capacidade que deve ser treinada, não só para disciplinas académicas, mas também para o quotidiano do indivíduo⁴⁴. Este dá-se através da perceção do problema, sem a atenção cuidadosa de como se chegou à conclusão. Podemos até afirmar que quem chega a uma conclusão, seja esta certa ou errada, não tem a certeza de como o fez⁴⁵. Este tipo

⁴⁰ BRUNER, Jerome – cit. 12 pp.155-156

⁴¹ BRUNER, Jerome – cit. 11 p. 79

⁴² BRUNER, Jerome – cit.12 pp. 72-73

⁴³ BRUNER, Jerome – cit.11 pp. 198-203

⁴⁴ *Ibidem* p. 36

⁴⁵ *Ibidem* p. 69

de pensamento surge devido à familiaridade com o tema, o que permite chegar a um resultado mais rapidamente. As conclusões devem ser esquematizadas pelo docente.

Para Bruner é preferível que o aluno alvitre do que fique em silêncio quando não sabe a resposta, pois isto pode auxiliar o desenvolvimento do pensamento intuitivo⁴⁶. Todavia, não é desejável que um aluno esteja constantemente a alvittrar, não só por ser importuno, mas também por todas as conclusões a que chegarem, por métodos indutivos, terem de ser verificadas por outros métodos⁴⁷. O método indutivo é bastante interativo, permitindo a realização de questões aos alunos e gerar um diálogo na sala de aula.

Há ainda outra vantagem criada pela utilização do pensamento intuitivo: o desenvolvimento da autoconfiança⁴⁸. Existem dois tipos de autoconfiança, um que nasce do conhecimento de um tema e o outro faz parte da personalidade do indivíduo. É importante que sejam ambos estimulados. Um aluno necessita de coragem e autoconfiança para expor as suas hipóteses e correr o risco de cometer erros, para os ver a serem corrigidos e efetuar uma aprendizagem.

Bruner defende ainda o retomar da heurística, um método de ensino utilizado por Sócrates que fazia com que o aluno descobrisse sozinho, aquilo que lhe intencionava ensinar⁴⁹. Isto é realizado através do diálogo entre o professor e o aprendiz.

Um dos mais importantes aspetos referidos por Jerome Bruner é o método da aprendizagem por descoberta (MAD). Como o nome implica, este método sugere que sejam os estudantes a realizar as suas aprendizagens através das suas descobertas. No entanto, o autor admite que é impossível estar sempre a pedir aos alunos que descubram sozinhos o que já foi descoberto. O MAD tem dificuldades em ser inserido nas escolas, uma vez que os recursos necessários para todos os seus alunos são dispendiosos e a limitação de tempo é uma preocupação real. Para além disto pode gerar frustração, quando o indivíduo tem dificuldades em ser bem-sucedido. Por este motivo, Bruner sugere o método da aprendizagem por descoberta orientada (MADO). Aqui o docente age como agente que conduz o estudante à descoberta. Este método é mais indicado a alunos mais novos, pois para os mais velhos a aprendizagem por receção é a mais indicada.

⁴⁶ *Ibidem* p. 75

⁴⁷ *Ibidem* p. 73

⁴⁸ *Ibidem* p. 74

⁴⁹ BRUNER, Jerome – cit.12 p. 37

Parte 3 – Prática de Ensino Supervisionada

Primeira Aula – Terça-feira, 3 de novembro de 2020

Esta foi a primeira das cinco aulas lecionadas. Por motivos relacionados com a pandemia, o módulo escolhido foi o segundo, cujo nome é *A Cultura do Senado*. O primeiro módulo não foi selecionado de modo a haver mais tempo para conhecer a turma. A disciplina de História da Cultura e das Artes veio com uma dificuldade inesperada. Em comparação com a disciplina de História há menos recursos, o que para alguém sem experiência à procura de um guia e inspiração foi difícil. Adicionando a isto o programa para a disciplina é reduzido comparado a outros⁵⁰⁵¹. Um exemplo disto é o próprio manual⁵², que, apesar de todas as suas falhas, tem mais temas do que aqueles que o programa inclui. Foi necessário descobrir o que seria melhor referir. As três primeiras aulas abordaram temas do contexto histórico e as últimas duas arquitetura romana.

Quando os alunos entraram o sumário já estava no quadro. Enquanto estes o copiavam, as faltas eram apontadas através do plano de sala. A razão para isto foi ter a certeza quais os eram os alunos aos quais seria possível questionar, pois as faltas foram marcadas pela Professora Cooperante, Luísa Soares. Este plano de sala foi uma grande ajuda para aprender os nomes dos alunos que ainda não estavam memorizados. O início da aula foi uma ótima altura para nos apresentarmos, apesar de já o termos feito em setembro.

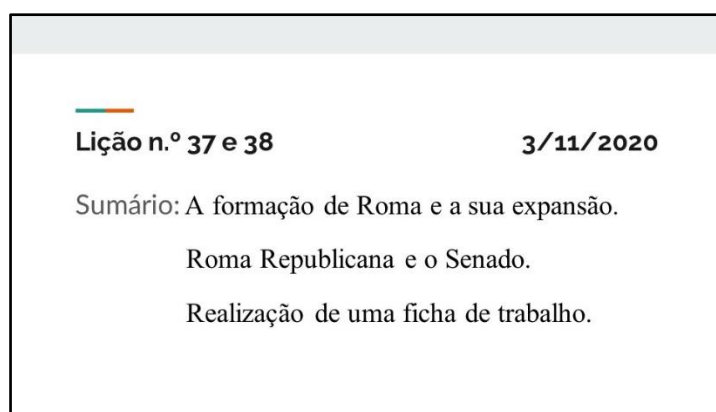


Fig.2 – Sumário da aula do dia 3 de novembro

⁵⁰ Direção Geral da Educação cit-1

⁵¹ Direção Geral da Educação cit-2

⁵² NUNES, Paulo Simões – **História da Cultura das Artes 10**. Lisboa: Raiz Editora, 2018

O início da aula deu-se com a introdução ao tema do Império Romano. Para isto foi realizada a localização no espaço, sendo este a Península Itálica e a Cidade de Roma. O espaço foi utilizado como primeiro subsunçor na aula. Os alunos já tinham conhecimento do que era a Península Itálica e conheciam a existência do Império Romano. Foi projetada uma imagem de satélite, ideal para os alunos observarem a configuração do terreno. Foram questionados sobre o motivo pelo qual uma cidade podia nascer e florescer naquela localização, sendo esta uma atividade encorajada pelo método de aprendizagem organizada de Jerome Bruner⁵³. A partir desta imagem foi possível perceber que para além de acesso a bens essenciais, a localização oferecia proteção aos habitantes de Roma⁵⁴. Procedemos à apresentação de povos que habitaram a Península Itálica. Começando pelos etruscos, que seriam evocados mais tarde quando a arquitetura romana com influência etrusca fosse apresentada. Foram referidas as cidades etruscas. Como exemplo de produção artística foi projetado um exemplar de escultura fúnebre etrusca, sendo brevemente analisada. Foi essencial mencionarmos os etruscos, pois assim os alunos já teriam alguns conhecimentos que ajudariam nas aulas seguintes.



Fig. 3 – Povos da Península Itálica: Etruscos

De seguida transitámos para o centro da península, sendo referidos os povos itálicos. Romanos, sabinos e samnitas. A ocasião foi aproveitada para contarmos a lenda do Rapto das Sabinas, como lenda da união entre romanos e sabinos⁵⁵. No Sul, referimos os gregos, procurando utilizar o conhecimento que os alunos já possuíam sobre a Magna Grécia das aulas anteriores. A utilização de conhecimentos já existentes na estrutura

⁵³ BRUNER, Jerome – cit.11

⁵⁴ GRIMAL, Pierre – **Civilização Romana**. Lisboa: Edições 70, 2009. pp – 11-13

⁵⁵ *Ibidem* pp. 19-20

cognitiva foi algo recomendado em ambas as teorias de David Ausubel⁵⁶ e Jerome Bruner⁵⁷. No entanto, ao questionarmos os alunos e ainda ao mencionarmos que a resposta seria Magna algo, estes não chegaram a nenhuma conclusão. Entretanto uma aluna conseguiu acertar o que fez com que os colegas se recordassem.



Fig. 4 – Povos da Península Itálica: Itálicos e Gregos

Continuando com o tema do espaço, chegou o momento de apresentarmos o mito da fundação de Roma. Foram projetadas no quadro duas imagens: à esquerda a Loba do Capitólio e à direita Eneias Salvando o seu Pai Anquises do Incêndio de Tróia de António Manuel da Fonseca, a partir das quais contamos as lendas de Rómulo e Remo e a fuga de Tróia de Eneias, incluindo a sua chegada a Roma. Enquanto ambas estavam a ser contadas, as árvores genealógicas foram desenhadas no quadro⁵⁸. Esta sala, a B 0.08 tem três quadros brancos, o central, onde a imagem é projetada, e dois laterais. Consequentemente, ao lado da fotografia da Loba do Capitólio foi desenhada a árvore genealógica de Rómulo e Remo, juntamente com acontecimentos das suas vidas. Ao lado de Eneias Salvando o seu Pai Anquises do Incêndio de Tróia fizemos o mesmo. No final, com o material já exposto, foi perguntado aos alunos o que encontravam em comum. Estes conseguiram rapidamente identificar Alba Longa. Com isto foi possível chegar à conclusão de que Rómulo e Remo eram descendentes de Eneias e assim, também de Tróia. Este foi uma aplicação do MADO para alunos mais velhos e adequada às condições que a pandemia nos impôs. Para confirmar e solidificar esta ideia decidimos expor os

⁵⁶ AUSUBEL, David P.; NOVAK, Joseph D.; HANESIAN, Helen – cit. 10
MOREIRA, Marco António – cit. 6

⁵⁷ BRUNER, Jerome – cit. 4

BRUNER, Jerome – cit. 5

⁵⁸ Em anexo 4.1

alunos a algo a diferente, e projetámos um excerto da Eneida de Vergílio⁵⁹. No entanto, a linguagem desta obra não estava adequada à idade e dificuldades dos alunos. Estes tiveram dificuldade em analisar o texto e foi necessário dar apoio. Mesmo assim não temos a certeza se esta leitura foi bem-sucedida.



Fig. 5 – Mito da Fundação de Roma

“Mas o jovem Ascânio, a que agora é acrescentado o nome de Julo (Ilo era o seu nome, enquanto perdurava o poder de Ílion) completará no mando trinta grandes ciclos pela sucessão dos meses, transferirá o reino da sede de Lavínio, e fortificará Alba Longa com grande poderio. Aqui será então exercido o poder régio durante trezentos anos completos, sob o povo de Heitor, até que uma rainha sacerdotisa, Ília, grávida de Marte, há-de dar à luz duas crianças. Rómulo, depois, fartamente alimentado sob a fulva barriga da loba, sua ama, assumirá o poder sobre o povo, fundará as muralhas de Marte e porá nome aos Romanos a partir do seu próprio nome. Às coisas destes eu não ponho limites nem prazos: foi um império sem fim que lhes outorguei.”

Eneida, Vergílio

Fig. 6 – Mito de Fundação de Roma na Eneida

Para situarmos os alunos no tempo, foi pedida a leitura do quadro cronológico presente na página 81 do manual⁶⁰. Este quadro cronológico foi escolhido pela sua acessibilidade. A escolha de um quadro diferente, sendo este realizado por nós ou já existente, teria de ser projetado no *ppt* ou ser uma fotocópia. Esta última podia ser perdida ou esquecida e o acesso ao *ppt* dependeria do acesso a um computador/*smartphone* com internet. A análise do mesmo permitiu uma transição para a República. Com isto conseguimos criar uma ligação entre os temas abordados, seguindo o que nos foi ensinado

⁵⁹ VERGÍLIO – *Eneida*. 4ª Edição, Lisboa: Bertrand Editora, 2013. pp.23-24

⁶⁰ Em anexo 3

nas unidades curriculares do Mestrado, evitando o erro de iniciar um novo tema, sem uma linha condutora que faça uma ligação ao anterior.

Começámos por contar aos alunos a lenda do Rapto de Lucrecia como uma curiosidade. Uma lenda utilizada para explicar a transição da monarquia para a república⁶¹. Depois explicámos o conceito de República, seguido do conceito de Senado. Através da leitura de um excerto do manual⁶² (projetado no quadro), os alunos identificaram e sublinharam as principais funções do Senado. Com isto, realizámos um resumo e um esquema da informação⁶³, retirado de um manual de História A⁶⁴. Esta foi uma aplicação do MADO, em que os alunos identificaram as funções do Senado e ditaram. A este esquema adicionámos as magistraturas. Através da introdução desta nova informação, realizámos um esquema sobre o *cursus honorum*⁶⁵. Explicámos brevemente a função de cada magistratura, começando pelos cônsules. Sobre estes, referimos a chefia do governo e exército e a convocação do Senado. A estes seguiram-se os pretores e as suas funções judiciárias, os edis, encarregados do policiamento, manutenção de edifícios públicos, abastecimento público e organização dos jogos e os questores que tratavam de questões financeiras como a cobrança de rendimentos do Estado, manutenção do exército e o tesouro público. Os censores que realizavam o censo da população, decidiam o montante dos impostos, tinham jurisdição moral e realizavam as listas de senadores e cavaleiros. Por fim, os tribunos da plebe que defendiam os interesses da plebe⁶⁶. Os alunos copiaram o esquema, por isso foi necessário permitir que tivessem tempo suficiente para terminarem.

⁶¹ PEREIRA, Maria Helena da Rocha – **Estudos de História da Cultura Clássica: II Volume – Cultura Romana**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. p.31

⁶² NUNES, Paulo Simões – cit.52 p.86

⁶³ Em anexo 4.2

⁶⁴ COUTO, Célia do Pinto; ROSAS, Maria Antónia Monterroso – **Um Novo Tempo da História 10**. Porto: Porto Editora, 2019

⁶⁵ Em anexo 4.2

⁶⁶ GRIMAL, Pierre – cit.54 pp 113-116

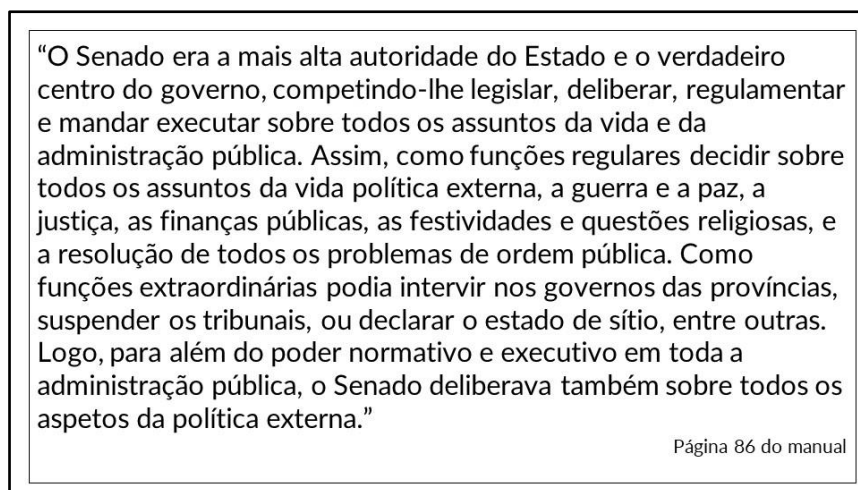


Fig. 7 – Excerto da página 86 do Manual

Uma vez terminado, utilizámos o Senado como ligação para introduzir o conceito de retórica. Definimos este como a “arte de bem falar”, sendo persuasiva e utilizada na vida política⁶⁷. Depois de terminado apresentámos a figura de Cícero como um retórico, cujos discursos ficaram conhecidos pela sua qualidade.

Regressando ao espaço, foi analisado um mapa do Império Romano. Isto gerou duas questões: como e porquê? Isto gerou um diálogo com a turma, começando com os motivos pelos quais uma expansão ocorreu. Foram mencionadas causas militares, económicas e de poder e prestígio. Segundo Jerome Bruner⁶⁸ os alvites são desejáveis para o desenvolvimento de pensamento intuitivo. São também uma forma de melhorar a confiança dos alunos no seu pensamento e ideias. Há uma preocupação que esta atividade pode gerar quanto à criação de um ambiente de confusão, mas os alunos participaram de forma ordeira e todas as suas ideias foram pertinentes, mesmo que não estivessem corretas. Realizamos também um diálogo para discutir os fatores do crescimento do Império Romano.

Como ainda houve tempo disponível na aula foi possível explorar o latim como língua comum do Império e a Lei romana como um importante legado. Sobre esta última referimos as Leis das Doze Tábuas⁶⁹ como o texto de direito mais antigo que chegou até aos nossos dias e ainda explicámos que as Leis romanas uniformizavam o Império, sendo

⁶⁷ *Ibidem* p. 159

⁶⁸ BRUNER, Jerome – cit.11

⁶⁹ GRIMAL, Pierre – cit. 54 pp. 99

iguais em todas as províncias. Isto foi realizado utilizando o manual⁷⁰ como apoio, sendo os alunos a realizar a leitura e análise. Reunidas estas condições introduzimos a romanização.

Nos últimos momentos da aula os alunos responderam a três questões projetadas no quadro: 1- Explique as principais funções do Senado e a sua importância. 2- Explique o que era o *cursus honorum* e refira as principais magistraturas. 3- Evidencie os fatores que levaram à Expansão Romana e ao crescimento do Império. Estas foram respondidas numa folha a ser entregue e corrigida. Permitimos aos alunos terminar as atividades em casa.

Tendo em conta que os alunos não tinham muitos conhecimentos sobre o Império Romano, podemos assumir que o número de subsunções onde ancorar aprendizagens na estrutura cognitiva era limitado, pelo menos durante as duas primeiras aulas. Ao início tivemos de recorrer à aprendizagem mecânica e organizadores prévios. Para o processamento da aprendizagem foi utilizada a receção, mas com momentos de descoberta. Relembramos que estes alunos são do 10.º ano, tendo ingressado no Ensino Secundário em setembro de 2020, portanto a aprendizagem por receção é a mais aconselhada⁷¹. Isto não impede pequenos momentos em que podemos pedir aos alunos para retirarem as próprias conclusões e as partilhem⁷².

Em conclusão, esta aula foi bem conseguida. O feedback da professora cooperante foi positivo, porém foram cometidos erros. O primeiro dos erros podemos considerar grave: a excessiva velocidade do discurso. Isto ocorreu devido ao nosso nervosismo e pode ter prejudicado a compreensão da aula. Por este motivo a planificação foi terminada antes e foram trabalhados dois temas que achávamos não ter tempo na aula, e que foram planificados para a aula do dia 5 de novembro. Foi nos apontado no intervalo e o tempo restante da aula já estava corrigido. Este erro nunca mais foi repetido. O segundo erro apontado foi a interação com os alunos, cuja quantidade devia ser aumentada. Este aspeto também foi corrigido nas seguintes aulas. O terceiro foi percebido ao observarmos o quadro a partir do fundo da sala. As letras maiúsculas têm maior visibilidade, por isso passámos a escrever exclusivamente assim para uma mais fácil leitura. Se a aula fosse hoje havia outro aspeto alterado: os exercícios. Uma vez que havia questões interessantes

⁷⁰ NUNES, Paulo Simões – cit. 52 pp. 86-88

⁷¹ MOREIRA, Marco António – cit. 13 p. 14-15

⁷² BRUNER, Jerome – cit. 11 p. 73

no manual⁷³ dos alunos, não foi a melhor ideia projetarmos outras que os alunos perderam tempo a copiar. Devia também estar assinalado ou no *ppt* ou no quadro que tinham de ser realizados numa folha à parte para serem entregues. Estes erros foram corrigidos nas aulas seguintes. A primeira aula permitiu entender melhor os alunos e adaptar as aulas seguintes às suas necessidades e dificuldades, sendo logo alterada a planificação para a aula seguinte.

⁷³ NUNES, Paulo Simões – cit. 52

Segunda Aula – Quinta-feira, 5 de novembro 2020

Esta aula deu-se na sala B 0.20 em preparação para a aula assistida, uma vez que a anterior não possuía lugares disponíveis. Esta mudança antecipada permitiu verificar a visibilidade do quadro para os alunos. Quando estes chegaram o Sumário já estava projetado no quadro, sendo este: O século de Augusto. A *Pax Romana*. A sociedade e o cidadão romano. Realização de exercícios. Ao percebermos que os alunos já tinham terminado de copiar o Sumário, pedimos que realizassem um resumo da aula anterior, utilizando o quadro cronológico da página 81 do manual⁷⁴, já observado na aula anterior. O resumo teve três funções, sendo a primeira verificar se os alunos se recordavam dos temas estudados, a segunda esclarecer questões que vários alunos erraram nas questões da aula anterior e a terceira formar uma ligação com o primeiro tema da aula. Assim foi possível relacionar com conceitos já aprendidos.

Sendo o Senado um dos temas da aula anterior, partimos deste para o tema da Guerra Civil em Roma e o 1.º Triunvirato. Primeiro começámos por explicar a Guerra Civil entre Mário, do partido popular e Sila. A vitória de Sila relacionámos com o surgimento do 1.º Triunvirato, constituído por Júlio César, Pompeu e Crasso. Foi explicado que esta aliança não tinha legalidade, servia para os seus membros atingirem os seus objetivos privados⁷⁵. Sobre o 1.º Triunvirato, abordámos a chegada de César ao cargo de cônsul e a sua saída de Roma para a Gália, permitindo a ascensão de Pompeu⁷⁶. Depois da morte de Crasso, o homem mais rico de Roma, o conflito entre os outros dois membros aumentou, resultando na derrota de Pompeu. De seguida mencionámos a morte de César nos Idos de Março⁷⁷. Os alunos já estavam familiarizados com a figura de Júlio César, por isso estavam interessados. Tentámos utilizar isto como subsunçor, ou seja, relacionar o conteúdo mais geral com a figura de Júlio César. O objetivo foi atingir uma aprendizagem superordenada⁷⁸. Relacionámos o 2.º Triunvirato com o 1.º Triunvirato e utilizámos um mapa como auxiliar visual, ilustrando o que estava a ser explicado. Este Triunvirato já era de cariz oficial, com o objetivo de restaurar o Estado⁷⁹. Começámos por realizar uma apresentação a cada membro: Otávio, Marco António e Crasso. Depois

⁷⁴ NUNES, Paulo Simões – cit. 52 p.81

⁷⁵ GRIMAL, Pierre – cit. 54 p 50

⁷⁶ *Idem*

⁷⁷ *Idem*

⁷⁸ MOREIRA, Marco António – cit. 13 pp.34-35

⁷⁹ GRIMAL, Pierre – Século de Augusto. Lisboa: Edições 70, 2008 p. 28

explicámos, brevemente, todos os conflitos que surgiram, desde a guerra cívil entre republicanos e cesaristas⁸⁰, aos conflitos entre Otávio e Marco António⁸¹. A exposição foi interrompida por questões dos alunos (e aos alunos), de moda a corrigir um erro da aula anterior, aumentando assim a interação entre professor e turma. A abordagem destes temas foi bem-sucedida, pois a curiosidade foi o suficiente para motivar a turma. Podemos afirmar que os alunos estavam atentos, pois foi das primeiras vezes em que todos estavam a olhar para nós e para o quadro. Foram adicionadas pequenas curiosidades, como o destino de Cícero⁸² (figura apresentada na aula do dia 3 de novembro), que ajudou os alunos a manterem-se interessados. Jerome Bruner mencionou a captação de motivação a curto prazo, diferenciando da captação a longo prazo⁸³. Neste caso, ao ser utilizada a de curto prazo não foi uma solução permanente, mas nas aulas seguintes, ao conhecermos melhor os alunos, foi mais fácil mantê-los interessados.

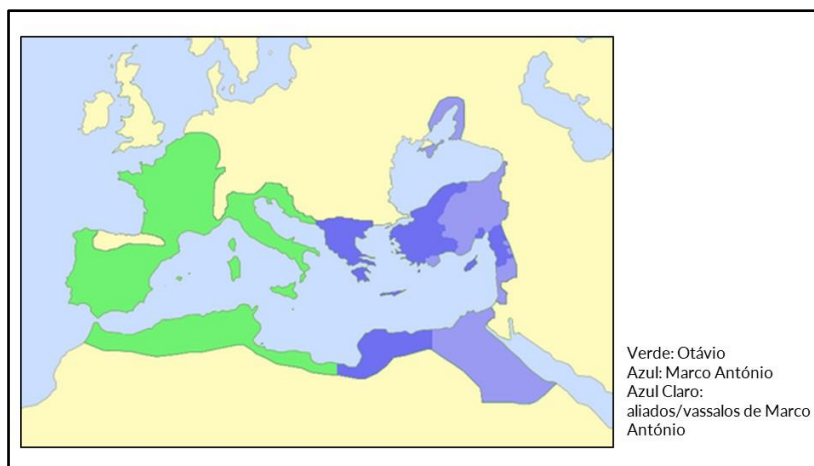


Fig. 8 – Mapa do Império Romano no Segundo Triunvirato

Ao terminarmos o 2.º Triunvirato, foi introduzido o século de Augusto com a visualização de um vídeo da escola virtual sobre o tema, que resumiu os conteúdos. Explicámos o motivo pelo qual nos referimos ao Século de Augusto como a idade de ouro romana, demonstrando com os conteúdos seguintes. Apresentámos os títulos de Augusto, pelos quais os alunos foram conduzidos a entender os poderes que estavam concentrados na figura do Imperador. Para ilustrar os títulos de Augusto utilizamos diferentes

⁸⁰ *Ibidem* pp. 29 - 30

⁸¹ *Ibidem* pp. 30-38

⁸² *Ibidem* p. 29

⁸³ BRUNER, Jerome – cit. 11 p. 79

esculturas do mesmo, em que as suas vestes demonstravam o tema que estávamos a tratar. Isto também foi pensado tendo em conta um exame nacional com uma pergunta sobre o tema utilizando estas imagens. Apelámos aos conhecimentos adquiridos na aula anterior, como, por exemplo, o Senado e o poder militar de Roma para os alunos compreenderem melhor o tema. Foi deixado explícito que o Senado continuava a existir, como na República, nos entanto os poderes estavam concentrados na figura de Augusto⁸⁴. Aqui foi aplicada, mais uma vez, a promoção do pensamento intuitivo e os alunos retiraram as próprias conclusões. Para este efeito foi também realizada uma leitura da página 82 do manual⁸⁵.

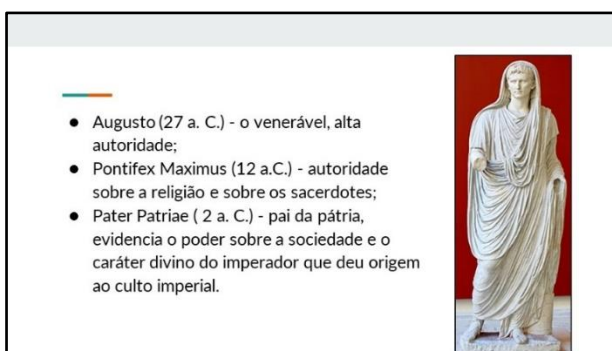


Fig. 9 e Fig.10 – Títulos de Augusto

De seguida foram discutidas as obras públicas realizadas por Augusto e as suas implicações. Os alunos compreenderam que manter a população satisfeita era uma prioridade para o Imperador. Referimos como exemplo: a construção de um Fórum, a reparação da Via Pública, do Teatro de Pompeio e da Basílica Emília. Foi também referida a nomeação de Agripa a edil que reparou a *Cloaca Máxima* e organizou uma melhor redistribuição de água com um novo aqueduto⁸⁶. A partir deste momento foi cometido um erro: a aula ficou demasiado presa ao ppt. Uma vez que a informação a ser

⁸⁴ GRIMAL, Pierre – cit. 79 p. 18

⁸⁵ NUNES, Paulo Simões – cit. 52 p. 82

⁸⁶ GRIMAL, Pierre – cit. 79 pp. 41-42

analisada estava projetada, foi pedido aos alunos, em várias ocasiões para lerem a partir deste. A aula e a discussão estava a ser conduzida pelo ppt. Em retrospectiva foi, em parte, causado pelo cansaço e também por falta de experiência. Isto não foi repetido depois de apontado. Com a introdução dos planos de ação política, económica, cultural, social, religiosa e militar foram utilizados mapas e fotografias como auxiliar, que a turma analisou. Para cada um destes planos de ação explicámos no que consistiam, exemplificando. No plano de ação cultural, por exemplo, referimos o financiamento de artistas, poetas, intelectuais e escritores como Vergílio e Catulo, explicando que esta era a época clássica da literatura latina⁸⁷. Explicámos ainda o que era o mecenato, fazendo uma referência aos conteúdos lecionados no 8.º ano e contando uma curiosidade sobre como a palavra Mecenato, origina de Mecenas, um camarada de Augusto⁸⁸ que promovia as artes, apoiando poetas⁸⁹. Utilizámos, também, outros conteúdos lecionados durante a aula. Por exemplo, os alunos já tinham percebido que o poder foi concentrado em Augusto e para demonstrar, mais uma vez, a veracidade desta afirmação, abordámos a reforma da administração central e provincial em que Augusto controlava as províncias que possuíam uma forte presença militar⁹⁰



Fig.11 – Império Romano no Século de Augusto

No decorrer da aula foram realizados apelos aos conhecimentos que foram transmitidos na lição anterior, em particular quando realizámos uma consolidação do conceito de romanização. Foi realizada uma revisão em que os alunos explicaram o conceito. A partir do plano militar abordámos a *pax romana*, já mencionada na aula

⁸⁷ *Ibidem* pp. 65-66

⁸⁸ *Idem*

⁸⁹ PEREIRA, Maria Helena da Rocha – cit. 61 p. 244

⁹⁰ GRIMAL, Pierre – cit. 79 p. 51

anterior, mas não aprofundada. Ao terminado na aula anterior, mas não aprofundado. Ao terminarmos cometemos um erro ao dizer que iríamos mudar de assunto em vez de realizarmos uma transição. Este erro foi mais difícil de corrigir, pois aconteceu numa outra aula.

Depois de trabalhadas as classes sociais realizamos um esquema⁹¹ para resumir e relacionar a Ordem Senatorial, a Ordem Equestre, a Plebe e os Escravos. Foi, também, realizado um esquema⁹² para explicar a cidadania romana, apoiado depois pela visualização de um vídeo da escola virtual, que resumiu os conteúdos. Este esquema não resultou muito bem, pois os alunos tiveram dificuldades em compreendê-lo e necessitaram de ajuda. Depois de serem questionados sobre a cidadania romana, a turma realizou um resumo da aula em que foram questionados sobre tudo o que foi lecionado. Para finalizar, tiveram 20 minutos para realizar as atividades. Neste momento cometemos outro erro. Se houver tempo disponível durante a aula para a realização de exercícios, não devemos autorizar que estes acabem em casa. Apesar de todos iniciarem houve alunos que terminaram e não entregaram para reverem em casa. Isto levou a que alguns alunos não entregassem as atividades.

Mais uma vez tivemos de utilizar, maioritariamente a aprendizagem mecânica⁹³, no entanto, através de ligações e hierarquias tentámos unir os conteúdos desta aula à anterior. Isto foi feito com o objetivo de formar subsunções para uma aprendizagem significativa⁹⁴. A aprendizagem mecânica deve ser utilizada até serem estabelecidos conhecimentos na estrutura cognitiva⁹⁵. A partir desta aula, a aplicação da teoria da aprendizagem significativa foi mais fácil de aplicar, uma vez que foi aumentado o contacto com o conteúdo.

Em conclusão, foram cometidos erros no decorrer da aula. Para além dos que já mencionámos, durante o intervalo foi nos indicado outro. Devido ao nervosismo sentido ocorreu algo comum: andar da esquerda para a direita do quadro, repetitivamente. Isto distrai a turma, mas não foi repetido, nem na segunda parte da aula. Adicionando a isto, as respostas dos alunos às perguntas devem ser repetidas pelo docente para que todos

⁹¹ Em anexo 4.3

⁹² Em anexo 4.4

⁹³ MOREIRA, Marco António – cit. 13 p. 16

⁹⁴ *Ibidem* pp. 14-15

⁹⁵ *Ibidem* p. 16

tenham a oportunidade de ouvir. Houve também oportunidades perdidas para utilizar exemplos conhecidos aos alunos, para que os conhecimentos fossem relacionados. A apresentação do objetivo da aula no seu início, poderia ter sido benéfico.

Em comparação à aula anterior esta teve uma dificuldade acrescida. A ansiedade gerada pela tentativa de melhorar os aspetos negativos e manter os positivos foi nos prejudicial. Esta aumentou o cansaço físico e mental, sendo evidente em momentos da aula. Em retrospectiva estes sentimentos foram despropositados e contribuíram para os erros cometidos.

Terceira Aula – Segunda-feira, 9 de novembro 2020

Esta aula começou com cerca de 20 minutos de atraso, uma vez que os alunos estavam a sair de Educação Física e demoraram a preparar-se, algo que já era habitual. Depois de chegarem, copiaram o Sumário, sendo este: Nero e o Incêndio de Roma. O Ócio: os tempos do lúdico; a preocupação com as artes. Roma: o modelo urbano do Império. Realização de exercícios. Enquanto os alunos terminavam de copiar, procedemos à entrega das atividades realizadas na aula anterior que tinham terminado em casa.

Pedimos à turma para realizar um resumo da aula anterior, a partir do qual fizemos uma ligação entre Augusto e Nero, ambos membros da dinastia Júlio-claudiana. Realizámos uma pequena biografia de Nero. Começando pelo seu nascimento no ano de 37d.C.⁹⁶, explicámos que a sua mãe, Agripina, era neta de Augusto⁹⁷ e foi, mais tarde, executada por Nero⁹⁸. O seu perceptor foi Séneca⁹⁹. Tornou-se imperador em 54 d.C., após a morte de Cláudio¹⁰⁰, até à sua morte por suicídio, sendo forçado a tal por revoltas¹⁰¹. De seguida iniciámos o tema do Incêndio de Roma, para o qual utilizámos um resumo no quadro, que os alunos copiaram. Explicámos que a cidade era frequentemente vítima deste tipo de acidente, mas este foi especialmente grave, os materiais que compunham grande parte dos edifícios de Roma eram inflamáveis¹⁰². Os cristãos foram considerados culpados e até o próprio Nero¹⁰³, vimos até um excerto de um filme deste a tocar lira enquanto a cidade ardia¹⁰⁴. Devido à destruição foi necessário reconstruir Roma e neste processo foram tomadas medidas de prevenção como alargar as ruas e controlar a altura máxima dos edifícios¹⁰⁵. Para alunos de História da Cultura das Artes seria útil referir a *Domus Aurea*, por isso foi feito, porém de forma muito breve, uma vez que já tínhamos perdido muito tempo no início da aula. Com o objetivo de evitarmos não fazer

⁹⁶ MALITZ, Jorgen – *Nero*. Malden: Blackwell Publishing, 2005. p.1 Disponível em: <https://archive.org/details/nero0000mali/page/108/mode/2up>

⁹⁷ *Idem*

⁹⁸ *Ibidem pp. 32-34*

⁹⁹ *Ibidem p.8*

¹⁰⁰ *Ibidem p.12*

¹⁰¹ *Ibidem p.108*

¹⁰² MALITZ, Jorgen – cit. 96 p.67

¹⁰³ *Ibidem pp. 6871*

¹⁰⁴ MERVYN, Leroy – *Quo Vadis*. Estados Unidos da América: Metro-Goldwyn-Mayer, 1951. Excerto disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fEj1h7BC2b4>

¹⁰⁵ *Ibidem p.71*

uma transição entre temas utilizámos o gosto de Nero por artes e música para introduzirmos o tema do ócio. Estas transições foram preparadas previamente para não cometermos o mesmo erro que na aula anterior. Inicialmente introduzimos os banquetes, salões culturais e grandes procissões¹⁰⁶. Estas últimas, os alunos foram capazes de relacionar com o Módulo 1 sozinhos.

De seguida apresentámos os Banhos e as Termas, às quais a turma demonstrou um grande interesse, sendo estas o grande sucesso da aula. Com apoio, conseguiram identificar as atividades lá praticadas, sendo estas escritas no quadro. Utilizámos atividades já conhecidas a todos como auxiliar. Explicámos, também, a importância destas para a vida social na cidade. A curiosidade gerou questões e os alunos estavam surpreendidos. Uma aluna pensava que os romanos não tomavam banho e ficou perplexa, perguntando de seguida quantas vezes os romanos tomavam banho. Esta atividade foi realizada, mais uma vez, para encorajar os alunos a tirar as suas próprias conclusões através de alvitre, como sugerido por Jerome Bruner¹⁰⁷.

Para as corridas e Estádios foi utilizado como exemplo um excerto do filme *Ben-Hur*¹⁰⁸. No quadro foi, novamente, elaborado um resumo das atividades praticadas, quando estas eram mencionadas. No decorrer da aula foram realizadas múltiplas questões para aumentar a participação dos alunos e para tornar a aula mais dinâmica. Através destas foi possível determinarmos se estavam a compreender e, também, se possuíam conhecimentos prévios. Por exemplo, a turma foi questionada se seria lucrativo treinar gladiadores para falecerem se perdessem. Isto foi feito para não manterem a ideia errada. Com esta pergunta os alunos chegaram à conclusão desejada. Com o apoio de um excerto do filme *O Gladiador*¹⁰⁹, conduzimos a turma a diferentes tipos de combate. Mencionámos combate entre homens, homens e animais, simulações de batalhas e batalhas navais¹¹⁰. Apesar de os filmes não serem um relato histórico fiel, ajudam os alunos a tirar conclusões sozinhos, a visualizar o que é falado e a descomprimir um pouco. A utilização de filmes e outras ferramentas como auxiliar de ensino foi abordada por

¹⁰⁶ GRIMAL, Pierre – cit. 54 p.238

¹⁰⁷ BRUNER, Jerome – cit.11 p. 75

¹⁰⁸ WYLER, William – *Ben-Hur*. Estados Unidos da América: Metro-Goldwyn-Mayer,1959. Excerto disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=frE9rXnaHpE>

¹⁰⁹ SCOTT, Ridley – *Gladiator*. Estados Unidos da América: Dreamworks Pictures, Universal Pictures, 2000. Excerto disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S7tcTviilBI&t=189s>

¹¹⁰ Grimal, Pierre – cit. 54 p. 239-240

Jerome Bruner¹¹¹, que afirmou serem uma boa forma de aumentar a experiência do aluno. São também uma forma de captar o interesse, mas apenas a curto prazo¹¹².

O tema seguinte foi o teatro, ao qual os alunos demonstraram uma rápida compreensão uma vez que o tema já lhes era familiar desde o Módulo 1. Este foi um momento em que utilizámos um subsunçor para ancorar um determinado conhecimento na estrutura cognitiva¹¹³. Para isto questionámos a turma sobre os géneros de teatro estudados no Módulo 1. Quando os alunos responderam tragédia e comédia, explicámos que em Roma era semelhante e que apesar de produzirem as suas próprias obras, também reproduziram as suas¹¹⁴.

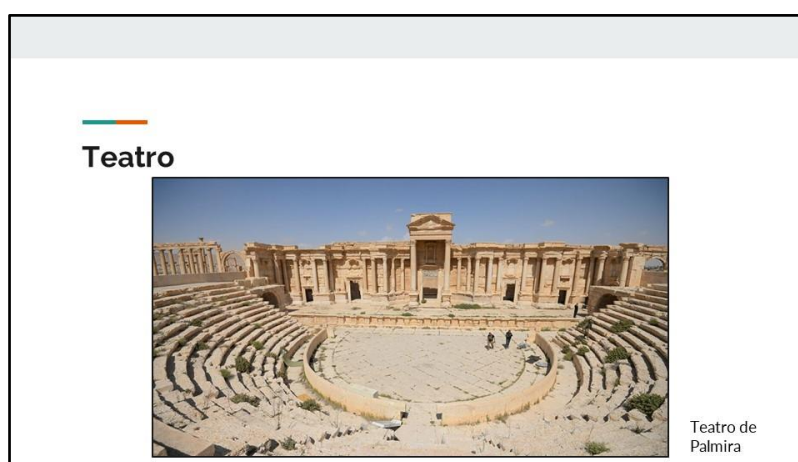


Fig. 12 – Teatro de Palmira

Para a análise do Fórum utilizámos as imagens como o principal auxiliar. Foi discutida a sua importância e as funções que servia à sociedade, como atividades oficiais e até ao séc. II a.C., comércio¹¹⁵. Através da imagem identificámos os espaços que o compunham. Infelizmente, o resultado não foi o desejado, pois devido à qualidade da projeção os alunos sentados nos últimos lugares tinham dificuldades em ler as legendas, por isso gerou um obstáculo inesperado. Relembramos que esta aula foi lecionada na sala B 0.20, uma sala de grandes dimensões e um quadro cuja projeção era inferior.

¹¹¹ BRUNER, Jerome – cit. 11 p. 75

¹¹² *Idem*

¹¹³ MOREIRA, Marco António – cit. 13 p. 16

¹¹⁴ PEREIRA, Maria Helena da Rocha – cit. 61 p.82 p.92

¹¹⁵ GRIMAL, Pierre – cit. 54 p. 217

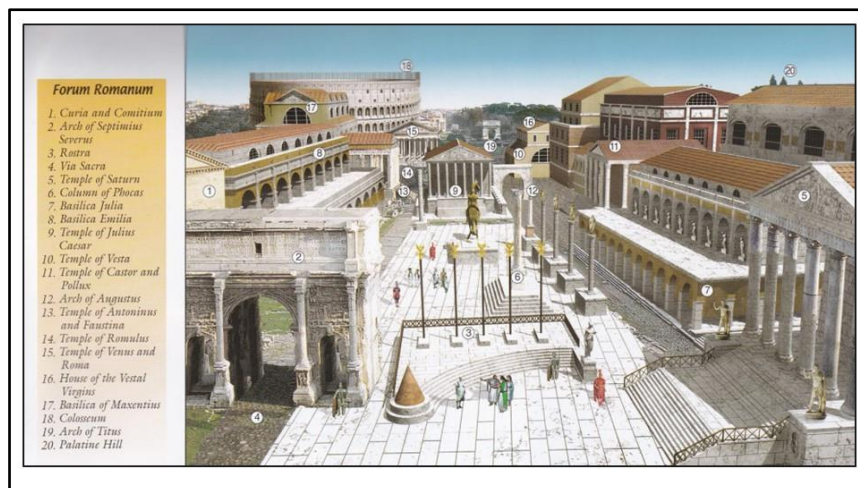


Fig. 13 – O Fórum Romano

Explorámos as funções da Basílica, da Cúria e dos Templos. Sobre a primeira explicámos que era onde funcionavam os tribunais¹¹⁶. Os alunos também ficaram a compreender que quando as condições atmosféricas não eram ideais para o exterior, as funções realizadas no fórum passavam para a Basílica¹¹⁷. Esta era um átrio coberto, suportado por colunatas laterais e por uma fila central de colunas¹¹⁸. Nesta última foi utilizada uma imagem de um templo em Portugal, para demonstrar a presença do Império no território onde hoje é o nosso país. Achámos isto importante para exemplificar a dimensão do Império que já tínhamos referido. O Templo Romano de Évora é também um local acessível aos alunos. Mencionámos uma curiosidade sobre este ter sido utilizado como um talho e a turma demonstrou indignação. Foi salientada a importância dos templos para os romanos, sendo que todas as atividades estavam ligadas à religião¹¹⁹. Referimos, também, a Arquitetura Comemorativa, utilizando como exemplo a Coluna de Trajano e o Arco de Constantino. Explicámos que estes tinham como função comemorar feitos políticos e militares, exaltando o Império.

¹¹⁶ *Ibidem* pp.222-223

¹¹⁷ *Idem*

¹¹⁸ *Idem*

¹¹⁹ GRIMAL, Pierre – cit. 54 pp. 218



Fig. 14 – Templos Romanos

Na transição para o Urbanismo sugerimos aos alunos observar onde os edifícios apresentados se localizavam na cidade romana. Começamos por abordar este tema ao definir a palavra *urbe*. De seguida foi explicado como Roma era a cidade modelo, digna de ser a capital do Império Romano. Ajudou os alunos já terem conhecimento das diferentes infraestruturas presentes em Roma para compreenderem a necessidade de serem repetidas pelo Império. Foi também útil já compreenderem a importância do exército romano e a sua presença no território, para entenderem a semelhança com o traçado ortogonal do acampamento militar. Através de uma imagem da planta da cidade de Timgad na Argélia os alunos compreenderam os conceitos de *cardo* e *decumanos*. Brevemente mencionámos as estradas, algo já explorado em aulas anteriores. De seguida referimos o sistema de esgotos de Roma, a *Cloaca Máxima*. Como isto deu-se próximo do final da aula fez com que os alunos se lembrassem da existência de um sistema de esgotos, mas não do seu nome. Por fim referimos os aquedutos e a sua importância para o transporte de água para a cidade¹²⁰.

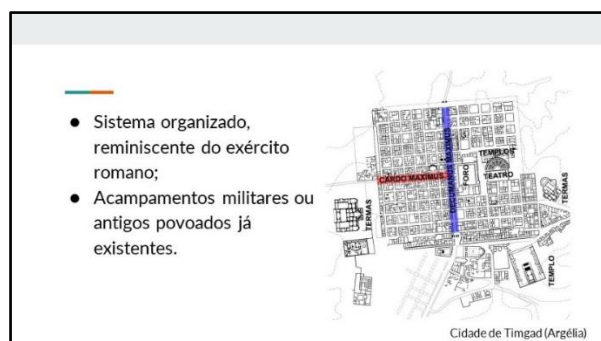


Fig. 15 – A cidade romana

¹²⁰ PEREIRA, Maria Helena da Rocha – cit. 61 p.246

No final da aula pedimos aos alunos que realizassem os exercícios 2.a), 2.b) e 3.b) da página 125 do manual¹²¹. As questões foram de resposta curta e focadas na enumeração. Estes eram para ser realizados durante a aula, mas a falta de tempo suficiente tornou a atividade impossível. Sabemos que nem todos os alunos de uma turma têm as mesmas condições para estudar e o único local onde as podemos controlar é na sala de aula. No entanto, devido à falta de experiência, foi-nos útil perceber o que compreenderam e se houve algum mal-entendido. Por fim, realizámos, com a turma, um resumo dos conteúdos abordados. Esta aula que começou mais tarde, teve de terminar mais cedo para os alunos receberem o teste anteriormente realizado, algo já antes acordado com a Professora Cooperante.

Uma vez que o final desta lição, tal como o início da seguinte, foram planeadas para serem uma introdução à arquitetura romana, foi necessário dar aos alunos estruturas base sobre as quais podem crescer os seus conhecimentos. Através da aprendizagem mecânica foi possível criar subsunçores utilizados para inserir novas ideias na estrutura cognitiva. Seguindo o pensamento de Bruner, partimos do geral nesta aula para o particular nas seguintes, adequando os conteúdos à idade dos alunos.

No decorrer desta aula que descobrimos o modo mais eficaz de captar o interesse e motivar os alunos. Segundo Jerome Bruner¹²² a motivação deve ser intrínseca, um desejo de aprender que parte do indivíduo. Como alunos do curso científico-humanístico de Artes Visuais, a maioria não se interessa por História. Curiosidades sobre o quotidiano ou guerra captam a atenção a curto prazo, mas não são uma medida eficaz a longo prazo. No entanto, para captar o interesse a longo prazo a solução foi mais simples que o esperado. Apesar de não se demonstrarem muito interessados por História, estavam muito motivados para aprender sobre História de Arte. Ao terminarmos o contexto histórico, a atenção foi redobrada. Havia nas aulas seguintes uma maior vontade de aprender e por isso houve mais questões. Os temas desta aula e das seguintes geraram mais curiosidade que as anteriores.

¹²¹ NUNES, Paulo Simões – cit. 52 p.125

¹²² BRUNER, Jerome – cit. 12 pp. 142-144

Quarta Aula – Terça-feira, 10 de novembro 2020

A quarta aula lecionada foi a primeira sobre arquitetura romana. Para alunos do curso científico-humanístico de Artes Visuais é um tema muito mais bem-vindo que contexto histórico. Por este motivo (e talvez por já estarem mais à vontade connosco) foram mais participativos e estavam mais satisfeitos com os conteúdos estudados. A curiosidade e desejo de aprender foi evidente, principalmente em comparação às primeiras aulas. Isto transforma-se em motivação que facilitou o decorrer da aula. A quarta aula foi a aula observada pelo Professor Doutor Miguel Monteiro.

Depois da entrada gradual dos alunos, o sumário foi copiado, sendo este: A arquitetura Romana: entre o belo e o útil. Os Avanços Tecnológicos. Arquitetura Religiosa. Realização de exercícios. No início da aula aproveitámos para fazer uma breve apresentação do Professor Miguel Monteiro aos alunos. Procedemos com um breve resumo da aula anterior, juntamente com um esclarecimento dos objetivos desta, assinalando como base para compreender elementos da arquitetura romana. Estas bases foram um ponto de partida para a análise de edifícios. Uma vez que foram aprendidos foi fácil para os alunos aplicá-las, sendo um testemunho da eficácia deste método.

Como introdução à arquitetura romana, começámos por apresentar as características gerais, apresentando uma a uma e explicando o significado de cada palavra projetada no quadro. Mencionámos *De Architectura* de Vitruvius¹²³, onde o próprio afirma que os edifícios são um legado para o futuro¹²⁴. Apresentámos o *opus caementicium* como um material económico, mas resistente, explorando os elementos que o compunham. De seguida abordámos os paramentos, dos quais os alunos copiaram os nomes. Estes conseguiram fazer associações entre os tipos de paramentos com facilidade. A explicação sobre o funcionamento de um arco de volta perfeita foi mais demorada e extensa que o necessário. Os alunos copiaram os nomes e significados dos seus componentes, o que também foi desnecessário. Por fim, referimos as abóbodas de berço e de arestas.

¹²³ VITRUVIUS – **The Ten Books of Architecture**. Londres: Humphrey Milford, 1914

¹²⁴ *Ibidem* p.6

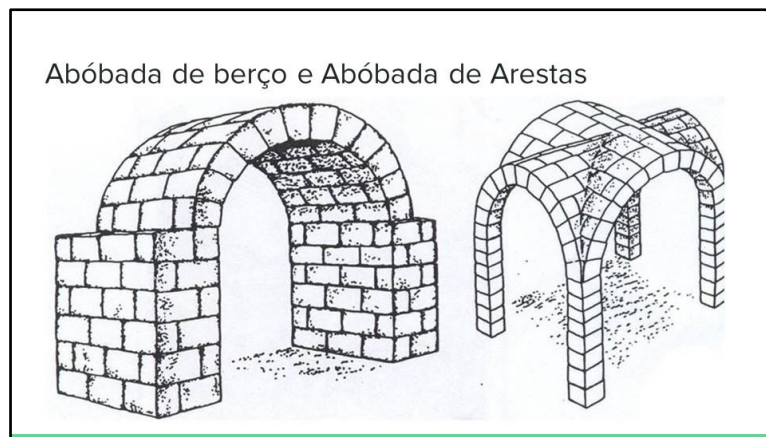


Fig. 16- Abóbada de Berço e Abóbada de Arestas

Nas técnicas e instrumentos de engenharia abordámos as cofragens e cimbres, aproveitando para explicar que estes são de tal modo eficazes, que ainda hoje são utilizados. Referimos a gnoma e os grampos de metal, esclarecendo o seu propósito. Explicámos, também, a orografia, topografia, terraplanagem e embasamento.

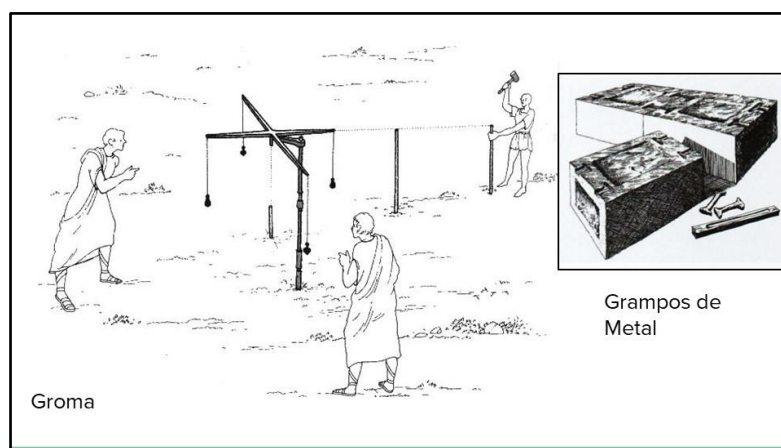


Fig. 17 – Técnicas e Instrumentos de Engenharia

A influência da arquitetura etrusca e da arquitetura grega em Roma, e por consequência no Império, é evidente¹²⁵. Da arquitetura etrusca¹²⁶ mencionámos o arco de volta perfeita¹²⁷ (explicando que este já existia na Mesopotâmia), a abóbada de berço, as estradas, os esgotos, as pontes, os túneis, as cúpulas, o templo elevado num pódio e a *cella* única. Como exemplo, utilizámos imagens da cidade etrusca de Marzabotto,

¹²⁵ GRIMAL, Pierre cit. 54 – pp.172-173

¹²⁶ PEREIRA, Maria Helena da Rocha. cit. 61 – pp. 445-446

¹²⁷ *Idem*

incluindo as ruínas de um templo em que é possível observar o pódio com apenas uma escadaria de acesso. Foi também projetada uma reconstituição do templo de Júpiter Capitolino, perguntando à turma porque é que este teria mais do que uma *cella*¹²⁸, de modo a deixar claro que era um templo de três deuses de forma a não confundir os alunos através do contraste com a informação previamente apresentada.

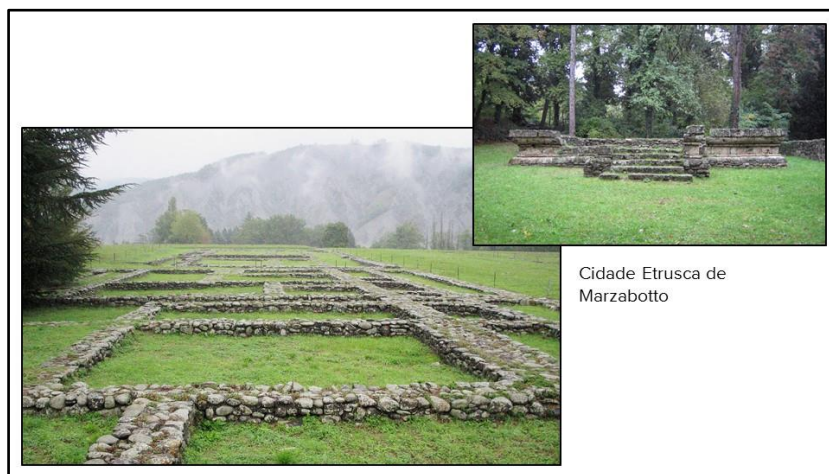


Fig.18 – Ruínas da Cidade Etrusca de Marzabotto

Da arquitetura grega referimos as plantas retangulares e circulares dos templos, o traçado ortogonal e as ordens arquitetónicas¹²⁹. Para isto, utilizámos como exemplo imagens do *Parténon* e da *Tholos* de Delfos, comparando esta última ao templo de Hércules Victor. A comparação como ferramenta é útil, pois permite aos alunos verem por eles próprios o que estamos a afirmar e podemos até questioná-los sobre o que estão a ver, para que retirem as suas conclusões sozinhos, praticando o método indutivo¹³⁰. De seguida foi realizada outra comparação, desta vez entre a planta da cidade de Pireu na Grécia e a planta de Timgad na Argélia. As ordens arquitetónicas foram apresentadas em dois slides diferentes. No primeiro revemos a ordem dórica, jónica e coríntia em que alunos selecionados completavam os nomes antes de serem projetados. No segundo introduzimos as ordens toscana e compósita. A primeira como sendo simples e ideal para onde decoração não faz sentido e a segunda na qual os alunos referiram as ordens que a compõe. Explicámos que existia uma atenção ao detalhe de como eram utilizadas na

¹²⁸ *Idem*

¹²⁹ *Idem*

¹³⁰ BRUNER, Jerome – cit.11 p.36

decoreção, sendo até possível encontrar mais do que uma no mesmo edifício. Esta ideia foi exposta como sendo um barroquismo na decoreção.

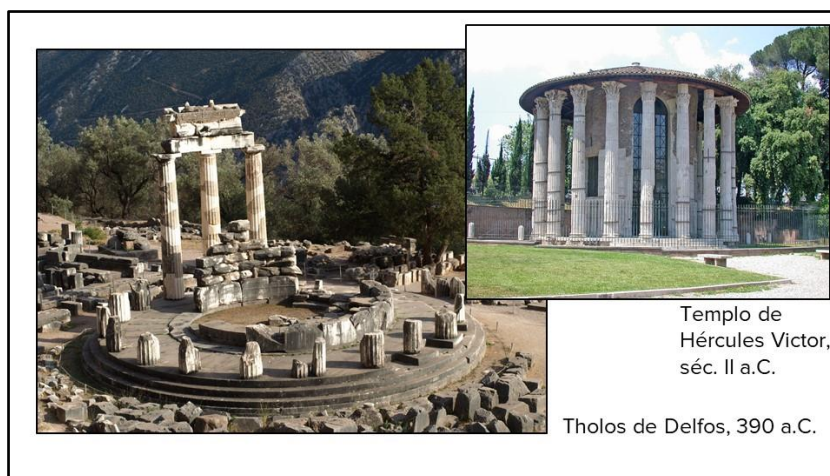


Fig. 19 – *Tholos* de Delfos e Templo de Hércules Victor

Para a introdução à arquitetura religiosa foram apresentadas quatro imagens: o Pártenon e a sua planta, juntamente com a *Maison Carrée* e a sua planta. Através disto os alunos identificaram diferenças entre ambas, sendo estas apontadas no quadro para poderem copiar. A turma identificou a existência de uma única *cella* e repararam no pórtico com colunatas. A escadaria única e as colunas acostadas foram também de fácil identificação. Fizemos também uma breve análise a esta última imagem. Procedemos à análise do Panteão, identificando influências gregas e etruscas de modo que os alunos aplicassem os conhecimentos adquiridos. Estes conseguiram identificar as ordens coríntias, a abóboda e o entablamento. Explicámos que a decoreção do interior da abóboda eram caixotões. O edifício, construído quando Adriano era Imperador, transmitia uma mensagem de força e poder¹³¹. Além disto, foram contadas curiosidades sobre o edifício. O Panteão foi um tema com mais detalhes e estudado já mais próximo do final da aula, por este motivo foi cansativo para todos. Ao terminarmos, realizámos um resumo que os alunos ajudaram a completar. Explorámos brevemente a *Ara Pacis*, utilizando um vídeo facultado pela Professora Luísa Soares, que acompanhámos com uma breve explicação. Por último abordámos, brevemente, os santuários.

¹³¹ PEREIRA, Maria Helena da Rocha - cit. 61 p.461

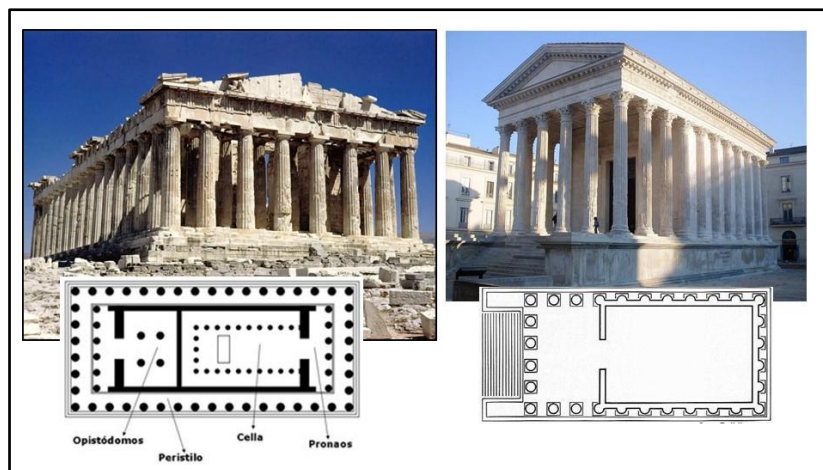


Fig. 20 – *Parténon e Maison Carrée*

Depois de um breve resumo dos conteúdos lecionados, foram projetados cinco exercícios para os alunos realizarem. As questões foram: 1- Indique três diferenças entre os templos gregos e os romanos, 2 – Refira todas as ordens arquitetónicas que conhece, 3 - Refira duas inovações romanas na arquitetura, 4 - Explique o que era o *opus caementicium* e 5 – Refira dois aspetos de influência grega e dois aspetos de influência grega e dois aspetos de influência etrusca na arquitetura romana. Estas foram respondidas numa folha à parte e depois entregues para serem corrigidas. A maioria dos alunos terminou na sala de aula, mas ao chegar a hora do intervalo as últimas alunas que ainda não tinham terminado levaram para casa.

A aula esteve dividida em três fases distintas. A primeira foi a continuação da introdução à arquitetura romana através do estudo de características comuns ao tema. O objetivo pretendido foi proporcionar novas bases, sob as quais os alunos poderiam trabalhar. Utilizámos, maioritariamente, a aprendizagem por receção¹³² com alguns momentos para a aprendizagem por descoberta,¹³³ para a inserção de novos conteúdos na estrutura cognitiva. Podemos afirmar que na maioria dos temas não existiam subsunçores e por isso a aprendizagem mecânica foi utilizada até que estes fossem estabelecidos¹³⁴. No entanto foi possível evocar os conhecimentos adquiridos ao longo do estudo do Módulo anterior, utilizando-os como subsunçores. Os alunos revelaram uma maior facilidade em identificar elementos de influência grega. Na segunda fase iniciámos a aplicação dos conteúdos ao iniciarmos a arquitetura religiosa, adicionando a isto novas

¹³² MOREIRA, Marco António – cit. 13 p.17

¹³³ *Ibidem* p.16

¹³⁴ *Idem*

aprendizagens realizadas através da receção e da descoberta. A terceira foi exclusivamente para a aplicação de conteúdos através dos exercícios realizados.

Em conclusão, esta aula tinha alguns aspetos a serem melhorados. Para começar, o Professor referiu que a extensão da sala requer uma melhor projeção de voz. Ainda não tinha sido corrigido, pois os alunos nunca tinham mencionado e por isso era-nos desconhecido. Foi novamente cometido o erro de anunciar o tema seguinte, em vez de fazermos uma transição. Chegámos a perceber e tentámos voltar atrás, mas já era tarde. Outro aspeto a melhorar seria a quantidade de coisas que os alunos copiaram, que, em retrospectiva, em parte não era necessária. A ansiedade que sentirmos por ser uma aula observada também foi prejudicial.

Quinta Aula - Quinta-feira, 12 de novembro 2020

Esta aula foi a última a ser lecionada, por este motivo tentámos que fosse menos exigente e mais focada na utilização de vídeo e imagem, sem exercícios no final. Como os alunos chegaram mais tarde, começámos mais tarde. Sempre que tentámos iniciar, um aluno entrava e interrompia. O sumário já estava projetado no quadro, sendo este: Arquitetura pública e privada romana. A cidade de Pompeia. Quando a maioria da turma já estava sentada, agradecemos pelo comportamento e cooperação apresentados na aula anterior.

Realizámos um breve resumo da aula anterior, com ajuda dos alunos, sendo esta atividade uma constante em todas as aulas. De seguida iniciámos o estudo da arquitetura pública romana, sobre o qual os alunos já tinham adquirido conhecimentos nas aulas anteriores. Devido a isto já possuíam subsunçores, com os quais a informação podia interagir¹³⁵. Primeiro abordámos o aqueduto, sobre o qual os alunos identificaram a sua função e composição. Explicámos, também, como funcionavam. Foram mencionadas as pontes, salientando a sua importância e qualidade.

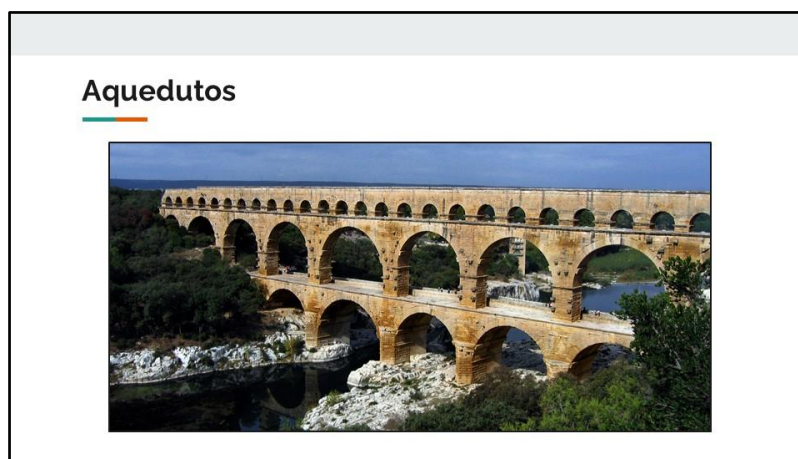


Fig. 21 – *Pont du Gard*

Procedemos com os teatros, onde aprofundámos os conhecimentos previamente adquiridos. Inicialmente os alunos identificaram diferenças entre o teatro grego e o romano. Como a aula foi realizada na sala B 0.08 foi possível assinalar as diferenças nas imagens, utilizando o quadro branco onde estavam projetadas. Também assinalámos as suas características. Uma vez terminado, procedemos ao anfiteatro. Primeiro foi analisado

¹³⁵ MOREIRA, Marco António – cit. 13 p.16

o Anfiteatro Flávio e explicámos a sua composição. Permitimos aos alunos identificar as arcadas e ordens arquitetónicas. Explicámos que este não tinha uma forma circular, mas sim elíptica. De seguida explicámos o seu funcionamento, incluindo o que eram a vomitória, as velas de linho e os bastidores no subsolo¹³⁶. Para além de fotografias, decidimos apresentar um vídeo que nos foi facultado pela Professora Cooperante, pois este continha mais informação e era mais interessante do ponto de vista didático. Outro exemplar apresentado aos alunos foi o Anfiteatro de Mérida para terem uma demonstrar que estes espaços existiam pelo Império e como seriam.

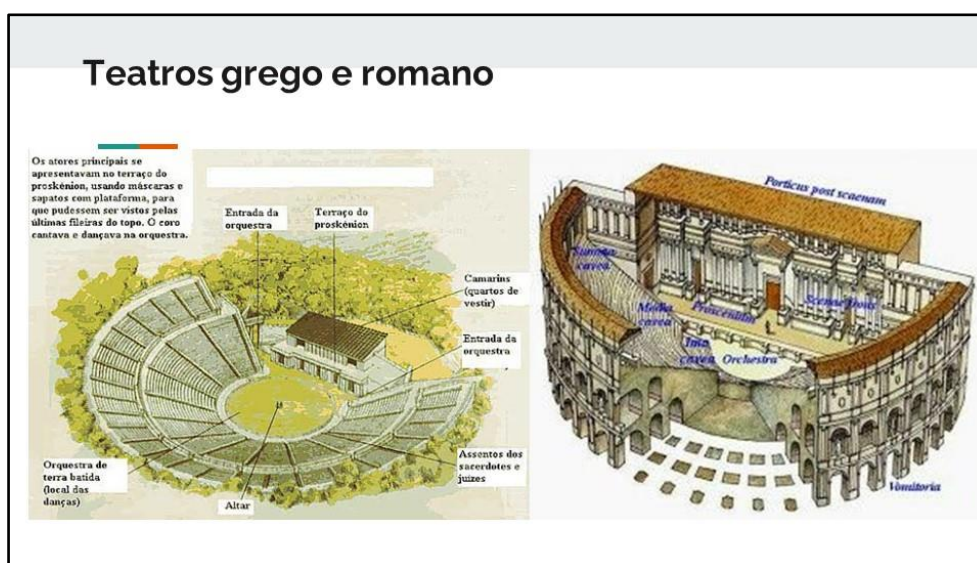


Fig.22 – Comparação entre Teatros gregos e romanos

Realizámos uma revisão do Fórum Romano, analisando a sua composição. Começámos pelas intervenções de César, que aumentou o espaço do Fórum e Augusto que também deixou a sua marca¹³⁷. Referimos Vespasiano, cuja intervenção incluiu um templo da paz, uma biblioteca e a transformação do antigo mercado para uma praça com um pórtico¹³⁸. Por fim, também referimos as intervenções de Trajano, cuja intervenção incluiu a construção da maior basílica de Roma, com mármore de diferentes cores e bibliotecas¹³⁹. Mencionámos a praça triangular com a estátua equestre desre imperador e um arco monumental¹⁴⁰. De seguida foi apresentado um mapa da cidade de Roma, a

¹³⁶ GRIMAL, Pierre – cit.54 p.241

¹³⁷ *Ibidem.* p.226

¹³⁸ *Ibidem* pp.226-227

¹³⁹ *Ibidem* p. 229

¹⁴⁰ *Idem*

seria mais parecida a Termas¹⁴³. Curiosamente não conseguiram encontrar semelhanças da planta com igrejas, pois ainda não tinham contactado com o tema.



Fig. 24 – Basílica de Maxêncio e Constantino

Iniciámos o estudo das Termas através de uma breve revisão sobre estas e de mais curiosidades que interessavam os alunos, em particular a quantidade de água necessária, tendo aquedutos próprios, e o facto de que a entrada nas termas era gratuita. Voltámos a referir que para além dos banhos, havia jardins, lojas, bibliotecas, salas de massagens, restaurantes, entre outros¹⁴⁴. Ao terminarmos foi-lhes apresentada uma planta das Termas de Diocleciano, a partir da qual realizámos uma análise, utilizando a caneta e o quadro. Uma vez terminado, questionámos os alunos sobre possíveis motivações para um imperador deixar a sua marca na cidade através de construções. Foi também explicado como a água era aquecida, mencionando a canalização e fornos no subsolo¹⁴⁵, e projetámos um excerto de um vídeo sobre as Termas de Caracala¹⁴⁶, mas sem áudio, uma vez que não era em português, nem possuía legendas, que acompanhámos com uma explicação. Depois introduzimos duas curiosidades. Primeiro as *tabernae* e de seguida as latrinas, sendo que estas últimas suscitaram curiosidade.

¹⁴³ *Ibidem* p. 232

¹⁴⁴ PEREIRA, Maria Helena da Rocha - cit. 61 p.452

¹⁴⁵ *Ibidem* p.456

¹⁴⁶ Canal História - *Las Termas De Caracalla*. Canal História. Excerto disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GHvkdqG9Fxo>

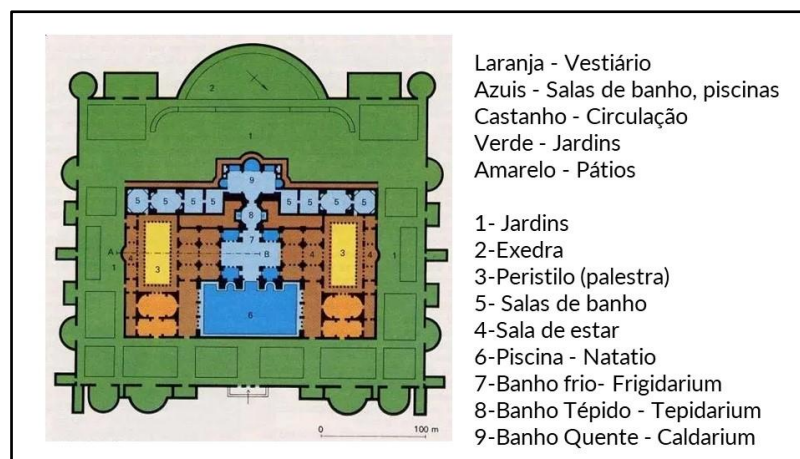


Fig. 25 – Termas de Diocleciano

Na segunda parte da aula foi estudada a arquitetura privada. Esta foi a única aula em que os alunos não tiveram intervalo, mas sim saíram mais cedo. Primeiro analisámos as características das *Insulae*, juntamente com os problemas que estas possuíam. Abordamos também os seus materiais e decoração. De seguida, analisámos as *Domus*, através de plantas, reconstituições e vídeos sobre Pompeia¹⁴⁷. Introduzimos os diferentes espaços que as compunham, explicando as suas funções. Comparámos as funções das divisões aos nossos dias. Também foram referidos os materiais. Mencionámos brevemente as *villae*, mas os alunos estavam mais interessados em saber o que se tinha sucedido em Pompeia, que foi o tema seguinte. Previamente esclarecemos com a Professora Cooperante se seria apropriado utilizar imagens dos moldes de gesso. A resposta foi positiva e foi pedido que explicássemos, brevemente, o processo da sua criação. Após um vídeo onde a erupção era recreada, que nos foi facultado pela Professora Cooperante, e por meio de uma pequena explicação a turma compreendeu. Pediram até para não retirarmos o vídeo, mas sim acompanharmos este com uma explicação. Como este não tinha muitos sons concordámos. Este vídeo gerou curiosidade e por isso surgiram bastantes questões. Os alunos compreenderam de imediato o impacto que a existência desta cidade preservada teve no estudo das artes e, igualmente, no estudo da vida no Império Romano. Em conversa com a turma explicámos como a descoberta ocorreu e a influência que esta teve. Esclarecemos, também, que Pompeia não foi a única cidade afetada. Com os minutos finais realizámos apontamentos no quadro. Nos últimos

¹⁴⁷ STORI3D PAST Productions - *Pompeii and the House of Sallust - 3D Reconstruction*. Estados Unidos da América: Youtube, 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RSd8f5780GM>

momentos questionámos a turma sobre se achavam que a arquitetura romana era uma cópia da grega. Os alunos responderam que não, mas todos concordaram que tinham aprendido o oposto no ensino básico. Para provar esta afirmação encontraram um manual na sala de aula que o confirmava. Com o finalizar da aula agradecemos aos alunos pela sua colaboração e simpatia.



Fig. 26 – Reconstrução de uma *Domus*

Esta aula foi o resultado da explicação das bases da arquitetura romana. Ao aplicarmos a teoria de aprendizagem significativa¹⁴⁸, utilizámos o que já tinha sido explicado aos alunos na aula anterior como subsunçor, permitindo inserir novos conteúdos na estrutura cognitiva. Uma vez já abordadas características mais gerais da arquitetura romana e dos diferentes edifícios, foi possível abordar temas mais específicos. Em certas situações foi possível permitir à turma aplicar os seus conhecimentos utilizando o MADO¹⁴⁹. Através deste observámos se os alunos seriam capazes de reconhecer características da arquitetura romana nas imagens projetadas.

Em retrospectiva a aula foi bem conseguida e cumprimos todos os nossos objetivos. No entanto, há um aspeto que poderia ser melhorado. Pensámos em realizar uma atividade utilizando o *Google Maps* como ferramenta que permite observar a cidade de Roma e até a Professora Cooperante chegou a sugerir o mesmo. No entanto, esta atividade não foi realizada devido à imprevisibilidade da internet. Não seria viável planear parte da aula

¹⁴⁸ MOREIRA, Marco António cit.- 13 pp.14-15

¹⁴⁹ BRUNER, Jerome – cit.12

contando com uma atividade que poderia não funcionar. Hoje, com outra clareza, o mais acertado seria planear a atividade, mas também uma alternativa.

Atividades Realizadas

As atividades foram realizadas tendo como objetivo compreendermos o que os alunos retinham das aulas. Houve diversos benefícios, sendo possível percebermos as dificuldades dos alunos, permitindo uma análise em retrospectiva de como a informação foi recebida. Os exercícios também nos permitiram fazer pequenos ajustes e comparar dados à medida que as aulas iam sendo lecionadas. Auxiliar os alunos durante a aula e fazer a correção foi uma experiência útil para o futuro, pois permitiu-nos praticar capacidades necessárias a um professor. O processo de correção não foi fácil, mas ajudou a refletir sobre as aulas lecionadas e a aprender com os próprios erros.

A tarefa foi pensada para nos informar dos aspetos melhor ou pior conseguidos de cada aula e perceber o trabalho dos alunos. Inicialmente não foi pensada com a intenção de darmos uma nota quantitativa, apenas uma correção ou uma nota qualitativa para os alunos perceberem onde residiam as suas dificuldades. No entanto, depois de uma conversa com a Professora Cooperante Luísa Soares, foi nos sugerido dar aos alunos uma nota qualitativa de zero a vinte, pois a turma estava habituada a tal e seria uma forma de os motivar a fazer um maior esforço. Outro benefício para os alunos, foi a entrega dos trabalhos contribuir para a nota final, devido aos critérios de avaliação. Para a correção das perguntas discutimos com a Professora dividir a cotação igualmente por todas as perguntas. Se para responder corretamente a uma pergunta fosse necessário mencionar mais que um aspeto, a cotação da pergunta seria dividida igualmente por cada um. Depois de realizadas as correções foi apontado um erro pela Professora Cooperante. A qualidade da escrita da resposta deve ser tida em conta, uma vez que uma resposta completa demonstra mais esforço que uma resposta escrita em lista.

Na primeira tentativa as perguntas foram projetadas, mas isso fez com que os alunos sentissem a necessidade de copiar as perguntas e por isso perderam muito tempo que podiam utilizar para acabar a atividade. Se os alunos não acabassem os exercícios na aula poderiam levar para casa e acabar com acesso ao ppt, que lhes foi sempre disponibilizado. Por este motivo, nas aulas seguintes os exercícios passaram a ser os que estavam presentes no manual¹⁵⁰, material a que tinham sempre acesso e a maioria dos

¹⁵⁰ NUNES, Paulo Simões – cit.52

alunos deixou de sentir a necessidade de copiar as perguntas. O caderno de atividades¹⁵¹ nunca foi utilizado por conter as respostas. A utilização do manual também eliminou a necessidade de aceder à internet, o que facilitou o processo aos alunos que terminaram em casa. Em retrospectiva, a ideia de permitir aos alunos que levassem o trabalho para casa pode não ter sido a mais prática. Segundo a Professora Cooperante só se deve permitir se não houver tempo suficiente na aula para a tarefa ser cumprida. Além disto não lhes deve ser imediatamente dito, para evitar que decidam não fazer nada na aula. Para além destes aspetos apontados pela Professora Cooperante há um terceiro. Durante as aulas verificámos que todos os alunos, sem exceção, estavam a fazer os exercícios, no entanto, depois de levarem para casa, vários não chegaram a entregar. Em particular, houve uma aluna que acabou na aula, mas insistiu em levar para passar a limpo e depois não entregou. Nestes casos houve inclusive alunos que entregaram no final do 1.º Período para que a nota não fosse afetada.

Em conclusão, a leitura e correção dos exercícios realizados pelos alunos permitiu-nos uma melhor perceção da compreensão das aulas por parte de cada aluno. Percebemos que a compreensão escrita era uma dificuldade de vários alunos. Foi possível perceber e esclarecer aspetos das aulas que causaram dúvidas e perceber em que aspetos a comunicação com os alunos podia ser melhorada. Foi também uma forma de cimentar os conhecimentos. No final enviámos a correção aos alunos para poderem perceber onde tinha falhado.

¹⁵¹ NUNES, Paulo Simões – **História da Cultura e das Artes 10 – Caderno de Atividades para preparar para o Exame Nacional**. Lisboa: Raiz Editora, 2018

Primeira Atividade

Esta deu-se no final da primeira aula lecionada no dia 3 de novembro de 2020. Foi composta por três perguntas, inspiradas pelo manual¹⁵² e caderno de atividades¹⁵³, mas não copiadas. A primeira “*Explique as principais funções do Senado e a sua importância*” com o valor de 6,67 valores. A segunda “*Explique o que era o *cursus honorum* e refira as principais magistraturas*” com a cotação de 6,67 valores. A terceira e última “*Evidencie os fatores que levaram à Expansão Romana e ao Crescimento do Império*” para 6,66 valores. Dos dezanove alunos presentes na aula, apenas quatro não entregaram a atividade pedida. Foi verificado que durante a aula todos os alunos estavam a responder às perguntas. Isto soma um total de 20 valores. De seguida iremos analisar a tabela com os resultados dos alunos e explicar as conclusões retiradas.

	1	2	3	TOTAL
██████████	6,30	6,40	6,66	19,36
██████████	6,67	6,40	6,66	19,73
██████████	6,67	5,55	6,66	18,88
██████████				
██████████	6,67	6,67	6,66	20
██████████				
██████████	6,30	1,11	1,11	8,52
██████████	6,30	4,44	1,11	11,85
██████████	3,34	6,67	0	10,01
██████████	6,67	6,67	6,66	20
██████████	4	6,67	0	10,67
██████████	6,67	6,40	1,11	14,18
██████████	6,30	6	1,11	13,78
██████████	6,67	6,67	6,66	20
██████████	4	3,34	3,33	10,67
██████████				
██████████				
██████████				
██████████	6,67	6,40	1,11	14,18
██████████				
██████████	6,30	6,40	1,11	13,81

Tabela 1 – Resultados dos exercícios da aula do dia 3 de novembro

¹⁵² NUNES, Paulo Simões – cit. 52

¹⁵³ NUNES, Paulo Simões – cit. 151

Com a primeira questão foi possível perceber que os alunos tinham entendido o que lhes foi ensinado, mas alguns deixaram as respostas incompletas. Podemos deduzir que houve alguma preguiça por parte dos alunos em escrever respostas completas. Para a realização dos exercícios deste dia os alunos já sabiam que páginas do manual poderiam consultar caso tivessem dúvidas, uma vez que tinham sido utilizadas na aula. Também foi disponibilizada a nossa ajuda para apoiar qualquer dificuldade e até o *ppt*.

Na segunda questão percebemos que era necessário esclarecer dois aspetos. O primeiro foi uma aluna ter escrito “carreira dos homens” em vez de carreira das honras. Foi apenas uma aluna, mas como esta estava na primeira fila levantámos a possibilidade de os alunos não conseguirem compreender a nossa letra. Por este motivo passamos a escrever sempre em maiúsculas, para ser de mais fácil perceção. Isto foi particularmente útil nas aulas seguintes, pois foram realizadas na sala B 0.20, de maiores dimensões.

O segundo aspeto foi os alunos não terem percebido que os tribunos da plebe não pertenciam ao *cursus honorum*. Isto pode ter ocorrido por termos utilizado chavetas no gráfico e os alunos não terem percebido onde estas terminavam.

A terceira questão foi a que suscitou mais dúvidas. Dois alunos decidiram não terminar em casa e entregaram em branco. Houve também vários alunos que não compreenderam a questão. Pensamos que aqui o erro foi o modo como a pergunta foi redigida.

Segunda Atividade

Esta atividade foi realizada no final da aula do dia 5 de novembro. Semelhantemente à anterior, foi composta por três perguntas, mas desta vez da página 124 do manual¹⁵⁴. A primeira questão foi “1.a) Indique os três principais poderes que Otávio concentrou em si, explicando o âmbito de cada um deles.” para 6,67 valores. A segunda foi a “1.b) Apresente os vários planos da ação política, militar, social, cultural e religiosa de Otávio, que contribuíram para a designada “Idade de Ouro” da civilização romana.” para 6,67 valores. Por fim a pergunta “1.c) Refira quatro fatores de romanização e que favorecem a unidade política e administrativa de todo o Império.” que valia 6,66 valores. Dos dezanove alunos presentes, cinco não entregaram a atividade apesar de serem observados a iniciar e alguns terem chegado a pedir apoio durante a aula. Iremos, novamente, apresentar a tabela e explicar as conclusões a que chegámos.

	1	2	3	TOTAL
██████████	6,67	0	0	6,67
██████████	6,67	0	6,66	13,33
██████████	6,67	0	6,66	13,33
██████████				
██████████	6,67	0	6,66	13,33
██████████	6,67	0	0	6,67
██████████	6,67	0	6,66	13,33
██████████	6,67	0	6,66	13,33
██████████	6,67	6,67	6,66	20
██████████	6,67	6,67	6,66	20
██████████				
██████████				
██████████	6,67	2,67	6,66	16
██████████	6,67	6,67	0	13,34
██████████	6,67	0	0	6,67
██████████				
██████████				
██████████				
██████████	6,67	2,67	6,66	16
██████████				
██████████	6,67	0	6,66	13,33

Tabela 2 – Resultados dos exercícios da aula de 5 de novembro

¹⁵⁴ NUNES, Paulo Simões - cit 52-p.124

No exercício 1 alínea a), ambas as partes da pergunta foram respondidas corretamente por todos os alunos. Isto demonstrou que foram capazes de perceber a questão, procurar e selecionar a informação pretendida e perceber o conhecimento que lhes foi transmitido. Foi positivo os alunos terem sido todos bem-sucedidos, principalmente porque era a pergunta mais fácil e um apoio para responder às perguntas seguintes.

A segunda questão gerou resultados opostos, com nove alunos a receberem a cotação de 0 valores. A resposta mais comum à pergunta “Apresente os vários planos da ação política, militar, social, cultural e religiosa de Otávio, que contribuíram para a designada “Idade de Ouro” da civilização romana.” foi “Planos políticos, militares, sociais, culturais e religiosos.” ou outra variação do mesmo. Os alunos não procuraram a resposta ou pediram ajuda, em vez disso copiaram a pergunta. Alguns alunos pediram ajuda a encontrar a página do manual com a matéria e houve muitas questões sobre se tinham de escrever tudo. No final decidiram não responder à questão e copiar a pergunta para resumir. Por isso para alguns pode ter sido uma questão de preguiça. No final entendemos isto como uma dificuldade na compreensão do que lhes era pedido, mas devido ao resumo efetuado na aula seguinte foi esclarecido.

A terceira questão foi bem conseguida. A maioria da turma conseguiu responder, no entanto foi também mencionada em maior detalhe no resumo da aula seguinte.

Terceira Atividade

Esta foi realizado na aula do dia 9 de novembro, a terceira aula a ser lecionada. É novamente composta por três questões do manual¹⁵⁵. Devido ao tempo perdido no início, são três perguntas de resposta curta focadas na enumeração. A primeira foi a “2.a) *Observe a fig.6¹⁵⁶ e apresente quatro funções ou atividades que se podiam desempenhar numas das termas.*” para 6,66 valores. A segunda “2.b) *Indique quatro outras tipologias arquitetónicas com relevância na urbe romana.*” com a cotação de 6,67 valores. Por fim temos a “3.b) *Indique as tipologias arquitetónicas associadas ao ócio e ao lazer.*” para 6,67 valores. No entanto duas alunas acidentalmente responderam à pergunta “3.a) *Refira as características dos divertimentos públicos e privados.*” que permitimos por terem demonstrado empenho e por considerarmos que esta questão seria mais difícil responder que a anteriormente mencionada.

	1	2	3	TOTAL
██████████				
██████				
██████				
██████████				
██████████	6,66	0	6,67	13,33
██████████	6,66	6,67	6,67 - 3-a)	20
██████████				
██████████				
██████████	6,66	6,67	6,67	20
██████████	6,66	6,67	6,67	20
██████████				
██████████				
██████████				
██████████	6,66	0	0	6,66
██████████				
██████				
██████████	6,66	0	6,67 - 3-a)	13,33
██████████				
██████████				
██████████				
██████████	6,66	6,67	0	13,33

Tabela 3 – Resultados dos exercícios do dia 9 de novembro

¹⁵⁵ *Ibidem* p.125

¹⁵⁶ *Idem*

A primeira questão foi respondida corretamente por todos os alunos. Isto não foi uma surpresa, pois houve muita curiosidade e entusiasmo quanto ao tema das termas. No entanto, foi gratificante ver.

A segunda gerou a questão de talvez alguns alunos não entenderem a palavra tipologia ou a palavra *urbe*, uma vez que houve alunos que acertaram esta questão e falharam a seguinte e vice-versa.

A terceira pergunta gerou a mesma dúvida. Dos alunos que responderam, o aluno que falhou esta pergunta e acertou a anterior respondeu a esta com as atividades realizadas nos edifícios que seriam a resposta correta.

Quarta Atividade

Esta atividade ocorreu no dia 10 de novembro, a aula assistida pelo Professor Doutor Miguel Monteiro. Ao contrário do que ocorreu nas duas aulas anteriores, estes exercícios não se encontravam no manual. Isto foi motivado por não haver questões satisfatórias para a aula lecionada. Outra diferença foi a existência de cinco, em vez de três questões, todas com a cotação de 4 valores. Se fosse hoje não teríamos efetuado a distribuição dos 20 valores do mesmo modo. As perguntas que exigem mais esforço teriam um valor maior. A primeira pergunta foi “*Indique três diferenças entre os templos gregos e os romanos.*”, a segunda “*Refira todas as ordens arquitetónicas que conhece*”, a terceira “*Refira duas inovações romanas na arquitetura.*”, a quarta “*Explique o que era o opus caementicium.*” e a quinta “*Refira dois aspetos de influência grega e dois aspetos de influência etrusca na arquitetura romana.*”. Dos dezanove alunos presentes, cinco não entregaram.

	1	2	3	4	5	TOTAL
██████████	3,67	4	4	3,50	4	19,17
██████████	4	4	4	3,50	4	19,50
██████████	4	4	4	3,50	4	19,50
██████████						
██████████	3,67	4	4	2,50	4	18,17
██████████						
██████████	4	4	0	3	4	15
██████████	3,67	4	0	3	4	14,67
██████████	4	4	4	2,50	4	18,50
██████████	4	4	4	4	4	20
██████████	3,67	4	0	1,50	4	13,17
██████████						
██████████	4	4	4	3,50	4	19,50
██████████	0	4	4	2,50	4	14,50
██████████	0	4	4	2,50	4	14,50
██████████						
██████████	3,67	4	4	3,50	4	19,17
██████████						
██████████						
██████████						
██████████	4	4	0	3,50	4	15,50

Tabela 4 – Resultados dos exercícios do dia 10 de novembro

A primeira questão suscitou dificuldades em alguns alunos. Acreditamos que os resultados teriam sido melhores se a pergunta fosse sobre semelhanças, pois foi algo mais explorado na aula e seria mais fácil para os alunos. Houve, também erros no vocabulário.

A segunda questão foi respondida corretamente por todos os alunos, o que não foi surpreendente. O conhecimento já estava cimentado na mente dos estudantes através do Módulo 1 – Cultura da Ágora. Para além disto tiveram muita facilidade em compreender a ordem compósita e a ordem toscana.

A terceira foi respondida de forma correta por quase todos os alunos, no entanto vários erraram ou não responderam. Os que erraram, referiram características da arquitetura romana, mas não inovações.

A quarta pergunta foi respondida de forma incompleta por treze alunos. Não gerou preocupação, pois todos conseguiram compreender o que era o *opus caementicium*. O erro da maioria foi não completar a questão com os componentes.

A quinta surpreendeu-nos pela positiva. Os catorze alunos que responderam fizeram-no corretamente. Mais uma vez o conhecimento que já possuíam do Módulo 1 – Cultura da Ágora ajudou.

Parte 4 – Influência da Arte Clássica na Arte Renascentista: um caso prático

Primeira Aula sobre a Arquitetura Renascentista

Para o ensino da arquitetura renascentista no Módulo 5 – a Cultura do Palácio, seguiríamos um plano semelhante ao utilizado quando lecionámos a arquitetura romana no Módulo 2 – Cultura do Senado, no entanto com uma diferença. Pretendemos que o resumo das características da arquitetura renascentista só estivesse terminado no final da segunda aula, ou seja, ao longo das aulas os alunos iriam apontando estas características numa ficha de trabalho¹⁵⁷ e realizaríamos uma revisão na aula seguinte. Nesta aula em questão seria realizada uma introdução, seguida do estudo das características da arquitetura religiosa com a análise de obras de Brunelleschi e Alberti. Na segunda aula seria lecionado o Alto Renascimento e terminaríamos a arquitetura religiosa, na terceira aula exploraríamos a arquitetura civil e o urbanismo no renascimento.

A aula seria iniciada com o copiar do sumário já projetado, sendo este: Brunelleschi e a arquitetura à “Antiga”. A emergência da tratadística: Alberti. De seguida realizaríamos o resumo da aula anterior de modo a fazer a ligação com o tema desta. Através da conversa com os alunos relembrar que o período Gótico não foi uma época bárbara, pois houve uma forte produção artística, filosófica, etc., deixando claro que com o Renascimento surgiram novos modos de pensar. No entanto o modo simplificado como vemos a diferença entre o Homem da Idade Média e o Homem do Renascimento, perpetuado pela cultura popular, não é o mais correto. O interesse pela natureza e pelo Homem esteve presente de modos diferentes. Sendo observado pela lente da grandeza divina no Gótico e pelo estudo da zoologia, anatomia, botânica, geologia e entre outros no Renascimento. Podemos observar como a religião tinha ainda uma forte presença na sociedade renascentista. Através da conversa com os alunos é esperado que cheguem a estas conclusões sozinhos, partindo do que já aprenderam nas aulas anteriores. Com este diálogo seria explicado como Deus se manifestava na arquitetura a partir da geometria e matemática pelas quais impunha a ordem no Universo. As formas geométricas como o círculo e quadrado são formas perfeitas e por isso refletem a perfeição de Deus. Na arquitetura deixou de haver frescos nas paredes, mas sim janelas que deixavam entrar a luz natural. Da planta em cruz latina passou à planta central, coberta por cúpulas semiesféricas. De seguida mencionaríamos como descobertas realizadas através da

¹⁵⁷ Em anexo 6

arqueologia, inspiraram a sociedade e os artistas. Questionaríamos os alunos sobre o porquê de isto acontecer na Península Itálica e alguns exemplos do que seria possível observar. Este diálogo tem o objetivo de relembrar os alunos dos dois períodos que seriam relevantes para a aula, preparando-os para relacionar os aspetos discutidos mais facilmente e perceber se existiriam alguma dúvida que prejudicasse o entendimento dos conteúdos. A partir deste diálogo partimos para a arquitetura renascentista.

Iniciaríamos o tema através da apresentação de uma breve biografia de Filippo Brunelleschi¹⁵⁸, partindo da sua família e educação. Esta teria o objetivo de reforçar a contextualização no espaço e tempo já realizada em aulas anteriores do mesmo módulo, mas também para os alunos conhecerem melhor a figura discutida e entender as suas ações e como se relacionam às suas obras. Filho de um notário florentino, Brunelleschi foi um dos grandes arquitetos do período e um pioneiro no renascer da arquitetura clássica. Desde criança demonstrava talentos para além da sua idade, principalmente em questões mais mecânicas que intelectuais, deixando o seu pai descontente, pois pretendia que o filho seguisse a mesma carreira. No entanto, reconhecendo os seus talentos, permitiu que aprendesse escrita e aritmética para mais tarde se juntar à guilda dos ourives. Aqui o jovem Filippo Brunelleschi foi bem-sucedido e rapidamente ultrapassou a capacidade dos seus mestres. Começou a demonstrar interesse em escultura. Participou num concurso para a construção das portas do Batistério de San Giovanni, o qual perdeu para Ghiberti, partiu para Roma com o famoso escultor e seu amigo Donatello, onde obteve a oportunidade de estudar a arquitetura romana. Após terminarmos isto seria entregue uma ficha para os alunos irem completando ao longo das aulas, onde seriam apontadas, de forma resumida, as influências, inovações e as características da arquitetura renascentista. Esta funcionaria como resumo para os alunos e seria colocada no portefólio.

A primeira análise que realizaríamos seria à cúpula de *Santa Maria del Fiore*, em Florença, sendo este edifício o primeiro grande exemplo de arquitetura renascentista. Contaríamos uma curiosidade aos alunos de como o arquiteto se tornou o responsável pela construção. Aqui seriam recordados do módulo 2, principalmente do Panteão romano, esperando que os alunos se recordassem da utilização da cúpula no período. A partir disto podíamos questioná-los sobre o estudo de outras cúpulas após esta. Através

¹⁵⁸ MURRAY, Peter – **The Architecture of the Italian Renaissance**. Nova Iorque: Schocken Books, 1986 p.31

da resposta, poderíamos explicar que estas caíram em desuso. Para iniciar a análise reproduziríamos um vídeo sobre a construção da cúpula de *Santa Maria del Fiore*¹⁵⁹. Depois da visualização seria pedido à turma para tentarem explicar, pelas suas próprias palavras, o que foi visto. Ao terminarem seriam repetidas as ideias principais para apoiar a compreensão todos os alunos. Com este deveriam entender a construção e constituição da cúpula, principalmente que esta era constituída por dois cascos que se reforçavam mutuamente e assim o peso desta estrutura era atenuado, sendo uma inovação para a época. Deveria também compreender que esta foi necessária devido às condições da base onde está inserida.

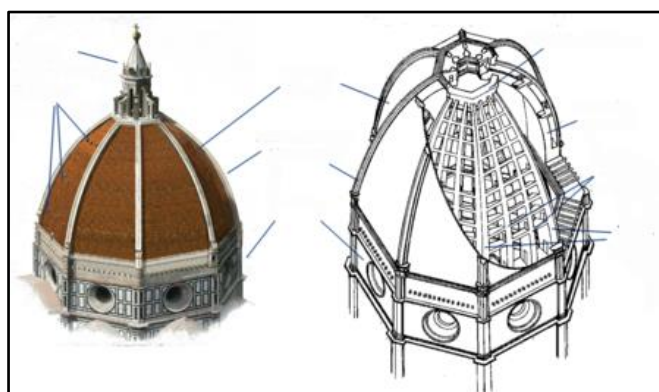


Fig. 27 – Cúpula de *Santa Maria del Fiore*

Seriam exploradas outras obras de Brunelleschi, sendo estas a Igreja do Espírito Santo e a Capela dos Pazzi, exemplos escolhidos por demonstrarem características da arquitetura renascentista essenciais para uma melhor compreensão do tema por de parte dos alunos. Iniciaríamos com a igreja do Espírito Santo, escolhida por ser utilizado o sistema racional, baseada na matemática e geometria, típico da arquitetura do renascimento. Através da projeção da planta, a turma poderia observar como a planta basilical em cruz latina era ainda remanescente da Idade Média. Utilizando esta imagem seria possível explicar como no cruzeiro se encontra uma forma cúbica, coberta por uma cúpula semiesférica. Esta é replicada formando as naves laterais e o deambulatório. De seguida seria projetada uma imagem do interior da igreja, pela qual introduziríamos os alunos à ideia de perspetiva espacial, sendo esta a convergência das linhas num ponto único. Para isto seriam necessários estudos matemáticos e geométricos, tendo em conta a

¹⁵⁹ NATIONAL GEOGRAPHIC – *How an Amateur Built the World's Biggest Dome*. National Geographic 2014 Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_IOPIGPQPuM&t=17s

proporção e simetria. Nos tetos os alunos poderiam observar a madeira com florões de inspiração romana e ainda identificar as abóbodas utilizadas. No entanto seria lhes explicado (e mais tarde observado noutros exemplos), que as abóbodas de berço e de arestas voltaram a ganhar popularidade, do mesmo modo que o arco de volta perfeita, sendo que este podia ser já observado na imagem. A atenção seria remetida para as colunas, nas quais os alunos teriam de identificar a ordem coríntia.



Fig. 28 – Interior da Igreja do Espírito Santo

No segundo exemplo, a Capela dos Pazzi, seria possível aos alunos observarem a utilização das formas geométricas puras, as proporções, a simetria e a horizontalidade. Primeiro seria projetada uma imagem da fachada e a turma teria de identificar tudo o que conseguisse. A colunata com as seis colunas de ordem coríntia, o arco de volta perfeita, a cúpula, a abóboda de berço, pilastras, frisos e arquivoltas são elementos que provavelmente seriam identificados com pouca dificuldade, principalmente porque são de inspiração clássica. No interior observariam a cúpula e abóbodas de berço. Depois esclareceríamos a questão dos relevos nos medalhões, explicando que são os doze apóstolos e quatro evangelistas, mas que estes foram realizados posteriormente.



Fig.29 – Fachada da Capela dos Pazzi

Fig.30 – Interior da Capela dos Pazzi

Uma vez terminado o estudo destes conteúdos os alunos seriam questionados sobre o conhecimento de tratadística romana por parte de Brunelleschi. Para isto teriam de ser lembrados de Vitrúvio, figura que conheceram previamente. A turma teria de entender que apesar de ser inspirado por arquitetura romana as suas obras não tinham suporte teórico. Ao chegarem à conclusão desejada seria discutido o papel deste arquiteto como um pioneiro no uso da arquitetura clássica como inspiração neste período da História.

Utilizando este diálogo como ligação para a tratadística, os alunos seriam apresentados a Leon Battista Alberti através de uma pequena biografia¹⁶⁰. Leon Battista Alberti foi um padre e um humanista que pertencia a uma família aristocrática de Florença. Apesar desta família ter sido exilada, o jovem Alberti teve acesso a uma excelente educação que incluía clássicos latinos. Procederíamos a uma explicação sobre como este um autor de um tratado de arquitetura a que alguns manuscritos intitulam de *Das Architectura* à semelhança do tratado escrito por Vitrúvio, mas a maioria possui o título de *De re aedificatoria*. Ambos têm também uma composição semelhante, sendo compostos por 10 livros. O interesse pela Antiguidade Clássica que surgiu neste período da História provocou um interesse no texto de Vitrúvio. No entanto, este teria de ser interpretado e adaptado às necessidades do Homem renascentista e é aqui que entra o trabalho de Alberti. Este procurou o que seria ainda útil na obra de Vitrúvio, mencionando-o no decorrer do texto, principalmente em aspetos técnicos¹⁶¹. A sua crítica e análise convida o leitor a comparar o trabalho de ambos. Para os alunos compreenderem melhor esta ideia seria realizados um jogo com a ajuda de smartphones e internet. Este seria composto por seis afirmações, inspiradas nas obras de Alberti¹⁶² e Vitrúvio¹⁶³, e os alunos teriam de selecionar o seu autor.

Com este exercício¹⁶⁴ conseguem perceber as semelhanças e também as diferenças de forma mais autónoma. No final é feito um comentário e discussão sobre os excertos de Alberti selecionados jogo. A partir destes os alunos devem chegar sozinhos a diferentes conclusões. A primeira é que sem dúvida, Alberti teve a oportunidade de ler o tratado de Vitrúvio e analisar arquitetura romana. A segunda seria, perceber as diferenças,

¹⁶⁰ MURREY, Peter - cit 158 p.51

¹⁶¹ *Apud* – ALLSOPP, Bruce – **A History of Renaissance Architecture**, pp. 28-45

¹⁶² *Idem*

¹⁶³ VITRUVIUS – cit.123

¹⁶⁴ Em anexo 7

entendendo que a arquitetura renascentista não copiava, mas sim era inspirada pela Antiguidade Clássica.

Após esta discussão seriam analisados dois edifícios: a fachada da Igreja de Santa Maria della Novella, em Florença e a Igreja de Santo André, em Mântua. O primeiro, breve, exemplo seria o restauro da fachada de Santa Maria della Novella. Este foi selecionado para a turma observar como os elementos góticos foram disfarçados neste restauro. Primeiro seria pedido aos alunos para identificarem o que conseguissem. Seria esperado que respondessem com o arco de volta perfeita e, talvez, as pilastras se a qualidade de projeção o permitisse. De seguida chamaríamos a atenção dos alunos para as volutas, explicando como estas disfarçavam a verticalidade gótica, proporcionando uma ideia de horizontalidade.

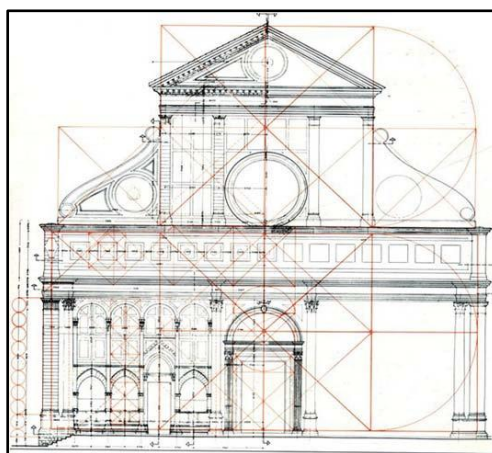


Fig. 31 e Fig. 32 – Fachada de Santa Maria della Novella

O segundo exemplo seria a Igreja de Santo André em Mântua, projetando uma imagem da fachada. Aqui invocáramos, mais uma vez, o Módulo 2, questionando os alunos sobre a entrada desta igreja. Através do método indutivo, ajudaríamos a turma a chegar aos arcos triunfais. As pilastras unem-se ao entablamento, formando a ordem colossal. Tanto os arcos triunfais, como a ordem colossal estão representadas no interior, sustentando a abóboda de berço na nave. Através do uso da imagem tentaríamos que os alunos relacionassem este interior com o que aprenderam no Módulo 2. Por fim, com a projeção da planta os alunos deveriam compreender que, apesar de ser uma planta basilical, a cabeceira do edifício segue uma planta central, sendo esta popular neste período.



Fig.33 – Fachada da Igreja de Santo André



Fig.34 – Interior da Igreja de Santo André

A aula seria terminada após a revisão do que os alunos foram escrevendo nas fichas de trabalho. De seguida seriam preenchidos os elementos que fossem inspiração clássica ou uma inovação, tal como a caracterização no documento no projetor para garantir que não faltava nada a nenhum aluno. Quanto aos primeiros se a aprendizagem no primeiro período for de facto significativa¹⁶⁵, estes estariam presentes na estrutura cognitiva. Esta ficha seria para o portefólio dos alunos. Por fim, a turma teria de realizar um resumo dos conteúdos da aula.

¹⁶⁵ MOREIRA, Marco António – cit.13 pp.14-15

Segunda Aula sobre a Arquitetura Renascentista

Mais uma vez a aula seria iniciada com a entrada dos alunos e o copiar do sumário já projetado no quadro, sendo este: A difusão da arquitetura renascentista: da severidade florentina à arquitetura ornamental. O Alto Renascimento: Bramante e Miguel Ângelo. De seguida procederíamos a um resumo da aula anterior. Aqui os alunos seriam lembrados dos temas da arquitetura renascentista já trabalhados na aula anterior, o que ajudaria a transitar para o primeiro tema do dia.

Iniciariamos o estudo dos conteúdos ao situar os alunos no tempo e no espaço. Explicariamos aos alunos o que é o Alto Renascimento, definindo este como um curto período no início do século XVI (1495-1520) que foi o auge do Renascimento. Neste período, destacaram-se na arquitetura Donato Bramante e Miguel Ângelo. Explicariamos também a elevação de Roma a centro artístico da Europa, enquanto cidades como Florença, Urbino e Milão estavam em declínio¹⁶⁶. Depois disto os alunos seriam questionados sobre os motivos que levariam os artistas a serem atraídos para a cidade de Roma, onde eram acolhidos de bom grado. A resposta pretendida seria a expectativa de trabalho, conclusão que seria esperado a que chegassem sozinhos. De seguida os alunos seriam também questionados sobre as condições que a cidade oferecia para estimular a criatividade dos artistas. Aqui pretenderíamos que os alunos respondessem a presença do trabalho dos seus contemporâneos, resposta atingida provavelmente com o encorajamento do docente. Se a turma não chegasse à conclusão desejada seriam utilizados exemplos do dia-a-dia como o que fazem quando não têm inspiração para desenhar. Quando algum aluno respondesse procurar na internet, imagens, falar com colegas, filmes, séries, entre outras coisas podemos lembrá-los que o contacto com os outros trabalhos fomenta a criatividade e a motivação. A segunda resposta esperada seria o acesso a arquitetura e escultura romana. Aqui poderíamos explicar o papel da arqueologia e do colecionismo. Para esta resposta esperamos que os alunos se recordem do Módulo 2, particularmente das imagens que observaram. De seguida estudaríamos Donato Bramante, um arquiteto já mencionado como se tendo destacado no Alto Renascimento.

¹⁶⁶ ACKERMAN, James S. – **Architecture of Michelangelo**. Nova Iorque: The Viking Press, 1961. p.xxv

O estudo da obra de Bramante seria iniciado com a introdução ao arquiteto através de uma pequena biografia¹⁶⁷. Donato Bramante nasceu em Fermignano, perto de Urbino, em 1444. Foi treinado como pintor por Piero della Francesca e Mantegna. Esteve ao serviço do Duque de Milão ao mesmo tempo que Leonardo da Vinci, onde estes se conheceram e influenciaram mutuamente, tendo Bramante acesso aos projetos arquitetónicos deste. Seria contada uma curiosidade aos alunos de como ambos trabalharam em *Santa Maria della Grazie*. Além disso, teve contacto com o trabalho de Brunelleschi e com ruínas romanas em Milão. Donato Bramante chegou a Roma com 55 anos e uma boa reputação como arquiteto, entrando para o serviço do Papa Júlio II. Foi em Roma que o *Tempietto di San Pietro in Montorio*, a primeira obra do dia a ser analisada foi edificada.

O *Tempietto* foi construído sobre o local onde S. Pedro fora crucificado. Para a introdução deste edifício seriam projetadas duas imagens no quadro, sendo estas o Templo de Vesta à esquerda e o *Tempietto* à direita. Através da utilização destas imagens os alunos seriam convidados a retirarem as suas próprias conclusões, no entanto esperamos que compreendam a influência no arquiteto. Para isto é necessário que os alunos apliquem os conhecimentos adquiridos ao longo do ano letivo, particularmente do Módulo 1 e 2 do 1.º Período. A projeção destas imagens também serviria para reavivar a memória dos alunos, permitindo repararem nas semelhanças e diferenças, entendendo melhor as inovações. De seguida seria-lhes pedido para identificarem elementos do edifício. Sabendo o que os alunos já conhecem seria esperado que identificassem as colunas dórico-toscanas, as colunatas, a *cella*, o friso, os nichos e a cúpula. Talvez tivessem dificuldade em apontar o pódio circular com três degraus e o corpo cilíndrico central. Seria explicado como este edifício de inspiração clássica foi realizado, não só para servir a Igreja, mas também possuía elementos que a representavam. Por exemplo, em vez de um friso com temas da mitologia greco-romana, possui um friso com elementos católicos. De seguida chamaríamos a atenção dos alunos para a proporção do edifício. Seria explicado que a altura entre o solo e a base da cúpula é igual à largura e a relação da largura e da altura da colunata é igual à relação entre a largura e a altura do tambor da cúpula.

¹⁶⁷ MURRAY, Peter- cit.158 p.112

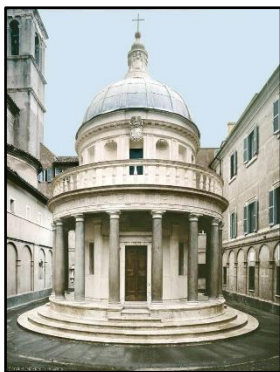


Fig. 35 - *Tempietto di San Pietro in Montorio*

Novamente seria apresentada uma breve biografia para apresentar os alunos à figura¹⁶⁸. Michelagnio di Ludovico Buonarroti-Simoni nasceu a 6 de março de 1475, no seio de uma nobre família florentina. A sua mãe faleceu e o seu pai, Ludovico, com quem mantinha uma relação atribulada voltou a casar. Aproximadamente até aos 10 anos, Miguel Ângelo viveu com uma mãe adotiva. Em 1488 era aprendiz do pintor Domenico Ghirlandio, mas foi transferido para a escola de escultura de Bertolo. Chegou a viver no palácio de Lourenço de Medici, onde conviveu com intelectuais da época. Os alunos seriam informados que apesar de estarmos a estudar o artista neste contexto a maior parte da sua obra foi maneirista, sendo Miguel Ângelo um produto do seu tempo. A turma deve focar a compreender que apesar de estudarmos Miguel Ângelo no contexto da arquitetura renascentista, o próprio não se considerava um arquiteto, mas sim um escultor¹⁶⁹. O único documento que sobreviveu até aos nossos dias que menciona a forma como Miguel Ângelo abordava a arquitetura foi o fragmento de uma carta¹⁷⁰. Esta seria projetada no quadro para ser iniciada uma discussão e os alunos retirarem conclusões, antes de lhes explicarmos ou de analisarem obras do artista. O que deste documento os alunos achessem relevante seria sublinhado no PowerPoint.

¹⁶⁸ BERTRAM, Anthony – **Michelangelo**. 2º Edição, Londres: Studio Vista Limited, 1966 pp. 7-8

¹⁶⁹ ACKERMAN, James S - cit. 166 p.1

¹⁷⁰ BERBARA, Maria – **Michelangelo Buonarroti – Cartas Escolhidas**. Campinas: Editora da Unicamp, 2009. p.147

Monsenhor reverendíssimo,

Quando uma planta tem diversas partes, todas as que têm a mesma qualidade e quantidade devem ser adornadas de um mesmo modo e de uma mesma maneira, analogamente às que lhes são opostas. Mas, quando a planta muda inteiramente sua forma, é não apenas lícito, mas necessário, transformar também os ornamentos, assim como o nariz, que está no centro do rosto, não se subordina nem a um olho nem ao outro, mas uma mão sim está obrigada a ser como a outra, um olho, como o outro, visto estarem de lado e serem opostos. É portanto certo que os membros da arquitetura derivam dos membros humanos. Quem não foi ou não é um bom mestre da figura [humana], e especialmente de anatomia, não pode compreender isto.

Este documento foi selecionado para que os alunos observassem o modo como Miguel Ângelo relacionava a arquitetura com a anatomia¹⁷¹. Através disto seria explicado como a relação entre a anatomia humana e a arquitetura não era uma ideia estranha aos artistas renascentistas. O interesse pela anatomia, geometria e aritmética levou a que o corpo humano se tornasse a medida de todas as coisas¹⁷². Francesco di Giorgio, no seu *Trattato di Architettura civile e militare*, defende que os edifícios devem ser pensados a partir das medidas do corpo. Através da projeção de imagem como exemplo, os alunos deveriam associar esta ao homem vitruviano de Leonardo da Vinci.

¹⁷¹ ACKERMAN, James S – cit.166 165 p.1-2

¹⁷² *Idem*

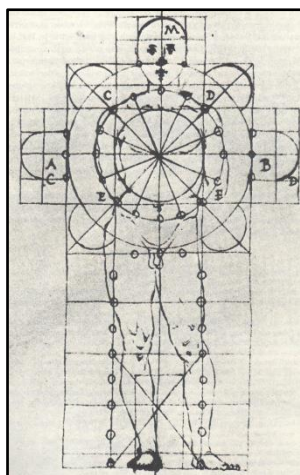


Fig. 36 – Proporções para uma Igreja de Francesco di Giorgio

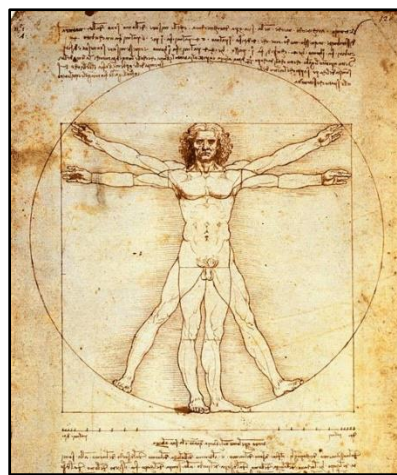


Fig. 37– Homem Vitruviano de Leonardo da Vinci

A partir deste partiríamos para o tema do desenho no renascimento. Este era um dos principais momentos do processo criativo. O desenho permitia ao arquiteto analisar a sua obra, antes da sua concretização, permitindo ajustes para atingir o resultado desejado. Exemplo disto são os projetos arquitetónicos de Leonardo da Vinci já mencionados. Como ideia da obra e existente apenas na mente do seu criador, esta é o produto do seu génio criativo. O pensamento neoplatónico da época conferia importância a este momento antes da criação. Curiosamente Miguel Ângelo apreciava modelos de barro para este propósito, o que lhe permitia analisar a obra em movimento do mesmo modo que um observador depois da criação¹⁷³. Podemos também referir que talvez o artista também talvez apreciasse este processo por ser um escultor.

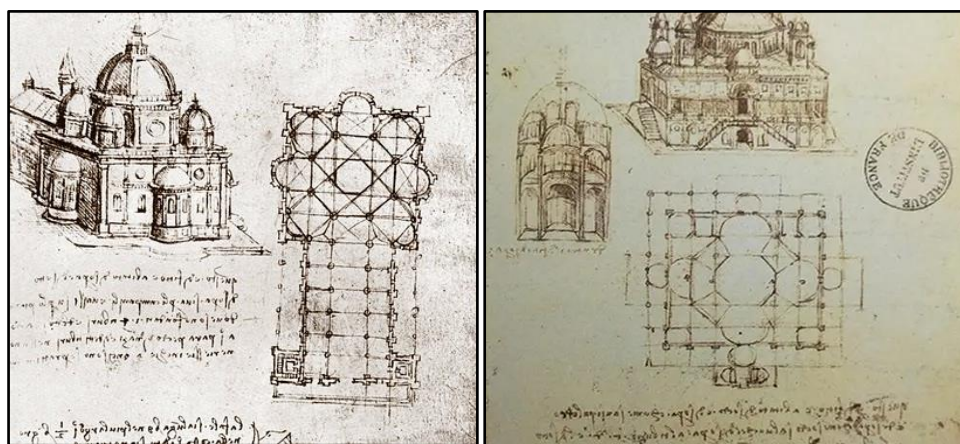


Fig. 38 e Fig. 39– Projetos Arquitetónicos de Leonardo da Vinci

¹⁷³ *Ibidem* p.7-8

Regressando a Miguel Ângelo os alunos seriam remetidos para um projeto em que este esteve envolvido: a Basílica de S. Pedro do Vaticano. Aquele que podemos considerar o mais importante edifício da Cristandade, não tem apenas um autor¹⁷⁴. Várias mentes brilhantes do Renascimento participaram no projeto, alterando as ideias do seu predecessor e com isso o produto final como Peruzzi E António da Sangallo, o Jovem. O primeiro foi Donato Bramante que, como já mencionado, foi contratado pelo Papa Júlio II. Através da projeção de uma planta poderia ser observada a utilização das formas geométricas perfeitas, o círculo e o quadrado e ainda como Bramante pretendia que o edifício fosse perfeitamente simétrico. A escolha da imagem também permitiria constatar a existência de uma planta em cruz grega com cinco cúpulas, cuja maior era a central. De seguida seria explicada a contribuição de Miguel Ângelo. Este manteve a planta em cruz grega de Bramante, tendo a obra já sido iniciada. Já a cúpula que hoje observamos é da autoria de Miguel Ângelo. À fachada adicionou um pórtico, com um frontão clássico e colunata dupla.



Fig. 40 - Basílica de São Pedro do Vaticano

No final da aula a ficha¹⁷⁵ iniciada na aula anterior seria terminada. De seguida, seria projetado um vídeo da Escola Virtual que iria resumir os conteúdos estudados e a turma realizaria um resumo da aula. Por fim, os alunos teriam de realizar os exercícios da ficha Número 36 do caderno de atividades¹⁷⁶, que seriam projetados no quadro, com

¹⁷⁴ ACKERMAN, James S. - cit.165 p.xxix

¹⁷⁵ Em anexo 6

¹⁷⁶ NUNES, Paulo Simões - cit. 151 pp.88-89

consulta do manual¹⁷⁷. Esta escolha é motivada por todos terem em sua posse um exemplar que contem as soluções, permitindo aos alunos consultar e refletir sobre o trabalho realizado. No entanto não seriam imediatamente informados disto, realizando a ficha de trabalho numa folha e entregando no final da aula para correção por parte do docente. Isto teria como objetivo tentar perceber se teria ocorrido algum mal-entendido que pudesse ser esclarecido na aula seguinte. A escolha desta ficha também permitiria aos alunos articular os conhecimentos adquiridos nas duas últimas aulas e reproduzi-los pelas suas próprias palavras, proporcionando uma oportunidade de aplicarem as suas aprendizagens.

Para esta aula os alunos não só possuem os conhecimentos adquiridos no Módulo 1 e no Módulo 2, mas também já interagiram com informação relevante na aula anterior. As características da arquitetura clássica deveriam ser reconhecidas pelos alunos como elementos utilizados na arquitetura renascentista. Poderíamos designar este processo como a aprendizagem superordenada¹⁷⁸, sendo a arquitetura renascentista mais inclusiva, que os elementos de inspiração clássica. Ao conceito geral de arquitetura renascentista seriam subordinados os novos conteúdos estudados¹⁷⁹. Podemos afirmar que mais uma vez os temas seriam abordados a partir do que os alunos já conheciam.

¹⁷⁷ NUNES, Paulo Simões - cit.52

¹⁷⁸ MOREIRA, Marco António – cit. 13 p.34-35

¹⁷⁹ *Ibidem* pp.32-33

Terceira Aula sobre a Arquitetura Renascentista

Após a entrada dos alunos seria copiado o Sumário, sendo este: Arquitetura Civil no Renascimento. O urbanismo renascentista. Assim que este fosse copiado seria realizado um resumo da aula anterior. Uma vez que os alunos mencionariam a Arquitetura Religiosa, utilizaríamos isto para introduzir o a Arquitetura Civil.

Primeiro seriam analisados os palácios. Os alunos já teriam uma ideia sobre a importância e função dos palácios, que lhes seria explicado no início do Módulo 5. No decorrer desta aula o palácio seria analisado como estrutura arquitetónica. Como a estrutura mais significativa na arquitetura civil renascentista, o palácio era uma representação e exaltação do Homem. Estes eram mandados construir pelas elites, sendo estas da nobreza, burguesia ou clero. Como os alunos já tinham conhecimento os palácios concentravam-se em espaços urbanos e, por este motivo, contribuía para a estruturação espacial da cidade onde se localizavam. Os exemplos seriam separados por data, ou seja, do século XV para o século XVI. Iniciaríamos com o Palácio Medici-Riccardi, em Florença, cujo arquiteto foi Michelozzo Michelozzi, apesar de Cosmo de Medici originalmente ter contratado Brunelleschi. Começando pela fachada, seria pedido aos alunos para identificarem tudo o que conseguissem. Depois seria apontada a cornija, que era adaptada da arquitetura romana. Pediríamos aos alunos para observarem os três andares com atenção, se a qualidade da projeção fosse boa seria possível observar a alvenaria e como a silharia rusticada, simulava um edifício por terminar ou até uma ruína. Seria explicado que a silharia rusticada era um paramento de pedra não-lavrada, ou seja, uma pedra não trabalhada, com um aspeto granuloso. Os alunos poderiam observar como o paramento vai mudando até ao último andar, onde a silharia é lisa. A atenção da turma seria remetida para as janelas, onde nos tímpanos, poderiam observar medalhões esculpidos com, por exemplo, motivos heráldicos da família Medici. De seguida seria projetada a planta, na qual seria assinalado no quadro a forma cúbica e o pátio. Prosseguiríamos com a projeção de uma imagem do interior, pela qual seria possível observar este pátio central e ainda a arcada (ou *loggia*), da qual os alunos poderiam identificar a ordem arquitetónica das colunas. Explicaríamos que o espaço seria decorado com colunas e o palácio era um espaço confortável para os seus moradores.



Fig. 41 – Fachada do Palácio Medici-Riccardi



Fig. 42 – Interior do Palácio Medici-Riccardi

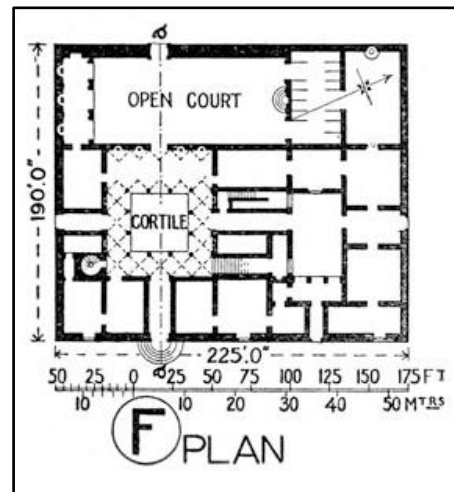


Fig. 43 – Planta do Palácio Medici-Riccardi

O segundo exemplo seria o Palácio Rucellai, também em Florença, cujo arquiteto foi Leon Battista Alberti. Uma vez mencionado isto seria pedido aos alunos que explicassem pelas suas próprias palavras o que se recordavam sobre esta figura previamente estudada. Assim que os alunos se lembrassem do tratado de arquitetura de Alberti, *De reedificatoria* seria lhes pedido para elaborarem um pouco sobre este. Uma vez que a turma já tinha conhecimento que o tratado mencionava uma arquitetura com inspiração greco-romana e tendo em conta a harmonia e proporção do edifício, seria-lhes pedido para terem isso em conta ao analisar este palácio. Primeiro seria explicado aos alunos que este palácio foi inspirado no Palácio Medici-Riccardi, mas ao contrário do anterior nunca foi terminado. Quando a imagem da fachada fosse projetada, mais uma

vez, seria pedido que a turma identificasse tudo o que conseguisse. Pediríamos que reparassem no número de andares existentes no edifício, que estes identificariam como sendo três à semelhança do Palácio Medici-Riccardi. Disto remeteríamos os alunos para o andar térreo. Aqui poderiam observar os bancos e o aspeto pesado e rústico que é proporcionado pela evocação do *opus reticulatum* um paramento estudado no Módulo 2. Depois apontaríamos para os entablamentos, assinalando que um possui o anel e três penas da família Medici e o segundo tem velas em movimento da família Rucellai. Estes entablamentos enquadram as pilastras e janelas. É também de salientar que este entablamento cria uma ideia de horizontalidade. Seria esperado que os alunos, mais uma vez, percebessem que Alberti teria um entendimento da arquitetura romana. Por exemplo, depois de pedirmos aos alunos para tentarem identificar as ordens arquitetónicas representadas na fachada em questão, seria lhes explicado que eram uma reinterpretação das ordens toscana, jónica e coríntia. Depois seria pedido que reparassem na ordem em que estas estavam e através disto faríamos uma ligação com o Anfiteatro Flávio, projetando uma imagem para que os alunos tivessem a oportunidade de verificar esta afirmação. Isto seria mais um argumento de que Alberti teve a oportunidade de estudar a arquitetura romana.



Fig. 44 – Fachada do Palácio Rucellai

Como último exemplo de um palácio renascentista faríamos uma paragem no Alto Renascimento, analisando brevemente o Palácio Farnese, cujos arquitetos foram António de Sangallo, o Jovem, e Miguel Ângelo. Ao transmitirmos aos alunos que este se localizava em Roma, estes seriam lembrados de que Roma, neste período, se tinha tornado no centro artístico. Novamente seria pedido à turma que analisassem o edifício sozinhos, para identificassem o que conseguissem. Para isto seria projetada uma imagem da fachada. Primeiro chamaríamos a atenção para a simetria e monumentalidade do edifício, salientando a imponência da porta central com um arco de volta perfeita. Explicaríamos que a proporcionalidade da fachada é reforçada pelas janelas, possuindo estas frontões ou triangulares ou semicirculares. Podemos também salientar como a forma das janelas formam edículas, explicando o que isto significa. No centro do edifício seria apontada a balaustrada e as cártulas de armas. Por último apontaríamos as paredes lisas e a cornija. No final seria pedido que os alunos relacionassem a obra com os conteúdos estudados na aula anterior sobre o Alto Renascimento.



Fig. 45 – Fachada do Palácio Farnese

Continuando com os palácios, seria explicado aos alunos que estes também existiam para férias. Depois disto seria pedido aos alunos para explicarem o que se recordavam das *villae* romanas e utilizaríamos a *Villa* de Adriano como exemplo. A partir desta explicaríamos que as *villae* do Renascimento eram também propriedades localizadas no campo, rodeadas de jardins com fontes ou repuxos. Estes elementos exteriores influenciavam a decoração do interior. Estas *villae* tinham uma construção mais livres e inovadoras que os palácios da cidade, mas mantendo a simetria e rigor

geométrico típico do período. As plantas eram centradas e as fachadas eram de inspiração greco-romana. Como exemplo desta tipologia arquitetónica utilizaríamos a *Villa Capra* ou *Villa Rotunda*, obra de Andrea Palladio. Para os alunos compreenderem melhor o edifício, seria realizada uma pequena introdução ao seu arquiteto¹⁸⁰. Andrea Palladio nasceu em Vicenza no ano de 1508, filho de um moleiro de Pádua. Trabalhou como pedreiro e escultor até ter entrado em contacto com Giangiorgio Trissino um humanista que o levou para Roma e o educou. A educação de Palladio fundamentou-se nos princípios vitruvianos e foi com base nestes que, em 1570, escreveu os seus *Quatro Livros de Arquitetura*. Uma vez terminada seria projetada uma imagem da *Villa Capra* e, novamente, os alunos teriam de tentar identificar elementos que reconhecessem. Primeiro seria observada a cúpula, sendo explicado aos alunos que foi este arquiteto o primeiro a fazer o uso de cúpulas nas residências e antes só as igrejas é que possuíam cúpulas. De seguida seria apontado o pódio quadrangular simétrico, com quatro acessos através de escadarias cada uma seguida por *pronaos*. De seguida analisaríamos o frontão, sendo este sustentado por seis colunas de ordem jónica. Daqui seria esperado que os alunos reconhecessem a maioria dos elementos.

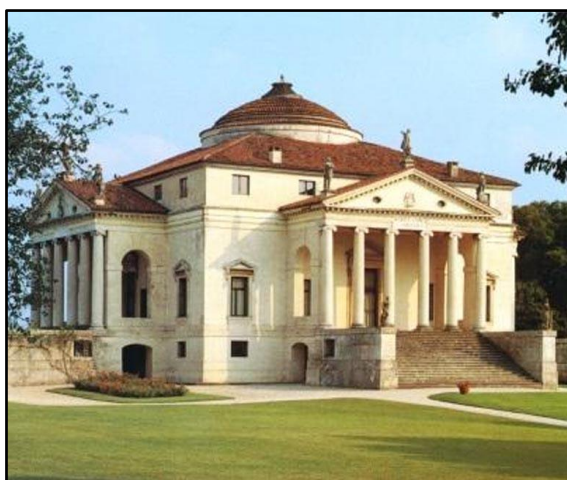


Fig. 46 – Exterior da *Villa Capra*

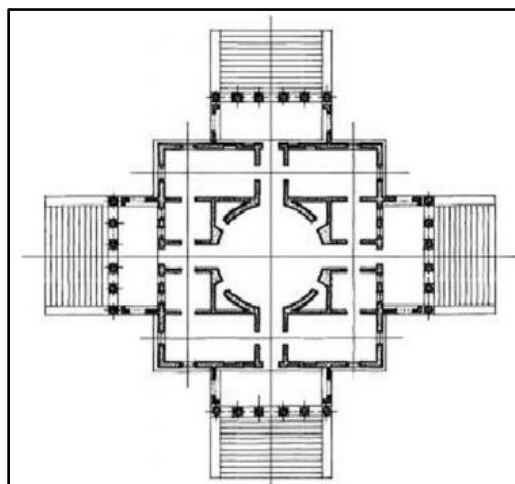


Fig. 47 – Planta da *Villa Capra*

Dando por terminado este tema, seria recordado aos alunos que os palácios contribuíam para a estruturação espacial das suas cidades e por isso iríamos estudar o urbanismo no Renascimento. Seria pedido aos alunos para explicarem o que entendiam por urbanismo, conceito estudado no Módulo 2, e seria-lhes pedido que explicassem o que se recordavam sobre este no Império Romano. Isto prepara a turma para utilizar este

¹⁸⁰ ACKERMAN, James – **Palladio**. Harmondsworth: Penguin Books, 1966 pp.19-29

como subsunção¹⁸¹, trazendo este conhecimento já adquirido e associando-o ao que iria ser estudado. Ao pedir aos alunos para explicar é uma forma do docente perceber o que estes entenderam, mas também de esclarecer alguma dúvida e por este motivo é algo que lhes seria pedido sempre que se tornasse oportuno. A turma deveria compreender que a nova ideia de urbanismo foi baseada numa malha regular de inspiração clássica, em oposição ao à malha irregular da Idade Média. A praça tomaria um local nobre na cidade e como exemplo seriam projetadas imagens da Praça Ducal de Vigevano. As ruas deveriam ser retas e o planeamento da cidade era realizado através da geometria. A utilização do arco de volta perfeita era comum e os edifícios deveriam apresentar a mesma altura, repetindo os mesmos elementos. Como exemplo de uma praça seria brevemente analisada a Praça do Capitólio em Roma. Depois da projeção de uma imagem seria realizada uma contextualização, explicando que foi uma intervenção encomendada pelo Papa Paulo III para conferir uma maior dignidade cívica à cidade. Miguel Ângelo alterou a fachada dos edifícios existentes (Palácio dos Senadores e Palácio dos Conservadores) para lhes conferir um traçado mais clássico e projetou um novo edifício (Palácio Novo ou Museu Capitolino) de modo a criar uma praça trapezoidal. O Palácio dos Conservadores e o Museu Capitolino têm fachadas iguais, possuindo uma cornija encimada por uma balaustrada, colunas jónicas e pilastras lisas colossais. O centro da praça inclui uma estatua equestre de Marco Aurélio e num plinto da autoria do próprio Miguel Ângelo. Este centro contém uma oval e um padrão com elipses que possuem losangos irregulares. Com base nos conhecimentos adquiridos na aula anterior sobre a obra de Miguel Ângelo, os alunos devem reconhecer que a praça aparentar possuir um traçado clássico, não segue estes princípios.



Fig. 48 – Praça Ducal de Vigevano

¹⁸¹ MOREIRA, Marco António – cit. 13 p.14-15



Fig. 49 – Praça do Capitólio

Continuaríamos o tema explicando aos alunos que durante os séculos XV e XVI foi gerada uma discussão sobre a forma que uma cidade ideal deveria tomar. Foi gerada uma ideia de cidades organizadas numa perspetiva linear, com uma igreja circular. Exemplo disto é o plano da cidade ideal de Sforzinda de Filarete¹⁸². Uma cidade dentro de um círculo e de uma estrela. Outro exemplo que seria mostrado aos alunos seria a Cidade Ideal de Piero della Francesca. Seriam brevemente enunciados Francesco di Giorgio Martini, Sebastiano Serlio, Andrea Palladio, Vincenzo Scamozzi e Leon Battista Alberti como mais indivíduos que trabalharam sobre esta ideia. Ao mencionarmos este último explicaríamos aos alunos que também este projetou uma cidade ideal. Primeiro seria perguntado se se recordavam de Alberti e do tratado mencionado duas aulas antes. Também seria esperado que explicassem os conhecimentos que adquiriram através das suas próprias palavras, aproveitando o momento para uma pequena revisão. Regressando ao tema em questão seria mencionada a cidade ideal de Alberti, que considerava questões como o clima, água, defesa e localização.

¹⁸² MURRAY, Peter - cit.158 p.107-108



Fig. 50 – Cidade Ideal de Piero della Francesca

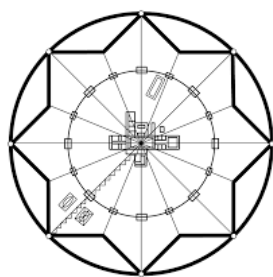


Fig. 51 – Cidade Ideal de Sforzinda de Filarete

Para terminar seria realizado um resumo da aula. Seria também pedido aos alunos que relacionassem o que aprenderam nesta aula com o que foi aprendido nas aulas anteriores.

No decorrer desta aula as teorias de aprendizagem seleccionadas foram aplicadas de vários modos. Mais uma vez tentaríamos utilizar o Módulo 2 – A Cultura do Senado como subsunçor¹⁸³, ligando os conhecimentos adquiridos para a aquisição de novas ideias. Seria também pedido aos alunos que explicassem pelas suas próprias palavras o que conhecessem e relacionassem os temas que aprendidos durante as três aulas uns com os outros, para tentar atingir uma aprendizagem significativa¹⁸⁴. Quanto à Aprendizagem por Descoberta¹⁸⁵, tendo em conta a idade dos alunos, seria lhes permitido procurar os conhecimentos e realizar as relações sem o apoio do docente. Se estes apresentassem dificuldades seriam apoiados através do método indutivo¹⁸⁶, mais uma vez com o objetivo de conseguirem chegar às conclusões corretas sozinhos.

¹⁸³ MOREIRA, Marco António – cit. 16 p.14-15

¹⁸⁴ *Idem*

¹⁸⁵ *Ibidem p.16*

¹⁸⁶ BRUNER, Jerome – cit.4 p. 36

Considerações Finais

O nosso relatório de Prática Profissional Supervisionada foi o resultado de um ano desafiante. Realizando o Mestrado nestes tempos atípicos, enfrentámos situações inesperadas que condicionaram as nossas oportunidades e o nosso desempenho. Sendo um estágio profissionalizante, sentimos que a falta de aulas lecionadas até à nossa avaliação deixou-nos mais despreparados do que esperávamos, gerando inseguranças que afetaram os resultados.

A pandemia do Covid-19 não só afetou o número de aulas, mas também condicionou como estas podiam ser lecionadas. Respeitando as restrições impostas, o contato entre os alunos teve de ser limitado. Por este motivo, o modelo de aulas que melhor servia as nossas necessidades acabou por ser o modelo expositivo. No entanto, desejávamos encorajar os estudantes a partilharem as suas ideias e a chegarem às suas próprias conclusões, promovendo o pensamento intuitivo. Para este objetivo decidimos apoiarmo-nos na teoria de Jerome Bruner. Seleccionámos também a teoria de David Ausubel, pois utilizar os conhecimentos previamente adquiridos, ajudar-nos-ia a construir novas ideias com os alunos.

A seleção de conteúdos também gerou uma dificuldade. As Aprendizagens Essenciais são um guia do que devemos lecionar, mas foi complicado lecionar a História do Império Romano em apenas três aulas. Seguindo as orientações, houve uma seleção de conteúdos e alguns temas consumiram mais tempo que outros. Em reflexão, achamos que a ideia com que os alunos ficaram do Império Romano foi mais superficial do que aquela que gostaríamos.

Em relação às nossas aulas acreditamos que foram bem conseguidas. Cumprimos as planificações e os alunos colaboraram connosco. Demonstraram interesse em compreender os conteúdos. Ao longo das aulas tentámos aperfeiçoar tudo o que fosse possível para que a lição seguinte fosse mais produtiva. Para além dos conselhos da Professora tentámos tomar iniciativa, refletindo no final da aula. Com a distância que o tempo gera, gostaríamos de refletir em mais uma questão, que seria um maior equilíbrio entre o texto e imagem nos diapositivos *ppt*.

No nosso percurso houve a oportunidade de encontrar as nossas forças. A nossa capacidade autocrítica ajudou-nos a melhorar as nossas aulas, para além das críticas da

Professora Cooperante, que nos ajudaram. Através da observação da reação dos alunos foi possível alterar aspetos para melhor corresponder às suas necessidades. Com isto conseguimos adaptar as aulas para melhor atingir os nossos objetivos. Descobrimos que sabemos lidar com a turma e manter um ambiente apropriado na sala de aula, o que se revelou uma força inesperada.

Quanto à quarta parte do nosso relatório, percebemos que é útil mencionar o Módulo 2 quando é relevante, criando relações que ajudam os alunos a compreender os novos conteúdos e o seu contexto. É também possível que os alunos apliquem conhecimentos pré-existentes, testando as suas capacidades. Percebemos que esta proposta didática é realizável. Há até a vantagem de no 3.º Período apenas há um módulo por lecionar, o que permite dedicar mais tempo a cada tema. O período histórico estudado no Módulo 5 é também mais curto que o do Módulo 2. Há também uma maior autonomia e subsunções sob os quais podem ser realizadas mais aprendizagens.

Na nossa introdução à prática profissional conseguimos perceber que esta é a nossa vocação. Foi uma experiência indispensável no nosso percurso, pois estar na sala de aula como docente foi o suficiente para cimentar aquilo que já pensávamos sobre o nosso desejo de ingressar na profissão. Reforçámos, também, a nossa crença que a aula deve ser sempre concebida a pensar no que é melhor para os alunos, ajustando sempre que necessário aos indivíduos e à turma. Como docentes a nossa prioridade é os estudantes que nos foram confiados, não só para ensinar conteúdos, mas também capacidades. Para isto temos de estar sempre dispostos a nos adaptar e aprender, pois o esforço é refletido na qualidade do nosso trabalho.

Bibliografia

- ACKERMAN, James S. – **Architecture of Michelangelo**. Nova Iorque: The Viking Press, 1961.
- ACKERMAN, James – **Palladio**. Harmondsworth: Penguin Books, 1966.
- ALLSOPP, Bruce – **A History of Renaissance Architecture**. Londres: Sir Isaac Pitman & Sons, LTD, 1959.
- AUSUBEL, David P.; NOVAK, Joseph D.; HANESIAN, Helen – **Psicologia Educacional**. 2ª Edição, Rio de Janeiro: Editora Interamericana Lda, 1980.
- BERBARA, Maria – **Michelangelo Buonarroti – Cartas Escolhidas**. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.
- BERTRAM, Anthony – **Michelangelo**. 2º Edição, Londres: Studio Vista Limited, 1966.
- BRUNER, Jerome – **O Processo da Educação**. Lisboa: Edições 70, Lda.
- BRUNER, Jerome – **Para uma Teoria da Educação**. Lisboa: Relógio d'Água, 1999.
- GRIMAL, Pierre – **Civilização Romana**. Lisboa: Edições 70, 2009.
- GRIMAL, Pierre – **Século de Augusto**. Lisboa: Edições 70, 2008.
- MALITZ, Jurgen – **Nero**. Malden: Blackwell Publishing, 2005. Disponível em: <https://archive.org/details/nero0000mali/page/108/mode/2up>
- MOREIRA, Marco António – **A teoria da aprendizagem significativa e sua implementação em sala de aula**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.
- MURRAY, Peter – **The Architecture of the Italian Renaissance**. Nova Iorque: Schocken Books, 1986.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha – **Estudos de História da Cultura Clássica: II Volume – Cultura Romana**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.
- VERGÍLIO – **Eneida**. 4ª Edição, Lisboa: Bertrand Editora, 2013.
- VITRUVIUS – **The Ten Books of Architecture**. Londres: Humphrey Milford, 1914.

Documentos Legais:

- Direção Geral da Educação, *Programa da História da Cultura e das Artes 10º, 11º e 12º anos*, República Portuguesa, 2004
- Direção Geral da Educação, *Aprendizagens Essenciais - Secundário - História da Cultura e das Artes 10.º ano e 11.º ano de escolaridade*, República Portuguesa, 2018

Manuais Escolares:

- COUTO, Célia do Pinto; ROSAS, Maria Antónia Monterroso – **Um Novo Tempo da História 10**. Porto: Porto Editora, 2019.
- NUNES, Paulo Simões – **História da Cultura das Artes 10**. Lisboa: Raiz Editora, 2018
- NUNES, Paulo Simões – **História da Cultura das Artes 10 – Caderno de Atividades para preparar o Exame Nacional**. Lisboa: Raiz Editora, 2018

Vídeos:

- CANAL HISTÓRIA - *Las Termas De Caracalla*. Canal História. Excerto disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GHvkdqG9Fxo>
- MERVYN, Leroy – *Quo Vadis*. Estados Unidos da América: Metro-Goldwyn-Mayer, 1951. Excerto disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fEj1h7BC2b4>
- NATIONAL GEOGRAPHIC – *How an Amateur Built the World's Biggest Dome*. National Geographic 2014 Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_IOPIGPQPuM&t=17s
- STORI3D PAST Productions - *Pompeii and the House of Sallust - 3D Reconstruction*. Estados Unidos da América: Youtube, 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RSd8f5780GM>
- WYLER, William – *Ben-Hur*. Estados Unidos da América: Metro-Goldwyn-Mayer, 1959. Excerto disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=frE9rXnaHpE>

Webgrafia:

- INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. Censos 2021 Contámos com todos. INE – Plataforma de divulgação dos Censos 2021 – Resultados Provisórios: Instituto Nacional de Estatística. [Consult. 15 jun. 2022] Disponível em: https://www.ine.pt/scripts/db_censos_2021.html
- JUNTA DE FREGUESIA DO PINHAL NOVO. História do Pinhal Novo. Junta de Freguesia Pinhal Novo: Junta de Freguesia do Pinhal Novo [Consul. 15 jun. 2022] Disponível em: <https://www.juntapinhalnovo.pt/territorio/historia>

Anexos

Planificações

Planificação da Primeira Aula Lecionada



<p>Ano: 10.º Turma: L Tempo: 100 minutos Hora: 15:20-17:05 Lição n.º: 37 e 38 Data: 3/11/2020 Mestranda: Mariana Cerejo Professora Cooperante: Professora Luísa Soares</p>	<p>Tema: Formação de Roma e o Senado Unidade Didática: Módulo 2 - A Cultura do Senado Subunidades didáticas: As origens da Roma Republicana O senado: os senadores e o <i>cursus honorum</i></p> <p>Sumário: A formação de Roma e a sua expansão. Roma Republicana e o Senado. Realização de uma ficha de trabalho.</p>
--	--

Conteúdos	Domínios	Metas de Aprendizagem	Conceitos	Estratégias e Metodologias	Tempo	Avaliação	Recursos
<ul style="list-style-type: none"> A formação de Roma e do Império Romano Roma Republicana 	<ul style="list-style-type: none"> Compreender como o Império Romano se formou e como funcionava a Roma Republicana 	<ul style="list-style-type: none"> Entender a formação de Roma e do Império Compreender o funcionamento da Roma Republicana 	<ul style="list-style-type: none"> República Senado <i>Cursus honorum</i> Retórica 	<ul style="list-style-type: none"> Entrada dos alunos; Sumário; Chamada; Identificação da localização de Roma; Explicação sobre os diferentes povos que habitavam a península itálica; Explicação sobre o mito da fundação de Roma Leitura de um excerto da Eneida; Leitura e análise de um quadro cronológico; Explicação sobre a Roma Republicana Identificação das funções do Senado através da leitura de um 	<p>4 m</p> <p>2m</p> <p>3m</p> <p>3m</p> <p>6m</p> <p>5m</p> <p>3m</p> <p>5m</p> <p>6m</p> <p>6m</p>	<p>Observação de aula e registo posterior</p> <p>Participação oral dos alunos</p> <p>Correção dos exercícios realizados no final da aula</p>	<p>Computador</p> <p>Projektor</p> <p>PowerPoint</p> <p>Quadro</p> <p>Caderno</p> <p>Caneta</p> <p>Manual</p>

				<ul style="list-style-type: none"> excerto do manual (projetado); Elaboração de um esquema sobre os senadores e o <i>cursus honorum</i>; Explicação sobre o conceito de retórica Identificação das fases da expansão romana com análise de um mapa; Conversa com os alunos sobre os motivos que levaram os Romanos a conquistar território; Conversa com os alunos sobre prosperidade do Império; Resumo da aula feito pelos alunos; Realização de exercícios projetados no quadro. 	<p>8m</p> <p>3m</p> <p>7m</p> <p>5m</p> <p>10m</p> <p>5m</p> <p>20m</p>		
--	--	--	--	---	---	--	--

Mestrado em Ensino de História no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário
A INFLUÊNCIA DA ARTE CLÁSSICA NA ARTE RENASCENTISTA: UM CASO PRÁTICO

Planificação da Segunda Aula Lecionada



<p>Ano: 10.º Turma: L Tempo: 100 minutos Hora: 13:30-15:15 Lição n.º: 39 e 40 Data: 5/11/2020 Mestranda: Mariana Cerejo Professora Cooperante: Professora Luísa Soares</p>	<p>Tema: O século de Augusto Unidade Didática: Módulo 2 - A Cultura do Senado Subunidade didática: O século de Augusto.</p> <p>Sumário: O século de Augusto. A <i>Pax Romana</i>. A sociedade e o cidadão romano. Realização de uma ficha de trabalho.</p>
--	---

Conteúdos	Domínios	Metas de Aprendizagem	Conceitos	Estratégias e Metodologias	Tempo	Avaliação	Recursos
<ul style="list-style-type: none"> O Século de Augusto 	<ul style="list-style-type: none"> Entender o motivo pelo qual o século de Augusto é considerada a Época de Ouro do Império Romano 	<ul style="list-style-type: none"> Compreender o início da Monarquia Imperial Entender o motivo pelo qual o século de Augusto é considerada a Época de Ouro do Império Romano Compreender o conceito de <i>pax romana</i> Compreender a sociedade 	<ul style="list-style-type: none"> Augusto <i>Pax Romana</i> Ordem Senatorial Ordem Equestre Cidadão romano 	<ul style="list-style-type: none"> Entrada dos alunos; Sumário; Chamada; Resumo da aula anterior; Identificação do Tempo; Explicação sobre a Guerra Civil; Explicação sobre o 1º Triunvirato; Explicação sobre o 2.º Triunvirato, com a ajuda de um mapa; Introdução ao Século de Augusto; Visualização de um vídeo sobre o século de Augusto; Apresentação dos títulos de Augusto; Leitura de um excerto do manual, página 82 Explicação sobre a obra de 	<p>3 m</p> <p>2m</p> <p>1m</p> <p>5m</p> <p>2m</p> <p>3m</p> <p>5m</p> <p>7m</p> <p>3m</p> <p>2m</p> <p>7m</p> <p>3m</p> <p>7m</p>	<p>Observação de aula e registo posterior</p> <p>Participação oral dos alunos</p> <p>Correção dos exercícios realizados no final da aula</p>	<p>Computador</p> <p>Projetor</p> <p>Powerpoint</p> <p>Quadro</p> <p>Caderno</p> <p>Caneta</p> <p>Manual</p>

		romana		<ul style="list-style-type: none"> Augusto; Relembrar os alunos dos fatores da romanização; Explicação sobre o conceito de <i>pax romana</i>; Explicação sobre cada uma das classes sociais; Elaboração de um esquema sobre a sociedade durante o Império; Elaboração de um esquema sobre a cidadania romana; Visualização de um vídeo sobre a cidadania romana; Questões aos alunos sobre a cidadania romana; Resumo da aula feito pelos alunos; Elaboração de Exercícios do manual; 	<p>3m</p> <p>4m</p> <p>10m</p> <p>7m</p> <p>3m</p> <p>2m</p> <p>3m</p> <p>5m</p> <p>15m</p>		
--	--	--------	--	---	---	--	--

Mestrado em Ensino de História no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário
A INFLUÊNCIA DA ARTE CLÁSSICA NA ARTE RENASCENTISTA: UM CASO PRÁTICO

Planificação da Terceira Aula



<p>Ano: 10.º Turma: L Tempo: 100 minutos Hora: 11:40-13:25 Lição n.º: 41 e 42 Data: 9/11/2020 Mestranda: Mariana Cerejo Professora Cooperante: Professora Luísa Soares</p>	<p>Tema: Nero e o Incêndio de Roma. O Ócio: os tempos do lúdico; a preocupação com as artes. Roma: o modelo urbano do Império.</p> <p>Unidade Didática: Módulo 2 - A Cultura do Senado Subunidade didática: Nero e o Incêndio de Roma. O Ócio: os tempos do lúdico; a preocupação com as artes. Roma: o modelo urbano do Império.</p> <p>Sumário: Nero e o Incêndio de Roma. O Ócio: os tempos do lúdico; a preocupação com as artes. Roma: o modelo urbano do Império. Realização de exercícios.</p>
--	---

Conteúdos	Domínios	Metas de Aprendizagem	Conceitos	Estratégias e Metodologias	Tempo	Avaliação	Recursos
<ul style="list-style-type: none"> Nero e o Incêndio de Roma O Ócio: os tempos do lúdico; a preocupação com as artes O urbanismo 	<ul style="list-style-type: none"> Conhecer o contexto Incêndio de Roma Conhecer as atividades do ócio dos romanos Entender Roma como modelo urbano do Império 	<ul style="list-style-type: none"> Conhecer o contexto Incêndio de Roma Conhecer as atividades do ócio dos romanos Entender Roma como modelo urbano do Império 	<ul style="list-style-type: none"> Ócio Pragmatismo Fórum Cardo Decumano Urbanismo 	<ul style="list-style-type: none"> Entrada dos alunos; Sumário; Chamada; Realização de um resumo da aula anterior; Realização de uma breve biografia de Nero; Explicação sobre o incêndio de Roma; Elaboração de um pequeno esquema sobre o incêndio de Roma; Breve explicação sobre a Domus 	<p>3 m</p> <p>2m</p> <p>1m</p> <p>5m</p> <p>5m</p> <p>7m</p> <p>5m</p> <p>3m</p>	<p>Observação de aula e registo posterior</p> <p>Participação oral dos alunos</p> <p>Correção dos exercícios realizados no final da aula</p>	<p>Computador</p> <p>Projektor</p> <p>Powerpoint</p> <p>Quadro</p> <p>Caderno</p> <p>Caneta</p> <p>Manual</p>

				<ul style="list-style-type: none"> Aurea; Explicação sobre o Ócio; Introdução às atividades mais apreciadas; Introdução a diferentes edifícios que constituíam uma cidade romana; Introdução ao conceito de urbanismo; Explicação sobre Roma como o modelo do Império; Visualização de um vídeo da escola virtual; Explicação sobre a constituição da cidade e os conceitos de cardo e decumano; Explicação sobre as características das cidades; Introdução ao Fórum Romano; Introdução às estradas, aquedutos e sistema de esgotos. Elaboração de um esquema sobre o urbanismo; Realização de um resumo da aula; Realização de exercícios. 	<p>4m</p> <p>4m</p> <p>4m</p> <p>4m</p> <p>5m</p> <p>5m</p> <p>2m</p> <p>3m</p> <p>2m</p> <p>3m</p> <p>5m</p> <p>5m</p> <p>5m</p> <p>18m</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

Mestrado em Ensino de História no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário
A INFLUÊNCIA DA ARTE CLÁSSICA NA ARTE RENASCENTISTA: UM CASO PRÁTICO

Planificação da Quarta Aula



<p>Ano: 10.º Turma: L Tempo: 100 minutos Hora: 15:20 - 17:05 Lição n.º: 43 e 44 Data: 10/11/2020 Mestranda: Mariana Cerejo Professora Cooperante: Professora Doutora Luísa Soares Professor da Unidade Curricular: Professor Doutor Miguel Corrêa Monteiro</p>	<p>Tema: Arquitetura: Entre o Belo e o Útil Unidade Didática: Módulo 2 - A Cultura do Senado Subunidade didática: Arquitetura: Entre o Belo e o Útil Sumário: A Arquitetura Romana: entre o belo e o útil. Os Avanços tecnológicos. Arquitetura Religiosa. Realização de exercícios.</p>
---	--

Conteúdos	Domínios	Metas de Aprendizagem	Conceitos Estruturantes	Estratégias e Metodologias	Tempo	Avaliação	Recursos
<ul style="list-style-type: none"> Arquitetura romana 	<ul style="list-style-type: none"> Compreender características da Arquitetura Romana 	<ul style="list-style-type: none"> Identificar materiais, técnicas e instrumentos arquitetónicos romanos Entender as influências gregas e etruscas na arquitetura romana Compreender a arquitetura religiosa 	<ul style="list-style-type: none"> Arco de volta perfeita; Abóbada de berço; Abóbada de arestas; <i>Opus caementicium</i>; 	<ul style="list-style-type: none"> Entrada dos alunos; Sumário; Chamada; Realização de um resumo da aula anterior; Introdução às características gerais da arquitetura romana; Introdução aos novos materiais e técnicas; Introdução a técnicas e instrumentos de engenharia; Explicação sobre sistemas construtivos; Explicação sobre a influências da arquitetura romana, com base no conhecimento prévio dos alunos; Introdução às ordens arquitetónicas, com base no 	<p>3 m 2m 1m 5m 4m 8m 5m 5m 7m 5m</p>	<p>Observação de aula e registo posterior Participação oral dos alunos Correção dos exercícios realizados no final da aula</p>	<p>Computador Projetor Powerpoint Quadro Caderno Caneta Manual</p>

1

				<ul style="list-style-type: none"> conhecimento prévio dos alunos; Elaboração de um esquema com os alunos; Comparação entre templos, com base no conhecimento prévio dos alunos; Elaboração de um esquema sobre arquitetura religiosa romana; Análise do templo de Nimes; Análise do Panteão; Visualização de um pequeno vídeo Introdução aos altares, aras e santuários; Realização de um resumo da aula; Realização de exercícios. 	<p>8m 5m 5m 5m 6m 3m 4m 5m 14m</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

Mestrado em Ensino de História no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário
A INFLUÊNCIA DA ARTE CLÁSSICA NA ARTE RENASCENTISTA: UM CASO PRÁTICO

Planificação da Quinta Aula



Ano:10.º Turma:L Tempo: 100 minutos Hora: 13:30 - 15:15 Lição n.º: 43 e 44 Data: 12/11/2020 Mestranda: Mariana Cerejo Professora Cooperante: Professora Doutora Luísa Soares	Tema:Arquitetura: Entre o Belo e o Útil Unidade Didática: Módulo 2 - A Cultura do Senado Subunidade didática: Arquitetura Pública e Privada Sumário: Arquitetura Pública e Privada Romana. A cidade de Pompeia.
--	---

Conteúdos	Domínios	Metas de Aprendizagem	Conceitos Estruturantes	Estratégias e Metodologias	Tempo	Avaliação	Recursos
<ul style="list-style-type: none"> Arquitetura romana 	<ul style="list-style-type: none"> Compreender características da Arquitetura Pública e Privada Romana 	<ul style="list-style-type: none"> Compreender a arquitetura Pública e Privada romana 	<ul style="list-style-type: none"> Fórum Domus Insulae 	<ul style="list-style-type: none"> Entrada dos alunos; Sumário; Chamada; Realização de um resumo da aula anterior; Introdução à arquitetura pública; Breve explicação sobre pontes e aquedutos; Explicação sobre fórum romano; Explicação sobre as basílicas; Explicação sobre teatros romanos em comparação com os gregos; Explicação sobre os Anfiteatros, com exemplo do Coliseu de Roma; Visualização de um vídeo sobre o coliseu de Roma; Explicação sobre as termas e o seu funcionamento; Visualização de um vídeo sobre as termas de Caracala; 	5 m 2m 1m 1m 4m 3m 7m 7m 6m 6m 2m 6m 2m 4m	Observação de aula e registo posterior Participação oral dos alunos	Computador Projetor Powerpoint Quadro Caderno Caneta

1

				<ul style="list-style-type: none"> Introdução a duas curiosidades: latrinas e <i>tabernae</i>; Introdução à arquitetura privada; Explicação sobre as insulas; Explicação sobre a domus; Visualização de um vídeo sobre a domus; Introdução às <i>villae</i>; Introdução à cidade de Pompeia; Visualização de um vídeo sobre Pompeia Resumo da aula 	4m 1m 3m 7m 5m 3m 3m 6m 3m		
--	--	--	--	---	--	--	--

Apresentações PowerPoint

Apresentação PowerPoint da Primeira Aula Lecionada


Lição n.º 37 e 38

3/11/2020

Sumário: A formação de Roma e a sua expansão.

Roma Republicana e o Senado.

Realização de uma ficha de trabalho.


**Módulo 2 - A Cultura do
Senado**



A Península Itálica

Duas regiões montanhosas:

- Alpes
- Cordilheira dos Apeninos

Três Mares:

- Adriático
- Tirreno
- Mediterrâneo



Povos na Península Itálica:

- Etruscos - povo a norte do rio Tibre. Tinham uma cultura rica, com cidades desenvolvidas. Praticavam agricultura, criação de gado, pirataria, comércio marítimo e artesanato.



Sarcófago dos Esposos, século VI a.C.



Povos na Península Itálica:

- Itálicos- a centro da península. Inclui vários povos, sendo os principais os Romanos, os Sabinos e os Samnitas.
- Gregos- Colónias no sul e na ilha da Sicília.



Jacques Louis David, *O Rapto das Sabinas*, 1788

Mito da Fundação de Roma



Loba Capitolina, séculos XI-XII



António Manuel da Fonseca, *Eneias Salvando o seu Pai Anquises do Incêndio de Tróia*, 1855

“Mas o jovem Ascânio, a que agora é acrescentado o nome de Julio (Ilo era o seu nome, enquanto perdurava o poder de Ílion) completará no mando trinta grandes ciclos pela sucessão dos meses, transferirá o reino da sede de Lavínio, e fortificará Alba Longa com grande poderio. Aqui será então exercido o poder régio durante trezentos anos completos, sob o povo de Heitor, até que uma rainha sacerdotisa, Ília, grávida de Marte, há-de dar à luz duas crianças. Rómulo, depois, fartamente alimentado sob a fulva barriga da loba, sua ama, assumirá o poder sobre o povo, fundará as muralhas de Marte e porá nome aos Romanos a partir do seu próprio nome. Às coisas destes eu não ponho limites nem prazos: foi um império sem fim que lhes outorguei.”

Eneida, Vergílio

Quadro cronológico
Página 81 do manual



República

- *Res Publica* - coisa do povo, algo que não é privado
- Governo do Senado e do Povo (cidadãos), as leis e outras decisões importantes começavam com *Senatus Populus Que Romanus* (Senado e o Povo Romano);
- As iniciais S.P.Q.R. estavam gravadas nos estandartes das legiões romanas.

O Senado



Cúria Júlia,
c. 44 a.C

O Senado

- Do latim, *senatus*, era uma assembleia de cidadãos notáveis eleitos entre os patrícios (ricos e latifundiários).
- 300 membros até ao século a. C., 900 durante o governo de Júlio César, 600 no tempo de Augusto.



Cesare Maccari, *Cícero denuncia Catilina*, 1889

“O Senado era a mais alta autoridade do Estado e o verdadeiro centro do governo, competindo-lhe legislar, deliberar, regulamentar e mandar executar sobre todos os assuntos da vida e da administração pública. Assim, como funções regulares decidir sobre todos os assuntos da vida política externa, a guerra e a paz, a justiça, as finanças públicas, as festividades e questões religiosas, e a resolução de todos os problemas de ordem pública. Como funções extraordinárias podia intervir nos governos das províncias, suspender os tribunais, ou declarar o estado de sítio, entre outras. Logo, para além do poder normativo e executivo em toda a administração pública, o Senado deliberava também sobre todos os aspetos da política externa.”

Página 86 do manual

Magistraturas

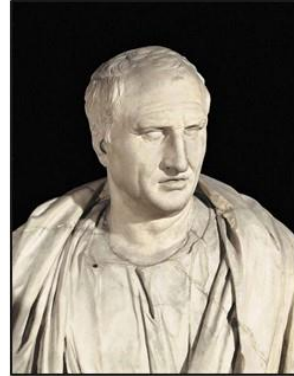
Altos cargos de Estado com a duração de um ano:

- **cônsules** - chefia do governo e do exército, convocar o senado, presidir a cultos públicos;
- **pretores** - funções judiciárias;
- **censores** - recenseamento dos cidadãos e da sua fortuna (para impostos);
- **edis** - Fiscalização dos mercados, conservação dos edifícios e ruas, organização dos jogos;
- **questores** - gestão das finanças;
- tribunos da plebe (eleitos entre os plebeus) - Defesa dos direitos dos plebeus.

CURSUS HONORUM

A Retórica

- A palavra retórica origina do latim *retorica* e significa “arte de bem falar”;
- Tem como objetivo convencer a oposição;
- O mais famoso orador de Roma foi Cícero, conhecido pela qualidade dos seus discursos.



Expansão



Motivos da Expansão Romana:

- Segurança: defesa dos ataques inimigos o que levou à conquista de território



Motivos da Expansão Romana:

- Necessidades económicas: conflitos em entre aristocracia e proprietários de terras, surgimento de grandes propriedades (latifúndios) e o comércio leva à procura de territórios para conquistar, matérias-primas, novos mercados e escravos.

Motivos da Expansão Romana:

- Poder e prestígio: a aristocracia procurava aumentar a sua glória e o domínio dos romanos sobre outros povos

Fatores do crescimento

- Poder militar: o exército era disciplinado, organizado, bem equipado e estrategicamente eficaz



Coluna de Marco Aurélio (detalhe)

Fatores do crescimento

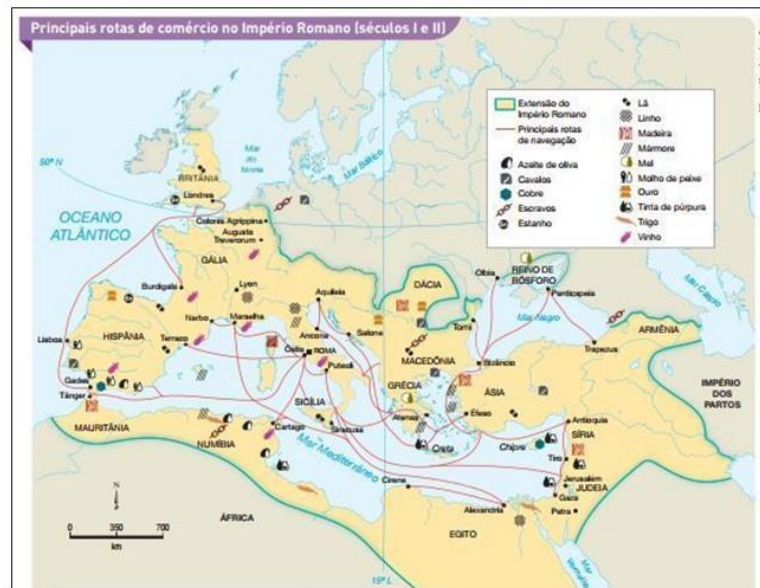
- Organização política e administrativa:
 - criação de governos locais em cidades por todo o império;
 - Direito romano, latim, cidadania, “pax romana”



Fatores do crescimento

- **Gestão Económica:** o comércio era realizado por todo o império, dando-se assim uma circulação de bens e de moeda.

Mestrado em Ensino de História no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário
A INFLUÊNCIA DA ARTE CLÁSSICA NA ARTE RENASCENTISTA: UM CASO PRÁTICO



Questões



- 1- Explique as principais funções do Senado e a sua importância.
- 2- Explique o que era o *cursus honorum* e refira as principais magistraturas.
- 3- Evidencie os fatores que levaram à Expansão Romana e ao crescimento do Império.

Apresentação PowerPoint da Segunda Aula Lecionada

Lição n.º 39 e 40

5/11/2020

Sumário: O século de Augusto.

A Pax Romana.

A sociedade e o cidadão romano.

Realização de exercícios.

O século I a. C./d. C. - o século de Augusto

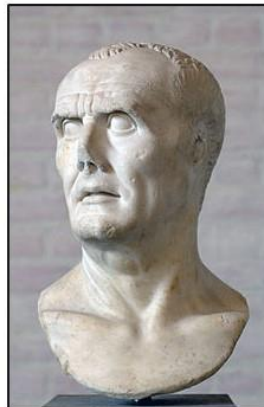


Quadro Cronológico pg. 81 do manual

Guerra cívil - século II a.C.

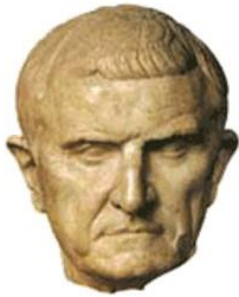


Sila - popular

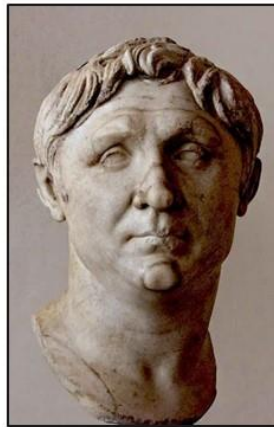


Mário - patrícios

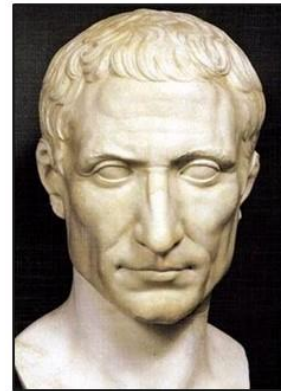
1.º Triunvirato - 60-45 a. C.



Crasso



Pompeu



Júlio César

2.º Triunvirato



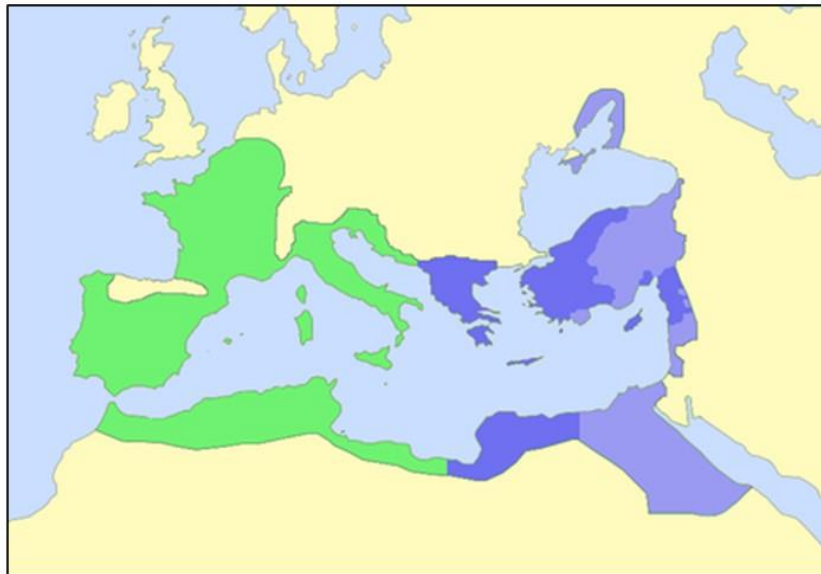
Otávio



Marco António



Lépidio



Verde: Otávio
Azul: Marco António
Azul Claro:
aliados/vassallos de Marco
António

Século de Augusto - Idade de Ouro da civilização romana

- Entre o século I a. C. e I d. C.;

Augusto detinha poder imperial absoluto, apesar das aparências de república.



<https://app.escolavirtual.pt/lms/playerteacher/resource/530297/L?se=3219&seType=&cold=1346>

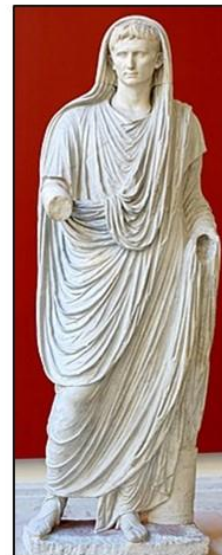
75

Títulos de Augusto

- Tribuno (30 a. C.) - inviolabilidade política e presidência do Senado;
- Imperator (29 a.C.) - poder sobre o exército;
- Princeps Senatus (28 a. C.) - chefe do Senado e Primeiro Cidadão (direito de veto, poder legislativo e executivo).



- Augusto (27 a. C.) - o venerável, alta autoridade;
- Pontifex Maximus (12 a.C.) - autoridade sobre a religião e sobre os sacerdotes;
- Pater Patriae (2 a. C.) - pai da pátria, evidencia o poder sobre a sociedade e o caráter divino do imperador que deu origem ao culto imperial.



Obra de Augusto

Obras públicas:

- Pontes e estradas para unir o império;
- construções de cidades;
- equipamentos públicos pelo império: bibliotecas, termas, banhos públicos, teatros, circos, templos, basílicas, escolas e monumentos comemorativos;
- construção do fórum, aquedutos, rede de esgotos e abastecimento de água, monumentos comemorativos (colunas, estátuas e arcos do triunfo).



Ara Pacis, 9 a. C.



Fórum de Augusto 2 a.C.

Plano Político:

- Aumento dos poderes do Imperador;
- Reforma da administração central e provincial;
- Redução dos poderes do Senado e das Magistraturas.

Plano Económico:

- Criação de indústrias (azeite, sal, vinho e conservas);
- Desenvolvimento da agricultura.





Plano Cultural:

- Financiamento de artistas, poetas, escritores e intelectuais;
- Início do mecenato.

Plano Social:

- O Censo (imposto) , deixava os cidadãos aptos a serem eleitos para o senado ou cargos públicos;
- Restabelecimento da paz social e igualdade de todos os cidadãos livres.



Plano religioso:

- Reforma da religião - culto do imperador.

Plano militar:

- Restabelecimento da ordem depois da instabilidade da República;
- Aumento do império;
- Pacificação do Império e estabelecimento da *pax romana*.



Templo de Augusto (Pula) - 2 a.C.

Pax Romana

- Período de paz e prosperidade entre 27 a.C. até 180 d. C.;
- Expressão oficial, significa paz romana;
- Levar o modo de vida e prosperidade romana a vários pontos do Império;
- Soldados posicionados para manter a paz (paz armada);
- Sem conflitos políticos.

Classes sociais

Ordem Senatorial (patrícios) - 1 000 000 de sestércios:

- ordem fechada (hereditariedade), podia se ascender através de ascensão económica ou mérito pessoal);
- perdeu poder durante o império;
- Funções: senatoriais, magistraturas, comando militar, governo das províncias;
- Origem das receitas: terras e usura.



Ordem Equestre - 400 000 sestércios:

- Diversas origens (plebeus ricos);
- Funções: ricos comerciantes, empreiteiros, militares, etc.
- Serviço militar a cavalo, altos cargos administrativos;
- Origem das receitas: impostos, comércio, agricultura, exército.



Plebe (rural e urbana) - menos de 400 000 sestércios:

- Diversas origem;
- Não tem acesso a cargos políticos (durante a República);
- Viviam dos ricos - clientes (Política do “Pão e Circo”).

Libertos:

- Ex-escravos, liberdade dada como recompensa;
- Não eram considerados cidadãos;
- Funções: músicos, arquitetos, atividades comerciais, etc.

Escravos:

- Origem diversa: prisioneiros, dívidas, nascimento, falta de serviço militar;
- Funções: minas, agricultura, gladiadores, serviço doméstico;
- Eram propriedade do seu senhor;
- Não eram considerados cidadãos;
- $\frac{1}{4}$ da população era escrava.



Cidadão Romano

https://app.escolavirtual.pt/lms/playerteacher/resource/530308/L?se=3219&seType=&cold=134675?_url=/lms/playerteacher/resource/530308/L&se=3219&seType=&cold=134675

Questões - folha à parte para entregar

Página 124 do manual - Grupo II - 1 - a), b), c)

Apresentação PowerPoint da Terceira Aula Lecionada


Lição n.º 41 e 42

5/11/2020

Sumário: Nero e o Incêndio de Roma.

O Ócio: os tempos do lúdico; a preocupação com as artes.

Roma: o modelo urbano do Império.

Realização de exercícios.


Nero e o Incêndio de Roma



Nero

- Nasceu em 37 d. C.;
- O seu preceptor era o filósofo Séneca;
- Tornou-se imperador em 54 a.C.;
- Caprichoso, vaidoso;
- Gostava de música e poesia;
- Lidou com revoltas, sendo obrigado a suicidar-se.



O Incêndio de Roma

- Julho de 64 d. C.;
- Durou 7 dias;
- Desapareceram 10 dos 14 bairros;
- Reconstrução com regras definidas;
- Reorganização da cidade e construção da Domus Aurea;
- Causas: Nero ou a cidade?;
- Perseguição aos cristãos.

<https://www.youtube.com/watch?v=fEj1h7BC2b4>



O Grande Incêndio de Roma, Hubert Robert,

Domus Aurea



O Ócio: os tempos do lúdico; a preocupação com as artes



Cultura do Ócio

- Prosperidade do Século de Augusto;
- Ócio, lazer e diversão;
- Interesse pelas artes e filosofia;
- Divertimentos Públicos e Privados.



Termas de Caracala

Banquetes e Salões culturais



Os Romanos da Decadência, Thomas Coutures, 1815

Dança, Música e Poesia



Grandes Procissões



Banhos (termas)



Termas de Caracala,
211-218 d. C.



Termas de Diocleciano, 306 d. C.

Corridas (Estádio)



Circo Máximo (Circus Maximus)



<https://www.youtube.com/watch?v=frE9rXnaHpE>

Combates



<https://www.youtube.com/watch?v=S7tcTviilbl>

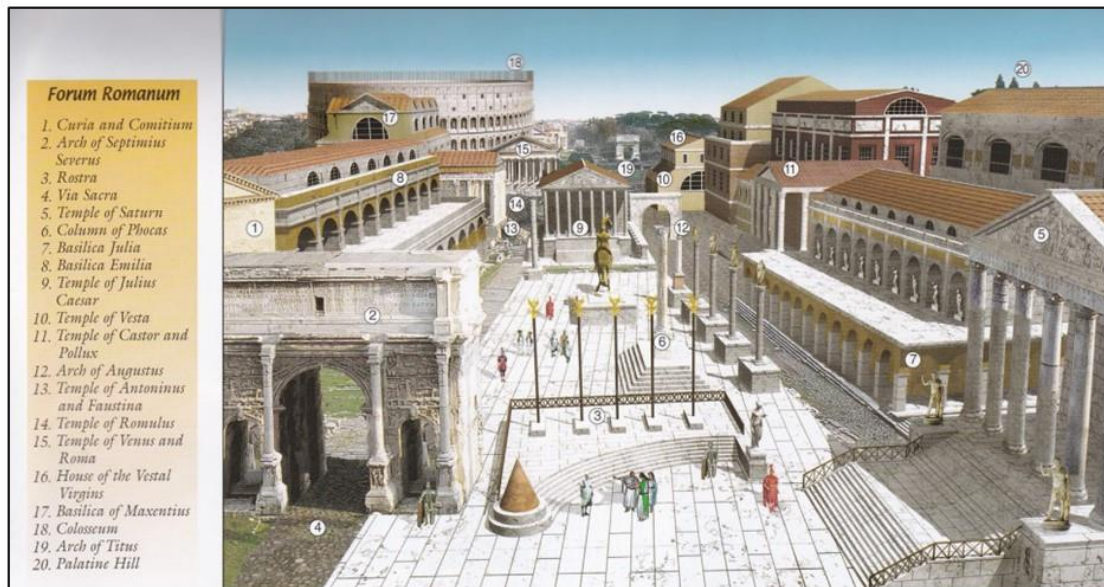
Anfiteatro Flávio
(Coliseu), 68 - 79 d.
C.

Teatro



Teatro de
Palmyra

Fórum




Basílica



Basílica de
Maxêncio, 312 d.C.


Cúria

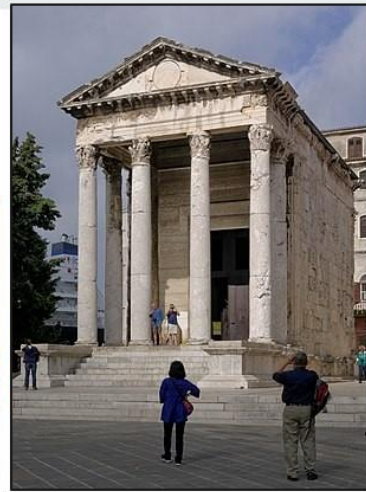


Cúria Júlia, 44-29 a.
C.

Templo



Templo Romano, Évora, s. I d. C.



Templo de Augusto, Pulla, c. 2 a. C.

Arquitetura Comemorativa



Coluna de Trajano, 113 d. C.



Arco de Constantino 315 d.C.

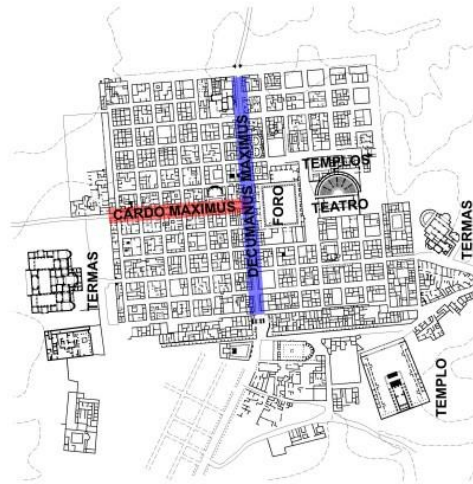
Roma: o modelo urbano do Império



<https://app.escolavirtual.pt/lms/playerteacher/resource/534367/L?se=3219&seType=&cold=134675>

- *Urbe* - meio geográfico e social caracterizado por uma forte concentração populacional;
- Roma como modelo - copiado por outras cidades do Império;
- Desde a República que tem infraestruturas equipamentos e edifícios adequados à sua importância;
- Reorganização, reestruturação e restauração como instrumento político, meio de afirmação e consolidação do seu poder.

- Sistema organizado, reminescente do exército romano;
- Acampamentos militares ou antigos povoados já existentes.



Cidade de Timgad (Argélia)

Estradas



Esgotos

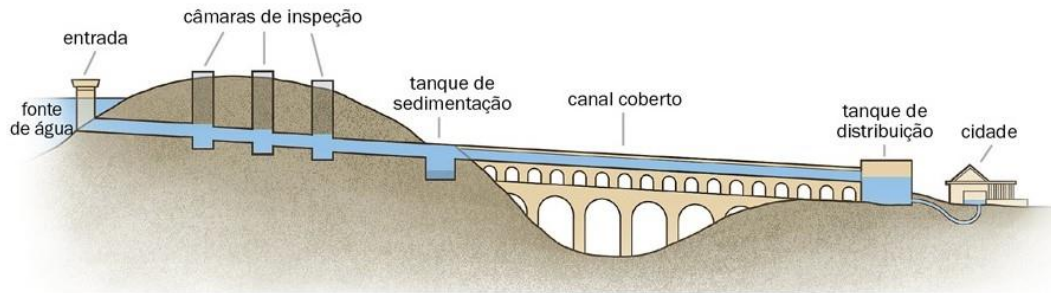
- Cloaca Máxima - um dos sistemas de esgotos do mundo;
- Hoje drena água da chuva em Roma.



Aqueduto



Aqueduto



Apresentação PowerPoint da Quarta Aula Lecionada

Lição n.º 43 e 44

10/11/2020

Sumário:A Arquitetura Romana: entre o belo e o útil.

Os Avanços tecnológicos.

Arquitetura Religiosa.

Realização de exercícios.

Arquitetura Romana: entre o belo e o útil



Características Gerais da Arquitetura Romana

Funcionalismo

Pragmatismo

Racionalismo

Apologética

Beleza

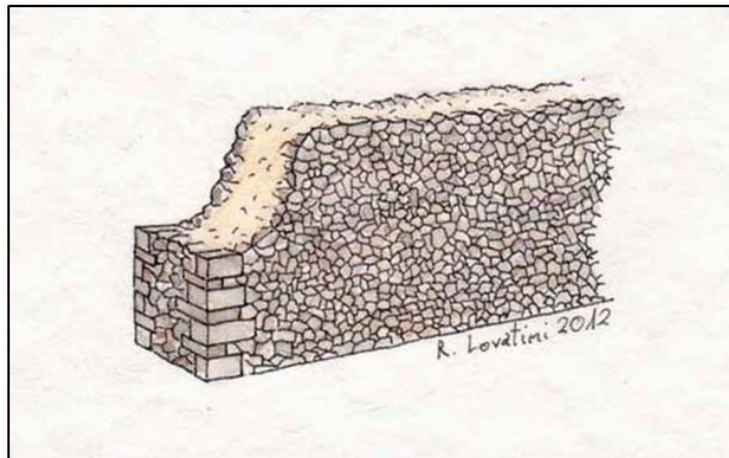
Monumentalidade

Materiais

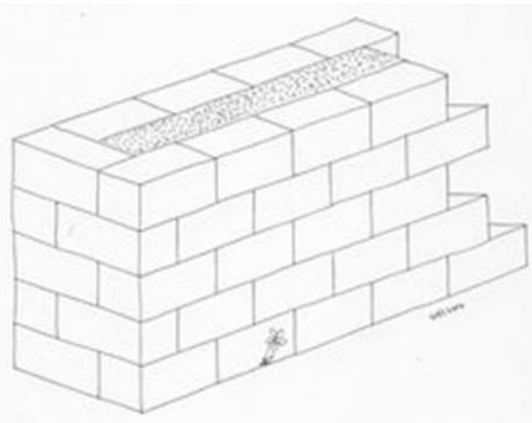
Opus caementicium :

- Semelhante ao cimento ou betão;
- Argamassa de cal, cascalho, calcário, areia, materiais cerâmicos e pozolana (origem vulcânica);
- Revestimentos exteriores (paramento) e interiores.

Opus Incertum



Opus Quadratum



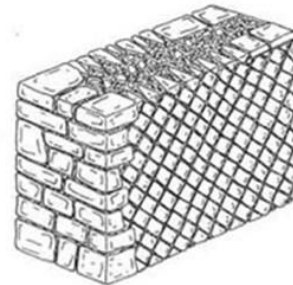
Opus Espicatum



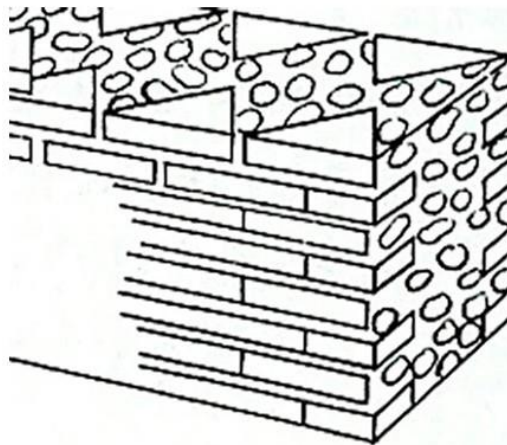
Opus Sectile



Opus Reticulatum



Opus Testaceum

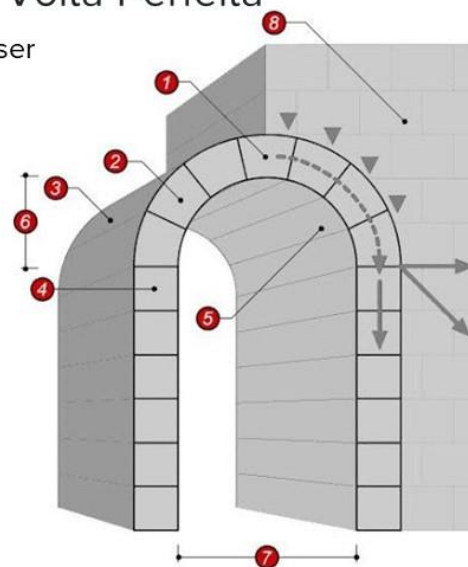


Opus Mixtum

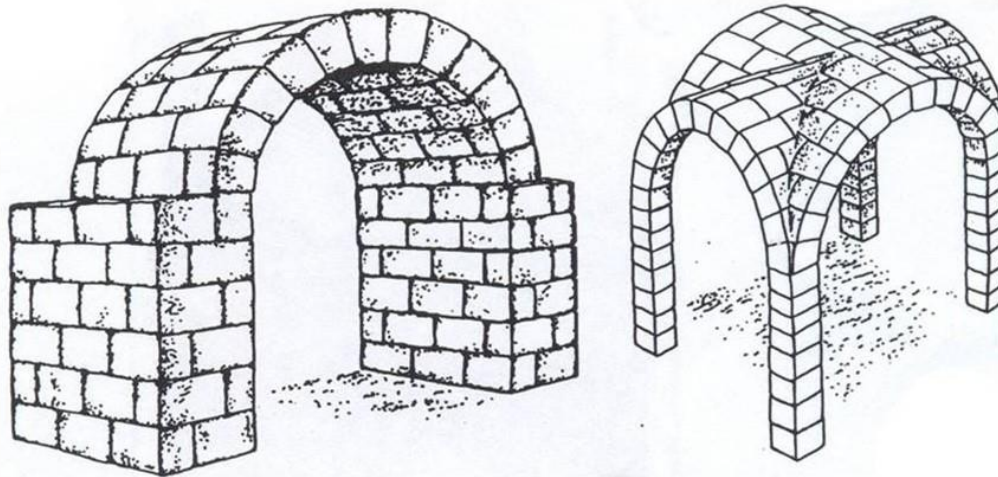


Sistemas Construtivos - Arco de Volta Perfeita

- 1- Chave - bloco superior que fecha o arco, pode ser decorado;
- 2- Aduela - bloco que compõe a curva;
- 3- Extradorso - parte exterior, convexo;
- 4- Imposta - bloco que separa o pé direito da aduela de arranque;
- 5- Intradorso - parte interior, côncava;
- 6- Flecha - do arranque até à chave, pode-se transformar num tímpano;
- 7- Luz - Largura do arco;
- 8- Contraforte - suporta a impulsão do arco.



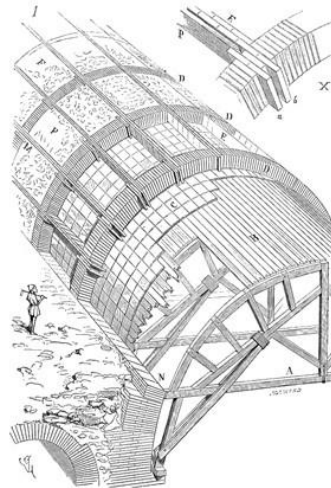
Abóbada de berço e Abóbada de Arestas



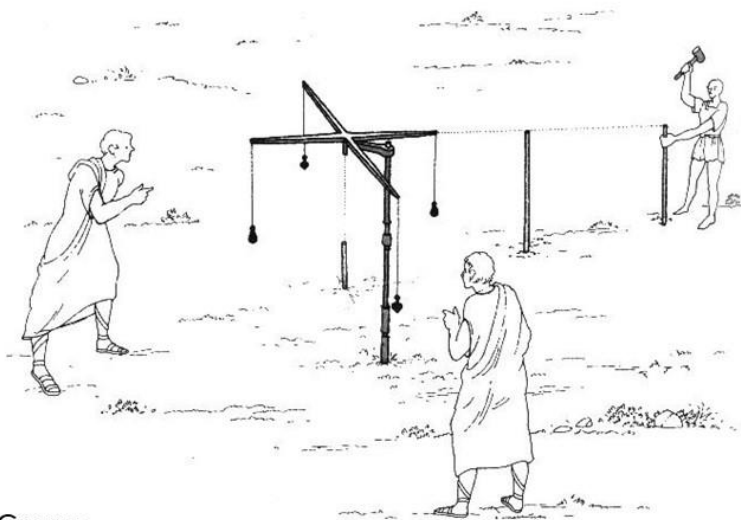
Técnicas e Instrumentos de Engenharia



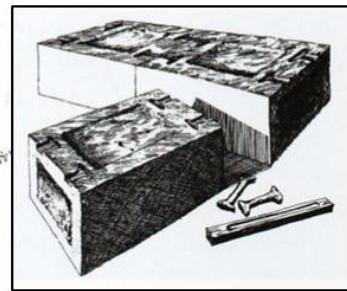
Cofragem



Cimbre



Groma



Grampos de Metal

Influências na Arquitetura Romana

Etruscas:

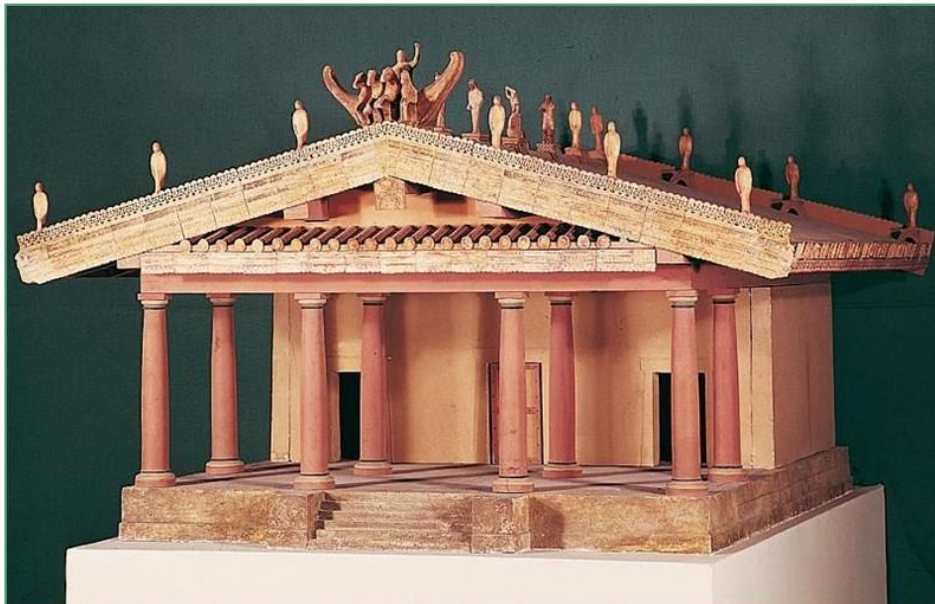
- Arco de volta perfeita;
- Abóbada de berço;
- Estradas, esgotos, pontes, túneis;
- Cúpula;
- Templo elevado num pódio;
- Cella.

Gregas:

- Plantas retangulares e circulares nos templos;
- Ordens arquitetónicas;
- Traçado ortogonal (Hipodâmico).



Cidade Etrusca de Marzabotto



Templo de Júpiter Capitolino, 509 a.C.

Influências na Arquitetura Romana

Etruscas:

- Arco de volta perfeita;
- Abóbada de berço;
- Estradas, esgotos, pontes, túneis;
- Cúpula;
- Templo elevado num pódio;
- Cella.

Gregas:

- Plantas retangulares e circulares nos templos;
- Traçado ortogonal (Hipodâmico);
- Ordens arquitetónicas.

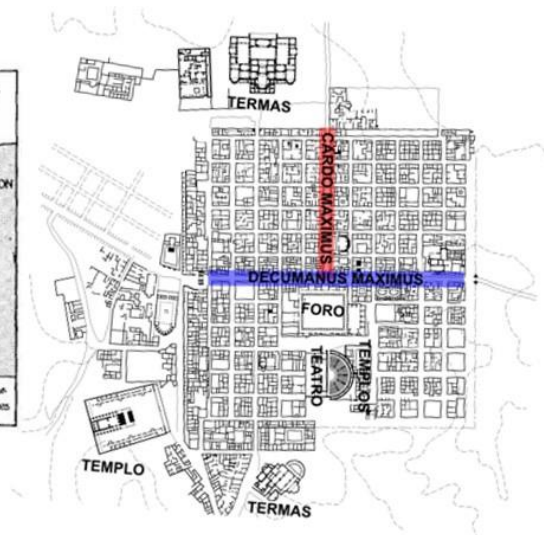
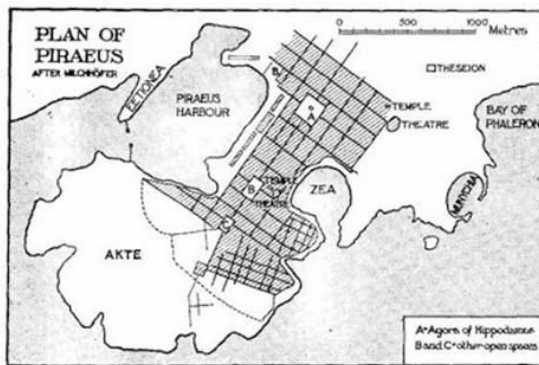


Mestrado em Ensino de História no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário
A INFLUÊNCIA DA ARTE CLÁSSICA NA ARTE RENASCENTISTA: UM CASO PRÁTICO



Templo de Hércules Victor, séc. II a.C.

Tholos de Delfos, 390 a.C.



Ordens Arquitetónicas



Dórica



Jónica



Coríntia

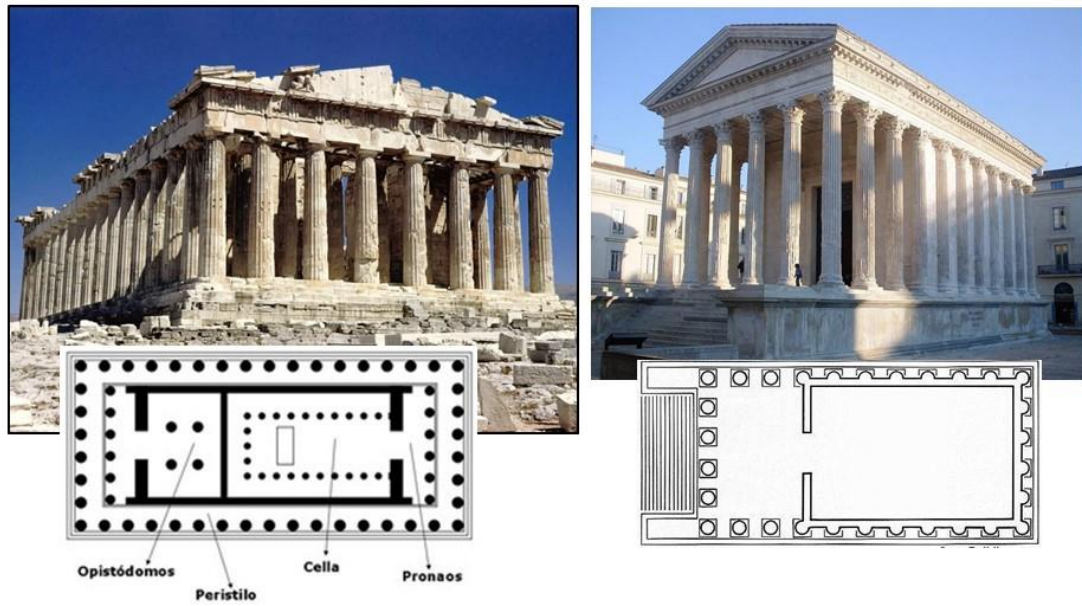
Ordens Arquitetónicas



Toscana



Compósita



Templo de Nimes - Maison Carrée, 16-19 a.C.



Panteão - II d.C.



Altars ou Aras



Ara Pacis, 9 a. C.

Santuários


Santuário da Fortuna
Primigénia, 184 a. C.



Questões

- 1- Indique três diferenças entre os templos gregos e os romanos.
 - 2- Refira todas as ordens arquitetónicas que conhece.
 - 3- Refira duas inovações romanas na arquitetura.
 - 4- Explique o que era o opus caementicium.
 - 5- Refira dois aspetos de influência grega e dois aspetos de influência etrusca na arquitetura romana.
-

Apresentação PowerPoint da Quinta Aula Lecionada


Lição n.º 45 e 46

12/11/2020

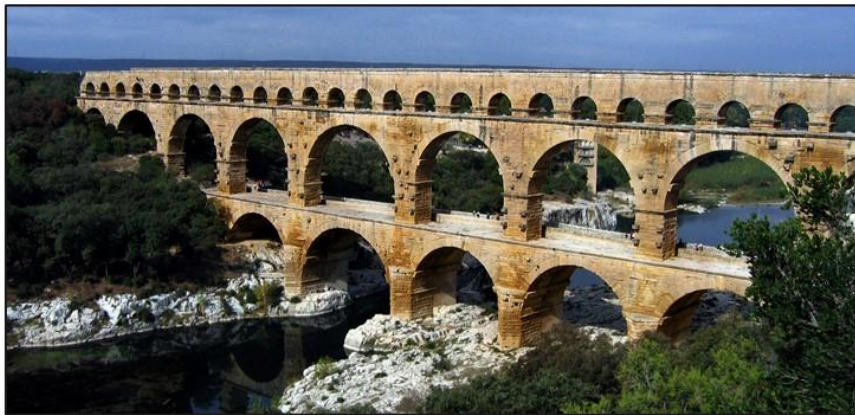
Sumário: Arquitetura pública e privada romana;
A cidade de Pompeia.

Arquitetura Romana

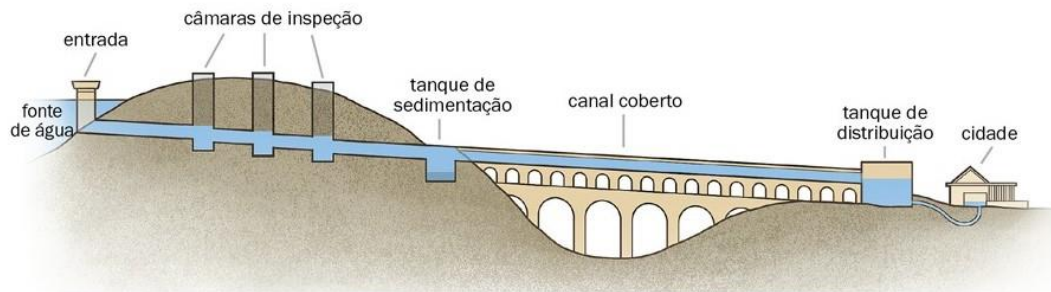


Arquitetura Pública

Aquedutos



Mestrado em Ensino de História no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário
A INFLUÊNCIA DA ARTE CLÁSSICA NA ARTE RENASCENTISTA: UM CASO PRÁTICO




Pontes

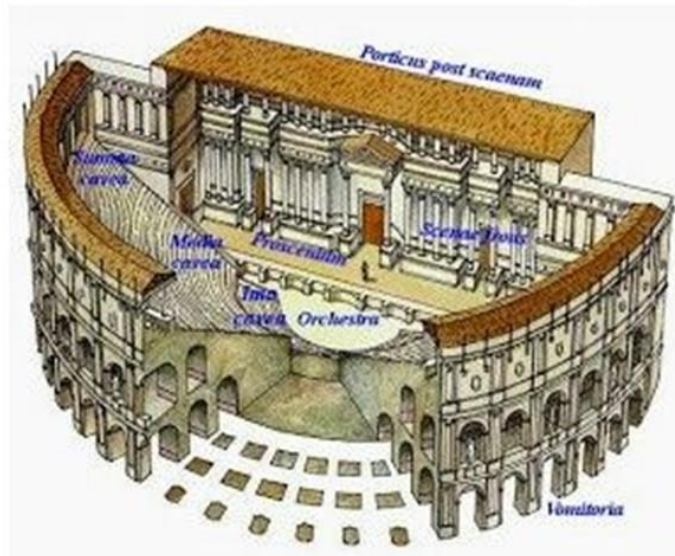




Teatros

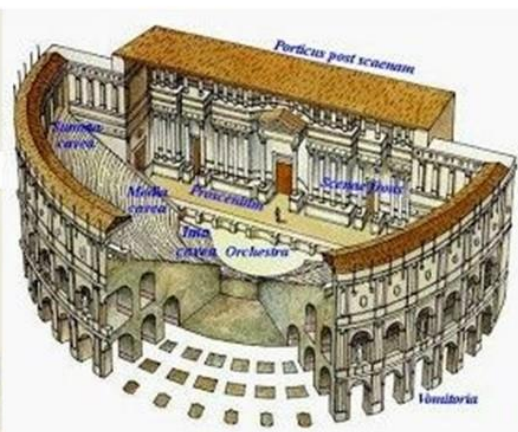
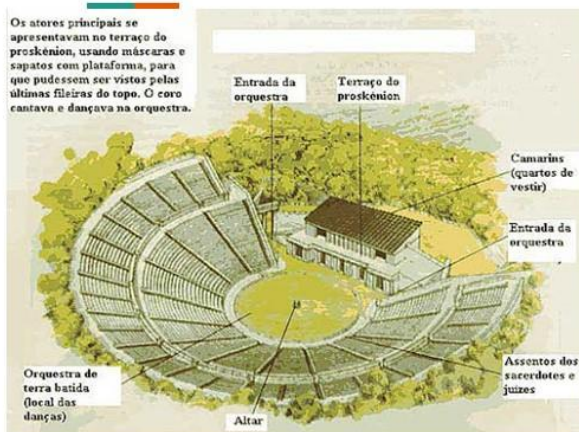
- Orquestra semicircular;
- Cávea em vários andares;
- Cena da altura da cávea.





Teatros grego e romano

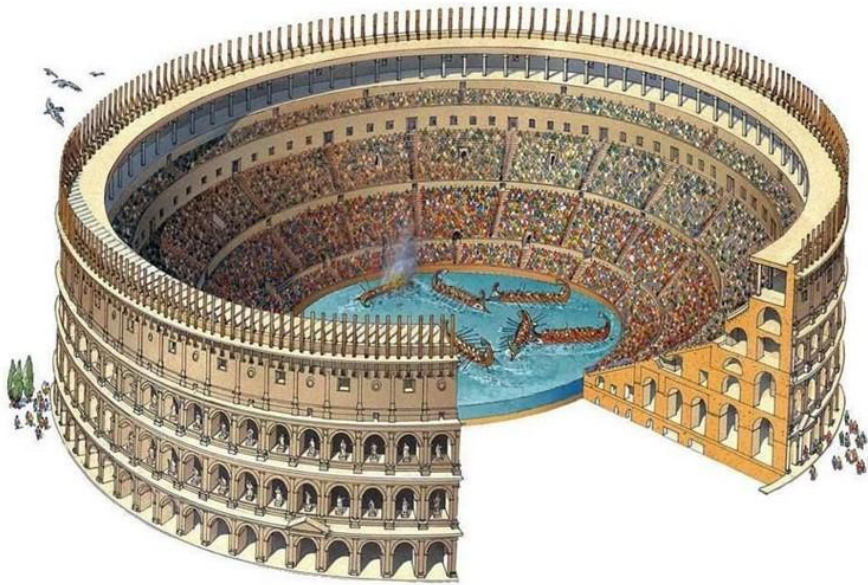
Os atores principais se apresentavam no terraço do *proskénion*, usando máscaras e sapatos com plataforma, para que pudessem ser vistos pelas últimas fileiras do topo. O coro cantava e dançava na orquestra.



Anfiteatros



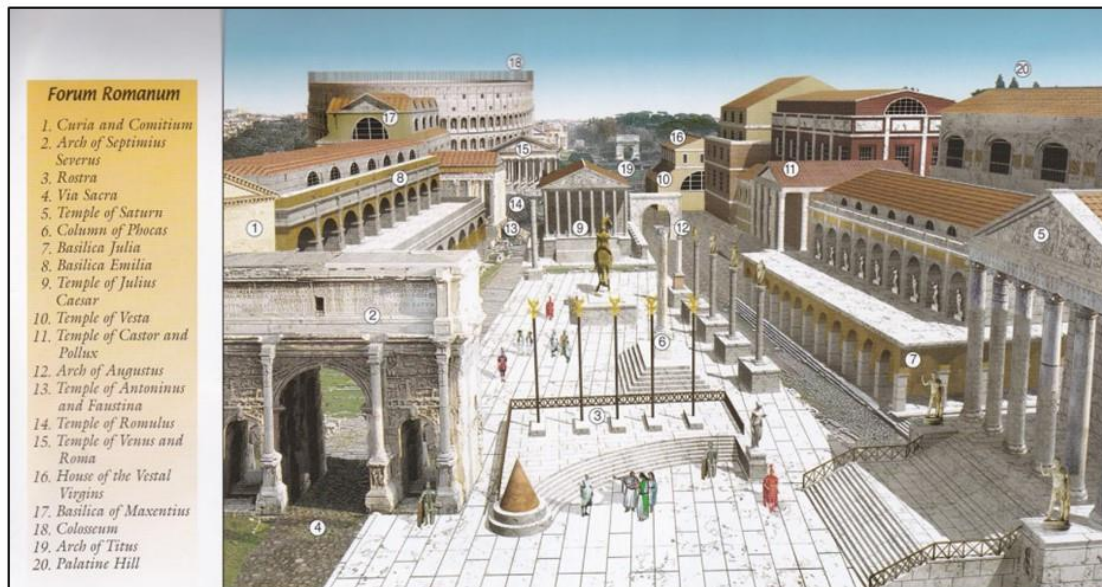
Mestrado em Ensino de História no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário
A INFLUÊNCIA DA ARTE CLÁSSICA NA ARTE RENASCENTISTA: UM CASO PRÁTICO



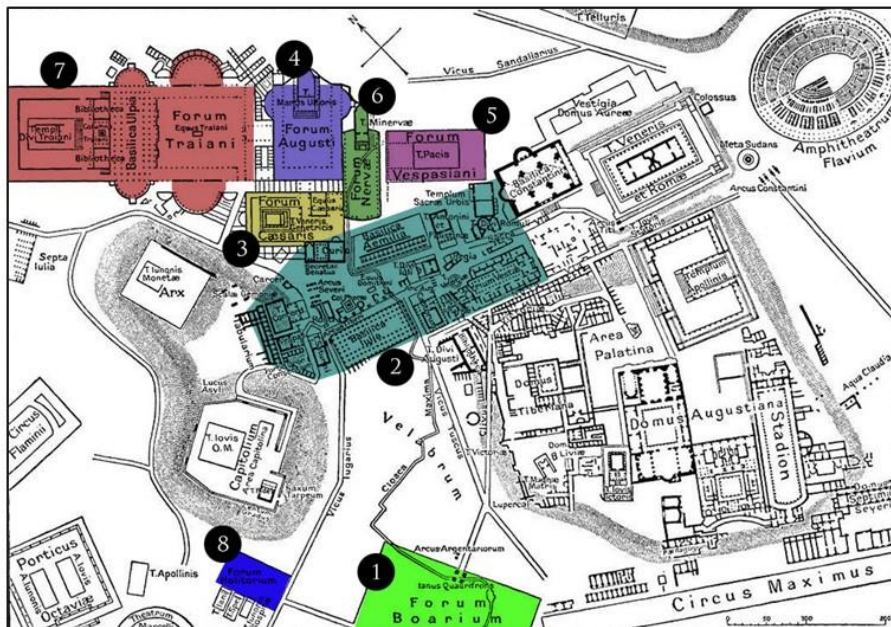
Anfiteatro de Mérida, 8 a. C.

Fórum

- Centro da vida política, social e económica;
- Basílica, cúria, templos, colunas, arcos do triunfo.



Mestrado em Ensino de História no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário
A INFLUÊNCIA DA ARTE CLÁSSICA NA ARTE RENASCENTISTA: UM CASO PRÁTICO



Mercado de Trajano

- Seis andares;
- Três andares para lojas;
- Escritórios e biblioteca.



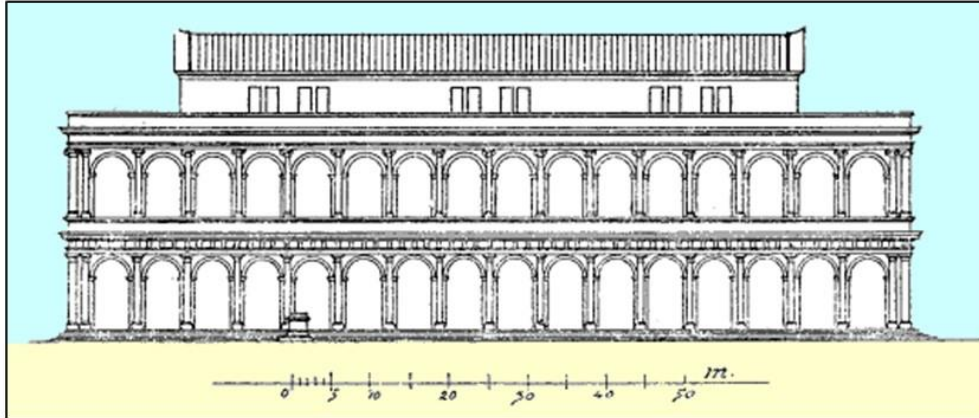
Basílica de Maxêncio, 308 d.C.

Basílica

- Funções económicas, sociais e políticas.



Mestrado em Ensino de História no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário
A INFLUÊNCIA DA ARTE CLÁSSICA NA ARTE RENASCENTISTA: UM CASO PRÁTICO



Influência Grega - Colunas e entablamento

- Arcadas romanas

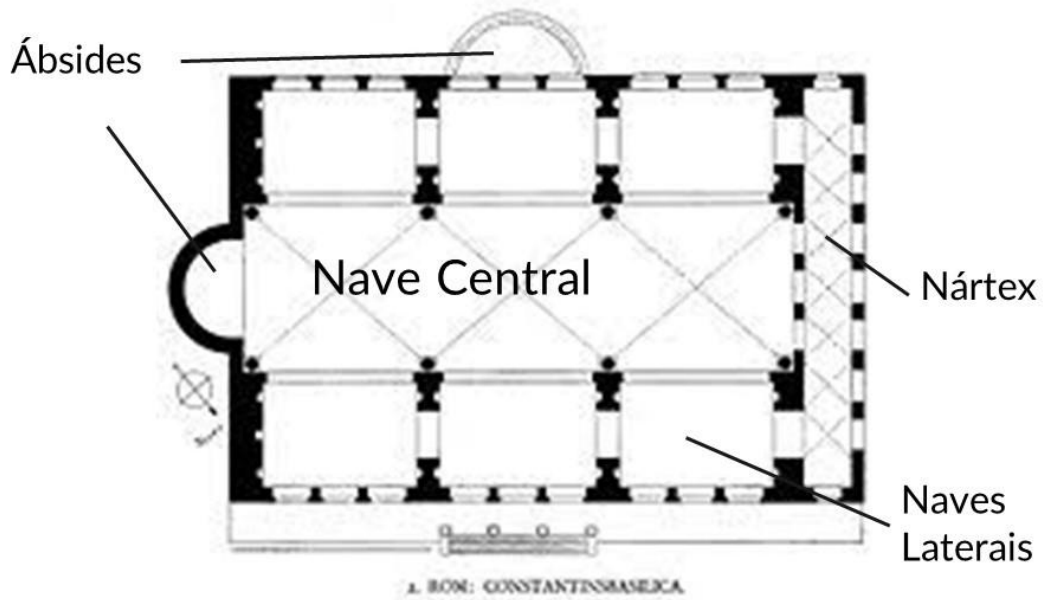
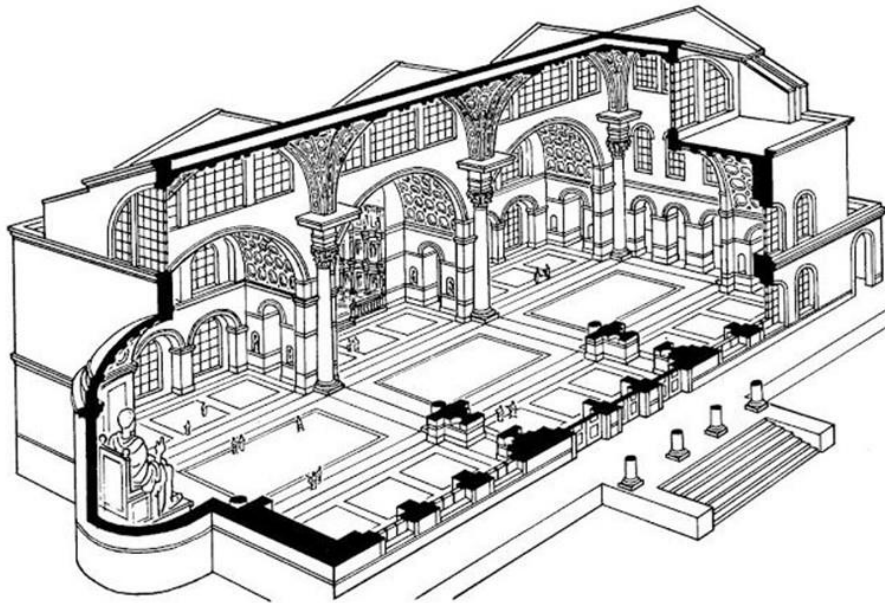
Basílica Emília, 179
a.C.



Basílica Júlia, 46
a.C.



Basilica de Maxêncio e Constantino



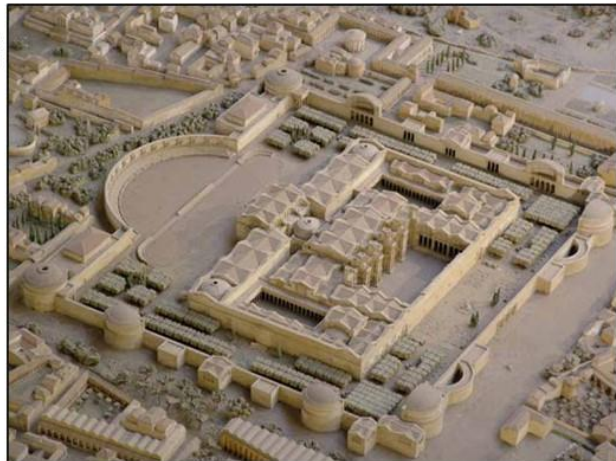


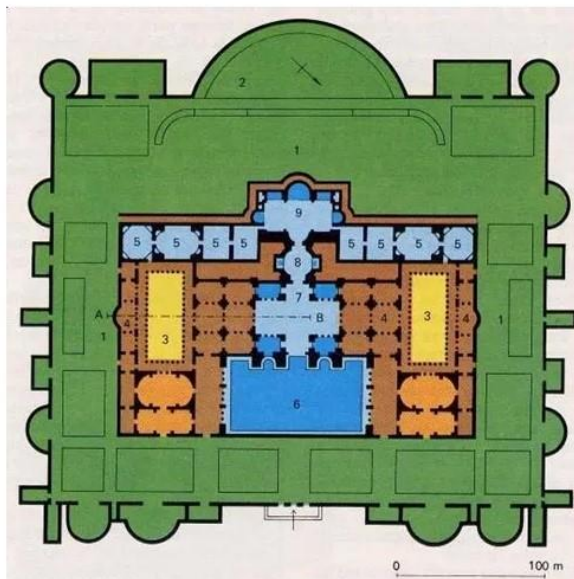
Basilica de Constantino ou de Maxêncio, Roma, séc. IV
Reconstituição do interior

Termas

- Cúpulas, arcos, abóbadas;
- Simetria, harmonia, grandiosidade;
- Funcional;
- Esculturas;
- Decoração rica;
- Mármore, estuques - diversos materiais;
- Luz.

Termas de Diocleciano, 306 d.C.





Laranja - Vestiário
Azuis - Salas de banho, piscinas
Castanho - Circulação
Verde - Jardins
Amarelo - Pátios

1- Jardins
2-Exedra
3-Peristilo (palestra)
5- Salas de banho
4-Sala de estar
6-Piscina - Natatio
7-Banho frio- Frigidarium
8-Banho Tépido - Tepidarium
9-Banho Quente - Caldarium





Termas de
Caracala, 211-
218 d.C.

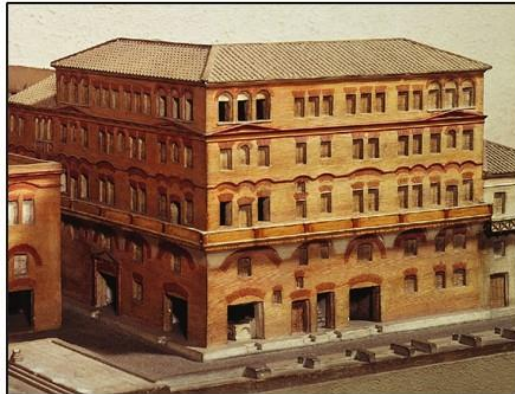
Latrinas

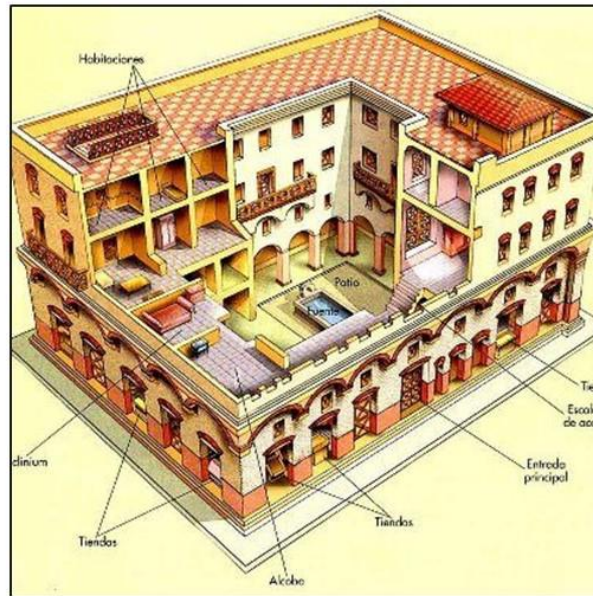


Arquitetura Privada

Insula (Insulae)

- Mais que uma família;
- Famílias mais pobres;
- Rés-de-chão: lojas;
- Andares superiores: habitações (cenacula);
- Taipa, tijolo, madeira.





Domus:

- Normalmente, só com um piso;
- Dois pátios interiores;
- Unifamiliar;
- Classes mais altas;
- Poucas aberturas para o exterior;

Vestibulum - Entrada;

Ostium - Porta;

Fauces - Pequeno corredor;

Lararium - Pequeno altar consagrado aos deuses protectores da família, no átrio;

Cubicula - Quarto para dormir;

Impluvium - Orifício onde se armazena a água da chuva;

Tablinum - Sala de recepção, arquivo e biblioteca (reservado ao dono da

Peristilo - Pátio com colunas, para além disso continha um jardim com estátuas, repuxos, lagos com peixes, plantas;

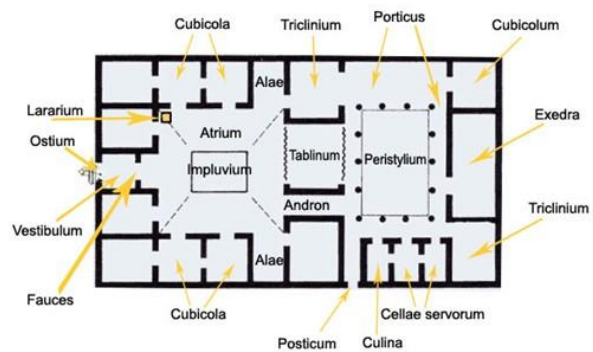
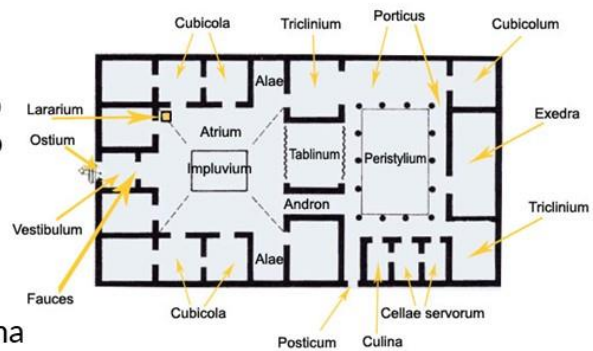
Culina - Cozinha;

Cella - Despensa;

Triclinium - Sala de Jantar;

Exedra - Sala de estar, reservada ao dono da casa;

Posticum - Porta traseira da casa





Materiais

- Exteriores: tijolo e ladrilho cozido.
- Interior: taipa, estuque.



Decoração

- Pavimentos de mármore policromo ou mosaicos;
- Frescos .

Mestrado em Ensino de História no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário
A INFLUÊNCIA DA ARTE CLÁSSICA NA ARTE RENASCENTISTA: UM CASO PRÁTICO



Vila - *Villae*

- Famílias mais abastadas (imperadores e as suas famílias);
- Maiores e mais luxuosas que a Domus;
- Fora da cidade.



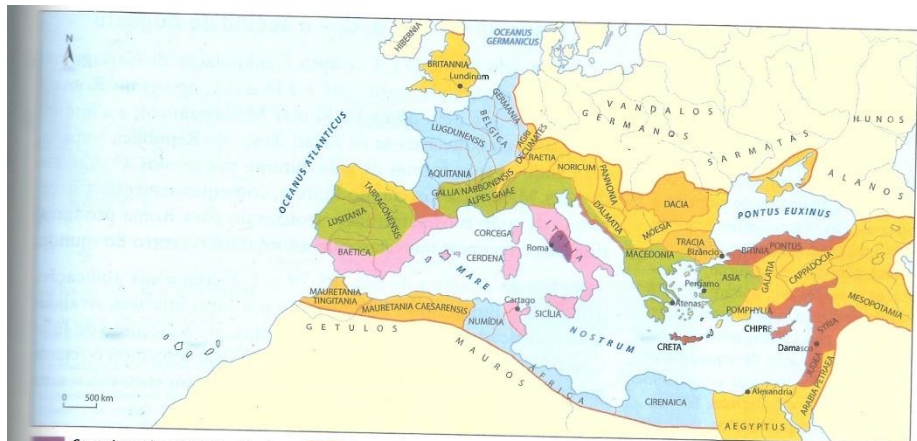


Pompeia





Páginas do Manual



- Conquistas nos séculos V e IV a. C.
- Conquistas no século III a. C.
- Conquistas no século II a. C.
- Conquistas séc. I anterior a César
- Conquistas de César
- Conquistas de Otávio Augusto
- Conquistas até à morte de Trajano
- Limite máximo do Império na época de Trajano
- Limite de províncias na época de Trajano

Mapa do Império Romano no século II d. C.

QUADRO CRONOLÓGICO DA CIVILIZAÇÃO ROMANA			
PERÍODOS		HISTÓRIA	ARTE E ARTISTAS
Etruscos	c. 720-90 a. C.	Época Arcaica, c. 720-400 a. C. Época Média, c. 400-225 a. C. Época Helenística, c. 225-90 a. C.	Sarcófago de Cerveteri, c. 520 a. C. Apolo de Veios, c. 510 a. C. Loba do Capitólio, c. 500 a. C. Quimera de Arezzo, c. 360 a. C.
As origens	753-510 a. C.	Fundação de Roma, 753 a. C.	
Período Republicano	510-27 a. C.	Proclamação da República, 510 a. C. Primeira Guerra Púnica, 264-241 a. C. Segunda Guerra Púnica, 218-201 a. C. Conquista da península Ibérica, 201 a. C. Terceira Guerra Púnica, 149-146 a. C. Destruição de Cartago, 146 a. C. Júlio César, 59-44 a. C.	Templo de Vesta, Fórum Boario, c. 120 a. C. Templo de Fortuna Virilis, finais do séc. II a. C. L'Arringatore, princípio do séc. I a. C. Tabularium do Capitólio, Roma, 78 a. C. A Batalha de Issos, mosaico, séc. I a. C. A Poetisa, fresco, séc. I a. C. Estátua Barberini, final do séc. I a. C.
Período Imperial	Época de Augusto	Augusto, 27 a. C.-14 d. C.	Vitrúvio, De Architectura, 30-25 a. C. Augusto de Prima Porta, c. 20 a. C. O Ara Pacis, o Altar da Paz, 13-9 a. C. O Fórum de Augusto, finais do séc. I a. C.
	O séc. I Os Júlios-Claúdios e os Flávios	Dinastia dos Júlios-Claúdios, 14-68 d. C. Dinastia dos Flávios, 69-98 d. C.	Coliseu de Roma, 70-90 d. C. Arco de Tito, Roma, 80-85 d. C.
	O séc. II De Trajano a Adriano	Trajano, 98-117 d. C. Máxima expansão do Império Romano Adriano, 117-138 d. C. Dinastia dos Antoninos, 138-192 d. C.	Fórum de Trajano, Roma, 107-112 d. C. Coluna de Trajano, Roma, 114 d. C. Panteão de Roma, 118-125 d. C. Villa Adriana, Tivoli, 125-138 d. C.
Baixo Império	192-395 d. C.	Dinastia dos Severos, 192-235 d. C. Constantino, 305-337 d. C. Cristianismo, religião do Império, 313 d. C. Fundação de Constantinopla, 324 d. C. Império do Oriente e do Ocidente, 395 d. C. Queda do Império do Ocidente, 476 d. C.	Fórum de Leptis Magna, séc. III d. C. Termas de Caracala, Roma, 212-216 d. C. Os Tetrarcas, finais do séc. III d. C. Arco de Constantino, Roma, 312-315 d. C.

CA10_06

A Lei: da República ao Império

Um dos fatores que foram determinantes na coesão social e na aglutinação das mais diversas culturas integradas no Império foi, sem dúvida, a Lei Romana. Formada por um conjunto de normas e procedimentos de Direito aplicados de igual modo a todas as províncias, a Lei Romana caracterizou-se pelo racionalismo dos seus fundamentos, pelo pragmatismo na sua relação com a realidade e pela abrangência de domínios de aplicação que considerava.

O Direito romano constitui um dos legados mais importantes da civilização romana e formou-se a partir da condensação de vários textos ao longo da sua história.

O texto de Direito mais antigo que chegou até nós é a *Lei das Doze Tábuas*, um conjunto de leis consuetudinárias, isto é, criadas a partir dos costumes e tradições do povo, redigidas em meados do século V a. C. Estas leis abrangiam praticamente todos os domínios da vida pública e privada e constituíam a essência da constituição da República.

Durante o Império, com a centralização dos poderes no imperador, este passou a ser o principal legislador e supremo juiz, ainda que aconselhado por juristas recrutados entre a elite culta e informada dos patricios, os "jurisconsultos".



4 5. *Curia Julia, Roma, c. 44 a. C.*
Esta era a Casa do Senado, em latim *Curia Julia*. É um dos edifícios que ainda se mantém quase intacto, pois veio a servir de basílica cristã no século VII d. C.

LOCAL

2. O Senado: os senadores e o *cursus honorum*

O Senado é a mais antiga assembleia política da Antiguidade. Admite-se que a sua origem remonte aos "conselhos de anciãos" surgidos nas civilizações orientais (c. 4000 a. C.), pois a origem do nome (do latim, *senatus*) é *senex*, significando "velho" ou "idoso". O Senado romano era, então, uma assembleia de cidadãos notáveis eleitos entre os patricios – ricos e latifundiários – que, durante o tempo da República (510-27 a. C.), foi o principal órgão de decisão da vida política. Inicialmente era constituído por 300 senadores, mas no tempo de Júlio César (59-44 a. C.) chegou a ultrapassar os mil elementos que exerciam os cargos vitaliciamente.

O Senado era a mais alta autoridade do Estado e o verdadeiro centro do governo, competindo-lhe legislar, deliberar, regulamentar e mandar executar sobre todos os assuntos da vida e da administração pública. Assim, tinha como funções regulares decidir sobre a política externa, a guerra e a paz, a justiça, as finanças públicas, as festividades e questões religiosas, e a resolução de todos os problemas de ordem pública. Como funções extraordinárias podia intervir nos governos das províncias, suspender os tribunais, ou declarar o estado de sítio, entre outras. Logo, para além do poder normativo e executivo em toda a administração pública, o Senado deliberava também sobre todos os aspetos da política externa.

Em síntese, competia ao Senado zelar pelas boas práticas do governo que era formado por várias magistraturas (exercício de cargos públicos) integradas no *cursus honorum* (do latim "curso honorífico" ou "carreira das honras"). Só os patricios podiam aceder ao *cursus honorum*, mas, mesmo assim, tal estava dependente da idade, das qualidades pessoais e do censo (quantidade de bens e propriedades que possuíam). As magistraturas eram de carácter administrativo, judiciário e militar e, normalmente, eram constituídas por dois elementos cada. Por ordem decrescente de importância, estavam assim hierarquizadas: os principais magistrados eram os cônsules, encarregados de comandar o exército, convocar o Senado e presidir a cultos públicos; a seguir, estavam os pretores, que exerciam funções judiciárias; os censores, a quem cabia o recenseamento dos cidadãos e a fiscalização da sua conduta moral pública; os questores, encarregados pela administração das finanças; e os senadores, que eram magistrados pertencentes ao Senado e a quem, para além das funções já referidas, também competia designarem os cônsules. Existiam também magistraturas plebeias como os edis, responsáveis pela manutenção da ordem pública e abastecimento da cidade, e os tribunos da plebe que atuavam junto do Senado em defesa dos direitos e dos interesses da plebe.

Em 18 a. C., Augusto reduziu drasticamente o número de senadores e retirou-lhes poderes e funções políticas, esvaziando gradualmente o papel político do Senado na administração dos assuntos de Roma. Durante o Império (27 a. C.-476 d. C.) este órgão passou a ser constituído, principalmente, por homens da confiança do imperador, o que não impedia de, muitas vezes, lhe fazer oposição.

O latim de Cícero

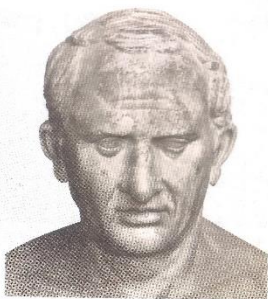
Marco Túlio Cícero (106-43 a. C.) foi o maior dos oradores e pensadores políticos romanos. Após uma educação clássica e um contacto com as leis e as instituições políticas de Roma, Cícero passou brevemente pela vida militar, condição necessária para poder participar na vida política. Os seus interesses centraram-se na retórica e na arte da oratória que estudou com Molo, o principal retórico da época.

É considerado o primeiro romano a chegar aos principais cargos do governo com base na eloquência e no mérito com que exerceu as suas funções de magistrado civil.

Dirigiu vários casos com sucesso, normalmente em defesa de causas de justiça civil, em ações corajosas que o levaram a exilar-se na Grécia onde viria a concluir a sua formação filosófica e retórica.

Regressado a Roma em 76 a. C., começou a sua carreira política com a nomeação como questor da Sicília. Escolhido para pretor, discursou pela primeira vez em 66 a. C. a partir da *Rostra*, a prestigiada tribuna dos oradores no Fórum de Roma.

Sem rival na eloquência judiciária, pela riqueza da sua imaginação, pela flexibilidade do seu espírito e pela habilidade da sua dialética, Cícero foi a suprema expressão do génio latino. Não só na oratória mas também na escrita, nenhum dos prosadores latinos o excedeu na pureza, vigor e harmonia do estilo.



11. Busto de Cícero, século I a. C.

SÍNTESE 1

3. A língua latina: do latim erudito ao latim dos *limes*

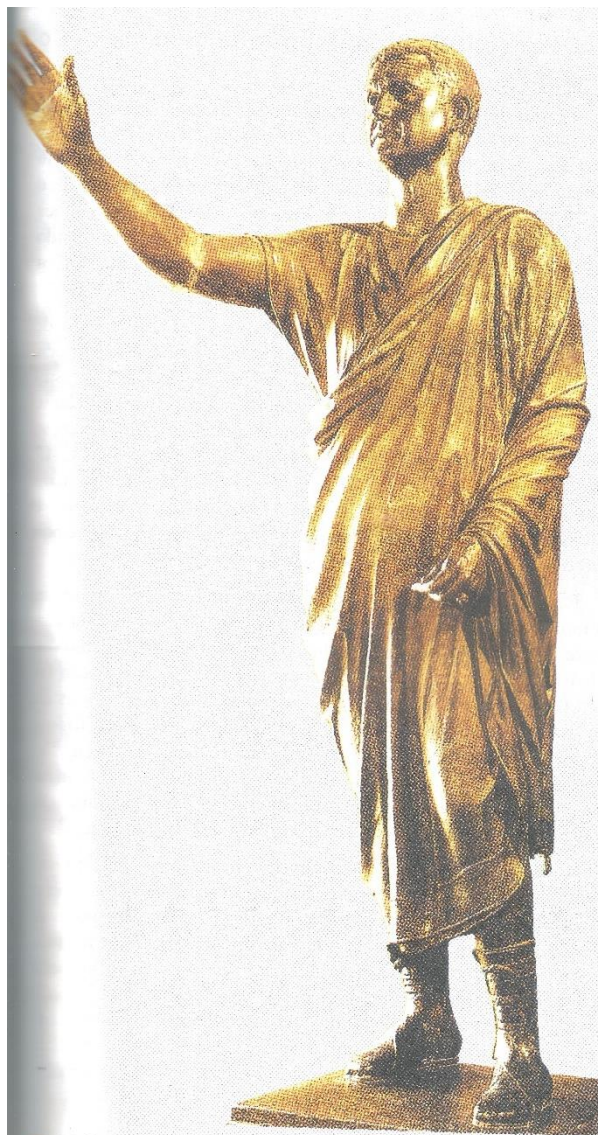
O latim é uma língua de origem indo-europeia que chegou à península Itálica entre os séculos IX e VIII a. C., trazido pelos Latinos que se fixaram na região do Lácio, nas margens do rio Tibre, onde viria a ser fundada a cidade de Roma. A princípio, o latim só era falado em Roma, mas durante o período da República acabou por se expandir a toda a península Itálica, recebendo influências das línguas e dialetos que ali predominavam, entre os quais o etrusco, o grego, o gálico e o venético.

A língua atinge o seu apogeu no século I a. C., o “século de Augusto”, que é a Idade de Ouro da literatura latina. Nesta época, destaca-se um conjunto de personalidades cultas e eruditas que estabilizam a estrutura, a fonética e o sistema sintático, elevando o latim a modelo da civilização que os Romanos impuseram. Autores como Ovídio (43 a. C.-16 d. C.), Horácio (64-8 a. C.), Tito Lívio (59 a. C.-17 d. C.), Virgílio (71-19 a. C.) e Cícero (106-43 a. C.) entre outros, fixaram nas suas obras os termos em que o latim haveria de ser escrito e falado, tornando-se na língua oficial do Império e um dos principais fatores de coesão entre todos os povos.

Para além de se converter na principal língua da Antiguidade, impondo-se na literatura, na poesia, no teatro, no direito, na filosofia e na retórica durante séculos, o latim foi igualmente um dos elementos mais importantes da romanização. A romanização foi um processo de aculturação dos territórios ocupados, através da difusão e da implementação de uma unidade cultural em todo o Império. Para além do “culto do imperador” e da vigência da “lei romana”, a adoção do latim como língua oficial comum em todas as províncias, contribuiu determinantemente para a assimilação cultural e civilizacional de Roma por parte dos povos ocupados.

Todavia, durante o período do Império e devido ao contacto com outras línguas e dialetos dos povos conquistados, a língua latina sofreu transformações. Enquanto os patrícios e a elite intelectual – políticos, poetas e filósofos – apuraram o latim e tornaram-no cada vez mais sofisticado e erudito, já quando utilizada pela plebe a língua latina sofreu adulterações e deturpações por contágio dos dialetos locais. A este “latim do povo”, dito “inculto”, chamou-se latim do *limes*, sendo que *limes* significa “limite” ou “fronteira”. De facto, “limes” era a designação da fronteira entre o Império Romano e as tribos germânicas não conquistadas, a norte.

Enquanto o “latim erudito” viria ser a língua adotada pela Igreja Cristã durante séculos, o “latim vulgar” evoluiu gradualmente estando na base da formação das línguas românicas europeias atuais: tais como o português, o italiano, o castelhano, o francês, o romeno e o catalão, entre outras. Durante séculos, estes idiomas mantiveram-se como línguas orais, até estabilizarem a sua estrutura semântica e sintática e constituírem línguas nacionais.



19 Aulo Metelo (L'Arringatore) – O Orador, Roma, início do século I a. C.
Esta escultura em bronze representa o *cives romanus* típico – o cidadão de plenos direitos, o patricio – em pleno ato de pronunciar um discurso, uma ação que reflete explicitamente a sua condição social.
Na sua base, a estátua apresenta uma inscrição em latim, *Aule Metele* ou *Aulus Metellus*, talvez o nome do orador representado.
A pose e as vestes – a *toga virilis* – são comuns a muitas outras estátuas deste género de “estátuas-retrato”, já distantes da tradição helenística, mas ainda próximo do último período da escultura etrusca.

A retórica

Retórica, do latim *rhetorica*, significa “a arte de bem falar”, ou seja, “a arte de comunicar de forma eficaz, assertiva e persuasiva”.

No Senado, onde as ideias, as opiniões e os juízos eram debatidos até à exaustão, esta arte da argumentação, tornou-se o principal recurso de que o senador dispunha para convencer os seus opositores.

A retórica surge na Grécia Antiga ligada à democracia e ao exercício da política, isto é, a defesa dos interesses da cidade. No início, a retórica não passava de um conjunto de técnicas de bem falar e de persuasão usadas nas discussões públicas, nas quais os filósofos sofistas adquiriram grande prestígio no século V a. C., como Górgias e Protágoras [Pag. 39].

Mas, na sua obra *Retórica*, Aristóteles sistematizou o seu estudo considerando que a retórica opera a três níveis:

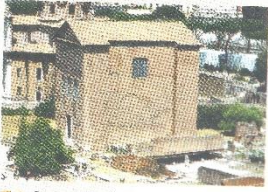
- (1) o *ethos*, a forma como o orador convence o público;
- (2) o *pathos*, fazendo despertar emoções no público;
- (3) o *logos*, o uso da razão para a construção de um argumento.

Em Roma, Cícero (106-43 a. C.) foi o maior dos oradores e pensadores políticos. Considerando que o objetivo do orador era agradar, provar e comover, Cícero tratou os fundamentos da retórica nas obras *De Oratore* e *Orator*, elevando-a à categoria de ciência. Os seus discursos ficaram célebres pela eloquência, flexibilidade e habilidade na dialética.



20 Cícero discursando no Senado, Palácio Madama, Roma, século I a. C.
Este fresco representa Cícero discursando na *Curia Hostilia*, a primeira sede do Senado romano.

EXERCÍCIOS PRÁTICOS



1. Curia Julia, Roma, 44 a. C.

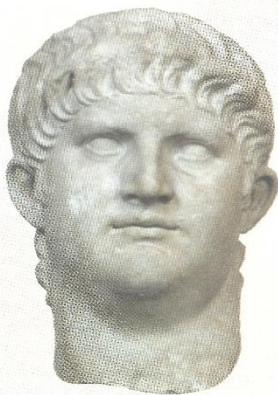


2. Cicero (106-43 a. C.).

GRUPO I

1. O Período Republicano da civilização romana caracterizou-se pela afirmação de Roma, não só na península Itálica como também sobre todo o espaço do Mediterrâneo, que conduziria à edificação de um dos maiores impérios da história.
 - a) Explique a organização da sociedade romana, referindo as diversas classes sociais e a sua participação no sistema social e político de Roma.
 - b) Indique os fatores que favoreceram a expansão e a afirmação da civilização romana.
2. O Senado era a mais alta autoridade do Estado e constituía a mais antiga assembleia política da Antiguidade.
 - a) Na Fig. 1, podemos ver o edifício da Curia Julia onde se reunia o Senado. Refira as principais funções deste órgão e explique a sua importância nos destinos da República.
 - b) Explique em que consistia o *cursus honorum* e apresente as principais magistraturas.
 - c) Cícero [Fig. 2] foi o maior orador e político romano. Evidencie a importância da retórica como principal recurso dos senadores para o exercício da política no Senado.

GRUPO II



3. Nero (37-68).

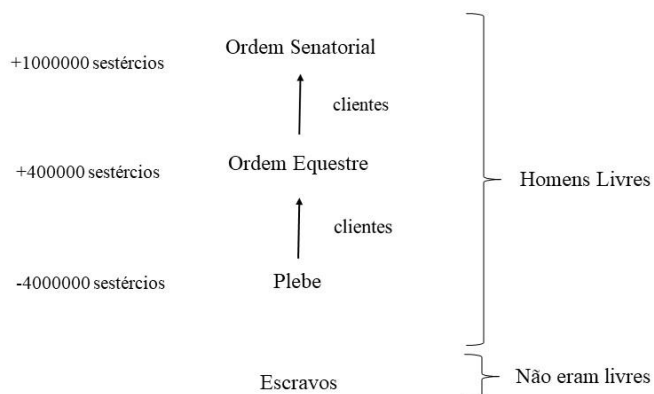
1. Dotado de um extraordinário sentido político, Otávio [Fig. 4] sucedeu a Júlio César em 30 a. C. e assumiu os principais poderes do Senado e da Lei Romana, lançando as bases do Império.
 - a) Indique os três principais poderes que Otávio concentrou em si, explicando o âmbito de cada um deles.
 - b) Apresente os vários planos da ação política, militar, social, cultural e religiosa de Otávio, que contribuíram para a designada "Idade de Ouro" da civilização romana.
 - c) Refira quatro fatores de romanização e que favoreceram a unidade política e administrativa de todo o Império.
2. O governo de Nero [Fig. 3] ficou ligado, sobretudo, ao trágico incêndio que destruiu grande parte da cidade de Roma.
 - a) Evidencie as razões que favoreceram a propagação do incêndio e apresente as consequências da tragédia, quer a nível social e político, quer a nível urbanístico.



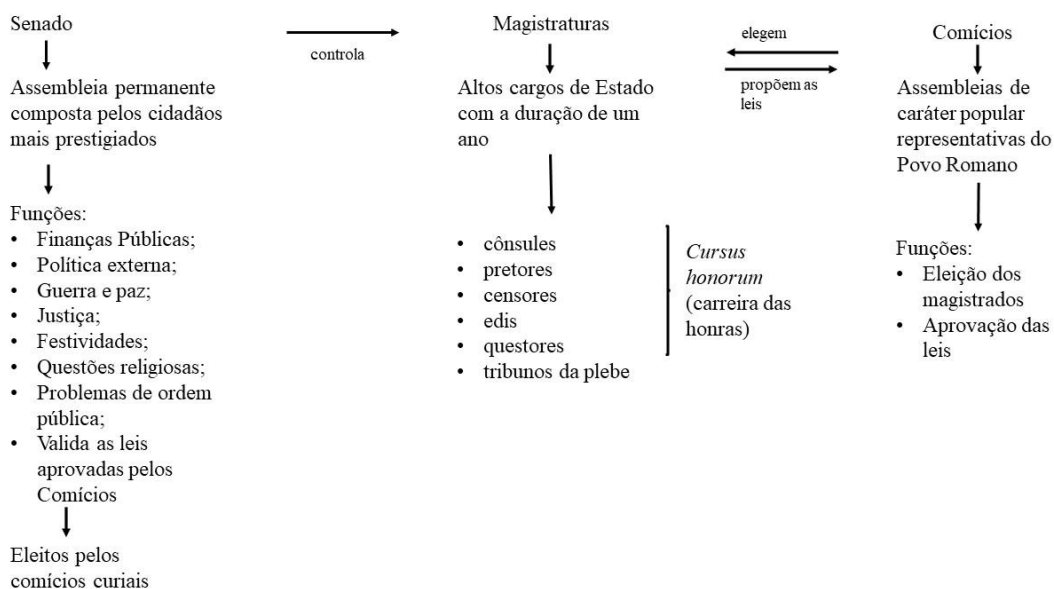
4. Otávio César Augusto (63 a. C.-14 d. C.).

Esquemas conceptuais

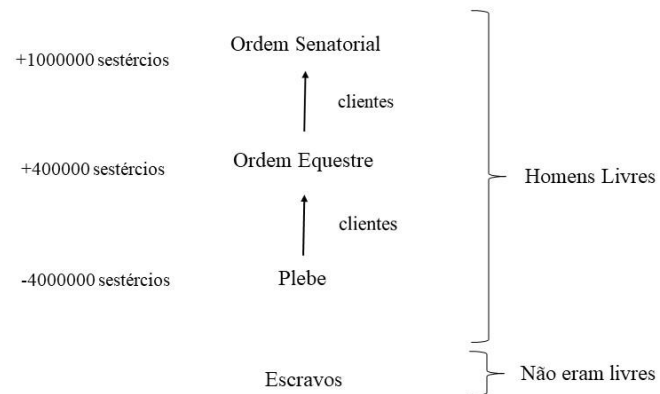
Mito da Fundação de Roma



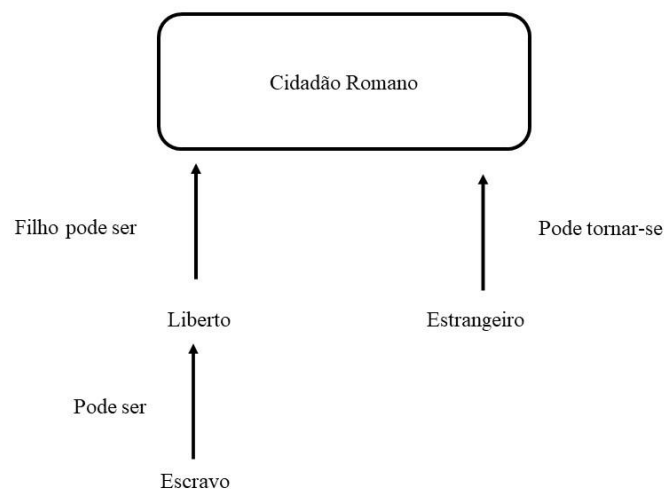
Senado e Magistraturas



Sociedade Romana



Cidadão Romano



Arquitetura Renascentista

Planificações

Planificação da Primeira Aula sobre Arquitetura Renascentista



Ano: 10.º Turma: L Tempo: 100 minutos Hora: Lição n.º: Data: Mestranda: Mariana Cerejo Professora Cooperante: Professora Doutora Luísa Soares	Tema: A Arquitetura renascentista Unidade Didática: Módulo 5 - A Cultura do Palácio Subunidade didática: Brunelleschi e as regras da composição arquitetónica Alberti e a emergência tratadística Sumário: Brunelleschi e a arquitetura à "Antiga". A emergência da tratadística: Aberti.
---	--

Conteúdos	Dominios	Metas de Aprendizagem	Conceitos Estruturantes	Estratégias e Metodologias	Tempo	Avaliação	Recursos
<ul style="list-style-type: none"> Arquitetura romana 	<ul style="list-style-type: none"> Compreender as regras da composição arquitetónica Entender a emergência da tratadística 	<ul style="list-style-type: none"> Compreender a criação de uma arquitetura à "Antiga" Entender a emergência da tratadística 	<ul style="list-style-type: none"> Classicismo Harmonia Proporção Racionalismo Proporção 	<ul style="list-style-type: none"> Entrada dos alunos; Sumário; Chamada; Realização de um resumo da aula anterior; Introdução a Filippo Brunelleschi; Entrega de uma ficha de trabalho aos alunos; Análise da cúpula <i>Santa Maria del Fiore</i>; Visualização de um vídeo sobre a cúpula de <i>Santa Maria del Fiore</i>; Análise da Igreja do Espírito Santo; Análise da Capela dos Pazzi; Discussão sobre a tratadística; Introdução a Leo Battista Alberti; Explicação sobre <i>De re aedificatoria</i>; Realização de um jogo; 	5 m 2m 1m 3m 7m 1m 7m 4m 7m 7m 5m 7m 6m 3m	Observação de aula e registo posterior Participação oral dos alunos	Computador Projetor Powerpoint Quadro Caderno Caneta Smartphone

				<ul style="list-style-type: none"> Discussão sobre os excertos selecionados; Análise da fachada da Igreja de <i>Santa Maria della Novella</i>; Análise da Igreja de Santo André; Revisão da ficha de trabalho entregue aos alunos; Realização de um resumo da aula por de parte dos alunos. 	7m 7m 7m 6m 3m		
--	--	--	--	--	----------------------------	--	--

Planificação da Segunda Aula sobre Arquitetura Renascentista



Ano: 10.º Turma: L Tempo: 100 minutos Hora: Lição n.º: Data: Mestranda: Mariana Cerejo Professora Cooperante: Professora Doutora Luisa Soares	Tema: A Arquitetura Renascentista Unidade Didática: Módulo 5 - A Cultura do Palácio Subunidade didática: A difusão da arquitetura renascentista: da severidade florentina à arquitetura ornamental Bramante e Miguel Ângelo: os criadores da arquitetura do Alto Renascimento Sumário: A difusão da arquitetura renascentista: da severidade florentina à arquitetura ornamental. O Alto Renascimento: Bramante e Miguel Ângelo.
---	---

Conteúdos	Domínios	Metas de Aprendizagem	Conceitos Estruturantes	Estratégias e Metodologias	Tempo	Avaliação	Recursos
<ul style="list-style-type: none"> Arquitetura romana 	<ul style="list-style-type: none"> Compreender a difusão da arquitetura renascentista Identificar aspetos fundamentais da obra de Bramante e Miguel Ângelo 	<ul style="list-style-type: none"> Compreender a difusão da arquitetura renascentista Identificar aspetos fundamentais da obra de Bramante e Miguel Ângelo 	<ul style="list-style-type: none"> Classicismo Harmonia Proporção Racionalismo Alto Renascimento 	<ul style="list-style-type: none"> Entrada dos alunos; Sumário; Chamada; Realização de um resumo da aula anterior; Situar os alunos no espaço e no tempo; Explicação sobre a arqueologia e o colecionismo; Introdução a Bramante através de uma pequena biografia; Análise do <i>Tempietto de San Pietro in Montorio</i> de Bramante; Introdução à figura de Miguel Ângelo através de uma pequena biografia; Explicação sobre Miguel Ângelo e a arquitetura; 	5 m 2m 1m 3m 4m 5m 5m 10m 6m 5m	Observação de aula e registo posterior Participação oral dos alunos Correção da Ficha de Trabalho	Computador Projetor Powerpoint Quadro Caderno Caneta Fichas de Trabalho

1

				<ul style="list-style-type: none"> Leitura e análise de um documento escrito; A importância do desenho; Análise da Basílica de S. Pedro do Vaticano; Finalização da ficha iniciada na aula anterior; Visualização de um vídeo sobre os conteúdos estudados; Realização de exercícios; Resumo da aula por de parte dos alunos. 	5m 5m 10m 6m 4m 20m 3m		
--	--	--	--	--	--	--	--

Mestrado em Ensino de História no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário
A INFLUÊNCIA DA ARTE CLÁSSICA NA ARTE RENASCENTISTA: UM CASO PRÁTICO

Planificação da Terceira Aula sobre Arquitetura Renascentista



<p>Ano: 10.º Turma: L Tempo: 100 minutos Hora: Lição n.º: Data: Mestranda: Mariana Cerejo Professora Cooperante: Professora Doutora Luísa Soares</p>	<p>Tema: A Arquitetura renascentista Unidade Didática: Módulo 5 - A Cultura do Palácio Subunidade didática: Arquitetura civil no Renascimento. O urbanismo renascentista. Sumário: Arquitetura civil no Renascimento. O urbanismo renascentista.</p>
--	---

Conteúdos	Domínios	Metas de Aprendizagem	Conceitos Estruturantes	Estratégias e Metodologias	Tempo	Avaliação	Recursos
<ul style="list-style-type: none"> Arquitetura romana 	<ul style="list-style-type: none"> Identificar elementos presentes nos palácios renascentistas; Compreender o urbanismo no renascimento; Entender a ideia de cidade ideal 	<ul style="list-style-type: none"> Identificar elementos presentes nos palácios renascentistas; Compreender o urbanismo no renascimento; Entender a ideia de cidade ideal. 	<ul style="list-style-type: none"> Urbanismo Proporção Harmonia 	<ul style="list-style-type: none"> Entrada dos alunos; Sumário; Chamada; Realização de um resumo sobre a aula anterior; Diálogo com os alunos sobre o Palácio; Análise do Palácio <i>Medici-Riccardi</i>; Análise do Palácio Rucelai; Breve análise do Palácio Farnese; Diálogo sobre as <i>villae</i>; Análise da <i>Vila Capra</i>; Diálogo sobre o urbanismo; Breve análise da Praça Ducal de Vigevano; Breve análise da Praça do Capitólio; 	<p>5m 3m 1m 3m 6m 10m 10m 5m 5m 8m 5m 5m 7m</p>	<p>Observação de aula e registo posterior Participação oral dos alunos</p>	<p>Computador Projetor Powerpoint Quadro Caderno Caneta</p>

1

				<ul style="list-style-type: none"> Introdução à cidade ideal do Renascimento; Resumo da aula por de parte dos alunos; Diálogo com os alunos sobre os conteúdos estudados nesta aula, em relação aos conteúdos estudados nas aulas anteriores. 	<p>8m 3m 7m</p>		
--	--	--	--	--	-------------------------	--	--

Ficha de Trabalho

Nome:	Data:
N.º:	Turma:

Arquitetura Renascentista

Inspiração Clássica	Inovações
<ul style="list-style-type: none">• Cúpula• Arco de Volta Perfeita• Colunas com ordem clássica• Frontões Triangulares• Abóbadas de Berço	<ul style="list-style-type: none">• Cornijas• Balaustradas• Proporções do corpo humano• Homem como medida das coisas• Ponto de Fuga

Caracterização
<ul style="list-style-type: none">• Simetria• Harmonia• Proporção• Intelecto humano• Matemática• Geometria• Planta Central• Formas geométricas perfeitas• Pensamento neoplatónico• Desenho

Jogo: Alberti ou Vitrúvio

Apresentação PowerPoint com as Questões

Alberti ou Vitrúvio?

1-"Nas representações de Deuses e Heróis, o escultor devia tentar(...)expressar o carácter e vida da pessoa"


2-"Examinei todos os edifícios da Antiguidade (...), (...) examinando, medindo e desenhando tudo o que é possível para dominar tudo o que o trabalho e a inteligência do Homem oferece neste monumentos."

3-"(...) ele deve estudar gramática, ter uma sólida compreensão de desenho, um conhecimento excelente de geometria, algumas ideias de ótica e um bom conhecimento de aritmética. Também deve conhecer História, filosofia, música, medicina, direito, astronomia e os movimentos dos céus."

4- "(...) absolutamente necessário para o arquiteto é a pintura e a matemática. Não interessa se é bem versado nas outras. Pois nós não partilhamos a opinião de quem diz que o arquiteto deve ser um advogado... nem lhe requeremos que seja um astrónomo proficiente... um músico perfeito ou um orador."

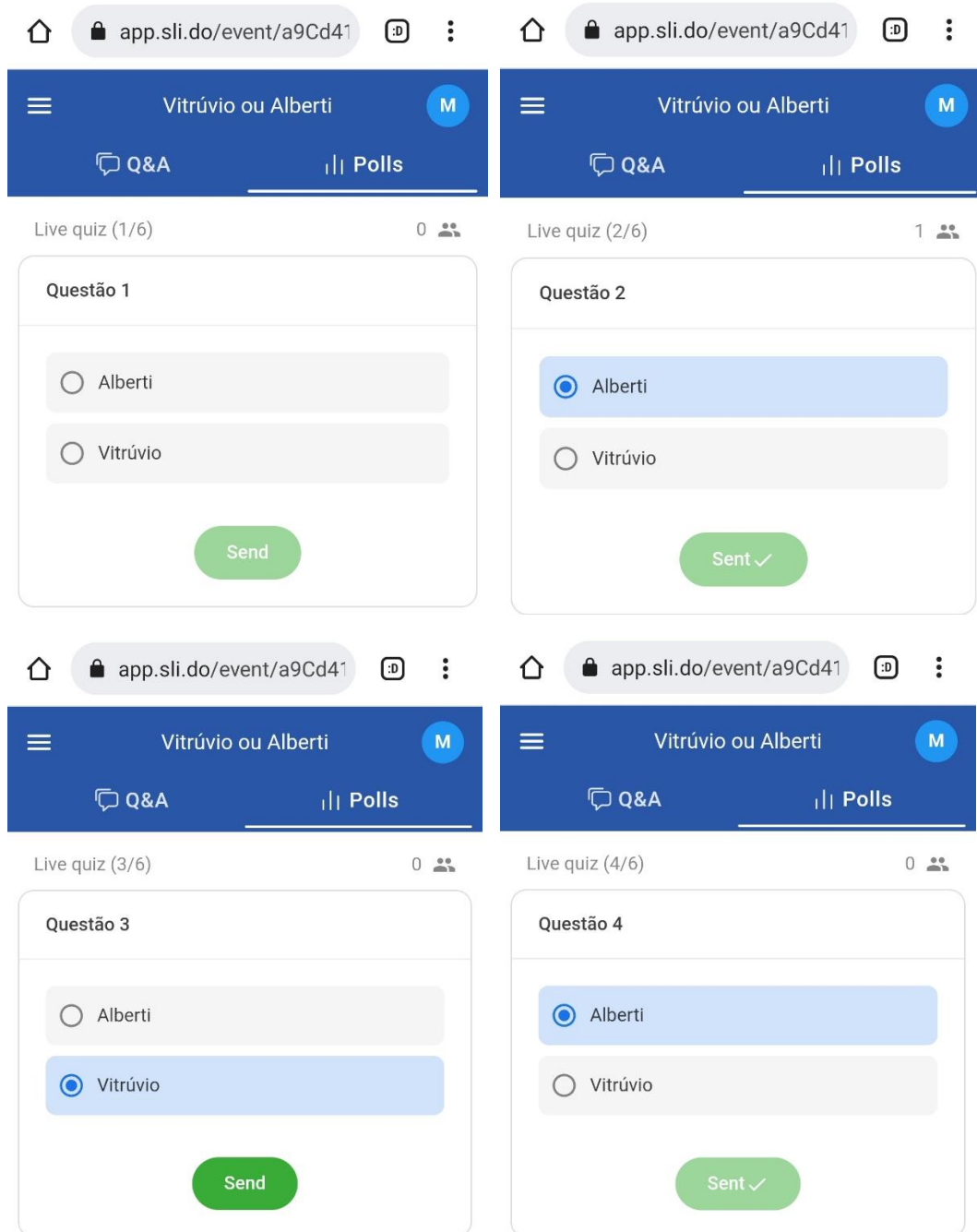
5- " Eu não exitei em lhe apresentar imediatamente este tratado, para que não só a República, recentemente enriquecida com províncias, mas também o coração do próprio império possa ser finamente decorado com edifícios públicos."

6- “(...) é tão necessário para a comunidade como é para o cidadão. É particularmente agradável para o homem como um todo, e certamente uma das mais importantes artes.”



Mestrado em Ensino de História no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário
A INFLUÊNCIA DA ARTE CLÁSSICA NA ARTE RENASCENTISTA: UM CASO PRÁTICO

As respostas no *Slido*



Mestrado em Ensino de História no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário
A INFLUÊNCIA DA ARTE CLÁSSICA NA ARTE RENASCENTISTA: UM CASO PRÁTICO

The image displays two side-by-side screenshots of a Slido poll interface. Both screenshots show a poll titled "Vitrúvio ou Alberti" with a "M" icon in the top right corner. The interface includes a "Q&A" icon and a "Polls" icon in the top navigation bar. Below the navigation bar, the poll status is shown as "Live quiz (5/6)" and "0" participants on the left, and "Live quiz (6/6)" and "0" participants on the right.

Questão 5

- Alberti
- Vitrúvio

Send

Questão 6

- Alberti
- Vitrúvio

Send